

Praças de Touros no Alentejo

O Alentejo tem uma das maiores concentrações de Praças de Touros da Península Ibérica. Muitos desses tauródromos, apresentam mais de um século de existência, enquadrando-se no panorama nacional como marcos arquitectónicos da tradição cultural. O trabalho *Praças de Touros no Alentejo* pretende através da análise desta tipologia pouco estudada, alertar para os riscos a que esta herança cultural está actualmente sujeita, bem como servir de suporte a futuros estudos sobre o tema.

Índice

Introdução - 1

Estado da arte - 4

1-Touro

História - 17

Ganadarias - 22

2-Homem

História - 33

Toureio - 52

3-Praça

História - 65

Taurodromos - 82

Mourão - 97

Reguengos - 115

São Manços - 133

Redondo - 155

Conclusão - 192

Glossário - 198

Bibliografia - 200

Índice de figuras - 204

Índice de Desenhos (autor) - 214

Índice de Mapas (autor) - 216

Introdução

*'A Festa Taurina é, sem dúvida, um dos mais curiosos e interessantes documentos etnográficos, genuinamente Hispano-Luso...'*¹

Se a tourada é segundo o artista, jornalista e crítico tauromáquico Antonio Martin Maqueda, um interessante documento etnográfico, que nos caracteriza como povo Ibérico, poder-se-à afirmar que a praça de touros é um ícone arquitectónico não só da festa taurina, bem como da cultura arquitectónica Ibérica.

Apesar da importância histórica e cultural destes equipamentos em território nacional, os tauródromos nunca despertaram interesse suficiente no meio arquitectónico português, pelo que não se conhecem estudos aprofundados sobre estes espaços. A maioria dos trabalhos e artigos sobre praças de touros apenas abordam superficialmente o tema, centrando-se em aspectos históricos, por vezes apontando algum aspecto estético ou formal do edifício, mas quase sempre fora do âmbito da arquitectura.

Este trabalho procura alertar a comunidade para a importância que as praças de touros desempenham no panorama cultural e social do país, mais

especificamente na região do Alentejo, tendo em conta a fragilidade que actualmente existe no que toca à sua preservação.

Apesar do recente aumento a nível nacional do número de espectáculos bem como de transmissões televisivas², impulsionado pela construção dos novos multiusos³, o número de corridas anuais nas restantes praças de touros do país não se alterou significativamente. Estes novos espaços encontram-se dotados de infra-estruturas que permitem um maior conforto e realização de eventos que não estejam necessariamente relacionados com o mundo Tauromáquico, independentemente das condições meteorológicas e época do ano⁴. Esta necessidade de plurifuncionalidade do espaço, aliada ao próprio projecto de reconversão de alguns destes novos tauródromos acabou por desvirtua-los, adulterando-lhes o espaço, a memória, a estética e a função.

Estas novas arenas têm um grande poder centralizador, absorvendo grande percentagem dos espectáculos, ao mesmo tempo que servem de elemento charneira entre o mundo tauromáquico e os restantes espectáculos, levando público às praças de touros que dificilmente entraria nestes recintos para assistir a uma tourada.

¹ Maqueda, Antonio Martin : 1956. *Sabe ver uma corrida de touros?* p.19

² Segundo os números do IGAC (Inspeção Geral das Actividades Culturais), entre as épocas de 2004 e 2008 houve um crescimento de 31 corridas de touros anuais, sendo que na época de 2008 foram realizadas 186 touradas, às quais assistiram mais 220142 pessoas que em igual período de 2004. O número de transmissões televisivas também aumentou tendo sido transmitidos em 2008 11 espectáculos, mais 8 que em igual período de 2005. Estes números deverão ser tidos em conta se considerarmos a inauguração da Praça de Touros do Campo Pequeno (2005), Coliseu José Rondão de Almeida (2006) e Arena de Évora (2007)

³ Campo Pequeno, Arena de Évora, Coliseu de Redondo e Coliseu José Rondão Almeida (Elvas). Também se deverá ter em conta a Praça de Touros de Albufeira, apesar de apresentar características diferentes das restantes, estando principalmente vocacionada para o turismo.

⁴ Em Portugal, a época taurina inicia-se oficialmente no Domingo de Páscoa e encerra no dia 1 de Novembro (Dia de todos os Santos).

É esta rentabilização do espaço que actualmente nos aponta o futuro destes edifícios. Actualmente pode-se conjecturar sobre o futuro da 'Festa Brava'. Por maior apreço que exista da parte da população pelo espectáculo, não podemos esquecer que existe actualmente uma variedade de opções no campo do entretenimento que gradualmente lhe vieram tirar o protagonismo de outros tempos. Não obstante, existem também as condicionantes sociais do nosso país. A entrada para a União Europeia veio uniformizar as políticas dentro dos seus estados membros. Este facto, aliado à controvérsia que a tourada levanta entre os movimentos protectores dos direitos dos animais seja em território ibérico, seja no resto da Europa, indica-nos que a médio-longo prazo este espectáculo seja condicionado/alterado por força do poder central europeu ou até mesmo do próprio governo português, como aconteceu recentemente ao proibir o uso de animais selvagens nos circos portugueses. Se o gosto pela tauromaquia se desvanecer, quer pelas alterações das preferências do público, quer por influência do poder do Estado ou da União Europeia, apenas os tauródromos que se adaptaram às novas exigências do público, neste caso os novos multiusos, poderão reunir condições para continuar, apagando assim os traços de uma cultura que nos marcou durante séculos.

Actualmente os tauródromos tradicionais apresentam também uma série de problemas que se centram em redor de sua gestão e manutenção. A maioria destes espaços apenas são utilizados por regra, duas a três vezes por ano. Esta situação não deixa grande margem de manobra às entidades responsáveis¹, que muitas das vezes não reúnem fundos suficientes para a sua manutenção, acabando muitos deles por ficar ao abandono, tal como aconteceu no caso de Redondo em que foi necessária a intervenção da Câmara Municipal para a remodelação e reconversão do recinto.

Após uma recolha e análise preliminar de dados sobre a localização das actuais praças de touros em território Ibérico, constatou-se que o Alentejo apresenta uma das maiores concentrações de tauródromos, quer por habitante, quer por km². Esta realidade tornou-se ainda mais notória devido ao encerramento de alguns destes recintos ao longo do século XX em território nacional², e o aparecimento de muitos outros, especialmente nesta região de Portugal.

Pela possibilidade de se perderem estes marcos da nossa cultura sem que haja um interesse no reconhecimento da sua importância, torna-se imperativo levantar a discussão sobre o futuro das

¹ Muitas das vezes Instituições de Solidariedade locais, Juntas de Freguesia e Comissões de Festas locais

² Morais(1992), refere vários exemplos de Tauródromos que existiram durante o século XX, dos quais não existe muito mais informação que alguns dados históricos.

praças de touros no nosso país e especialmente no Alentejo, região onde estes apresentam uma grande especificidade e vínculo à cultura tradicional popular.

O estudo encontra-se dividido em três capítulos. Os primeiros dois introduzem-nos os intervenientes do espectáculo, *Touro* e *Homem*. Já no terceiro capítulo, *Praça*, é aprofundada a evolução da praça de touros, sendo que se especifica o estudo, descrevendo o panorama actual no Alentejo através da apresentação de quatro exemplos de tauródromos desta região. Cada um destes recintos espelha as características das restantes praças que obedecem a mesma tipologia construtiva e estética. Para compreender o porquê do aparecimento destes edifícios em tão grande número na região Alentejo, torna-se necessário estudar a evolução histórica das touradas, e consequentemente, estudar o papel do touro nas sociedades ao longo do tempo. Pretende-se apresentar a evolução dessa espécie, a forma como chegou até território Peninsular e como se tornou no actual touro de lide. Ao perceber esta evolução, bem como a do próprio toureio em Portugal e Espanha, compreendendo as suas diferentes características, talvez se possa deduzir de que forma é que este gosto pelas touradas se enraizou de maneira tão marcante no Alentejo.

Este trabalho pretende entender o fenómeno do elevado número de praças nesta região, perceber qual a importância destas no panorama Alentejano, e principalmente, analisar as praças do ponto de vista arquitectónico, visto julgar-se não existir nenhum levantamento deste tipo.

Desta forma pretende-se criar bases para futuros estudos sobre este tipo de património, que corre o risco de desaparecer ou ser irremediavelmente adulterado.

Estado da Arte

Em Portugal, actualmente existe um número considerável de literatura relacionada com a temática do toureio. Alguns dos trabalhos existentes sobre o tema, carecem de um aprofundamento para além do conhecimento empírico que muitos dos autores têm sobre o tema. Esta aparente falta de rigor contrasta com a qualidade dos elementos gráficos presente na maioria destes trabalhos. Estas obras centram-se muitas vezes no espectáculo em si, abordando factos históricos, evolucionais, acontecimentos importantes que originaram o seu aparecimento, bem como todo o folclore que rodeia a tourada.

Em Portugal as praças de touros foram até à pouco tempo encaradas, salvo raras excepções, como um elemento funcional necessário para o espectáculo não merecendo o relevo de outros temas relacionados com a tourada. Já em Espanha existem vários trabalhos com algum rigor sobre o assunto, existindo actualmente registos bastante sólidos e organizados sobre alguns tauródromos que desapareceram ou sofreram alterações.

Em Portugal os trabalhos que abordam este tema, focam-se nos registos de algumas datas de inaugurações de tauródromos ou de actuações de determinados toureiros numa qualquer praça de touros. Ou então apoiam-se em registos gráficos, para ilustrar a existência de um recinto, muitas das vezes não coincidindo a informação anexa à ilustração aos registos

históricos presentes noutros trabalhos.

Este estudo na sua génese baseou-se em dois trabalhos, ainda que pouco rigorosos no que toca à caracterização de alguns tauródromos, mas que ajudaram a perceber o fenómeno das praças de touros em território nacional. São eles o *A Praça de Toiros de Lisboa*¹, escrito pelo advogado António Manuel Morais, e *Praças de Touros em Portugal*² de J. Nunes Oliveira. Enquanto Oliveira faz um levantamento fotográfico da maioria das praças de touros existentes em Portugal acompanhado de uns breves dados históricos, Morais para além de apresentar um pouco da história da tourada e do Campo Pequeno, refere uma série de localidades onde se sabe ter existido praça de touros ou pelo menos ter-se realizado uma corrida de touros. Estes dois trabalhos apesar de apresentarem divergências no que toca a alguns dados técnicos sobre algumas praças de touros que existiriam à data da publicação do livro *Praças de Touros em Portugal*, proporcionam um conhecimento do panorama nacional quer a nível da sua distribuição territorial, quer do período de construção destes edifícios, o que no trabalho se revelou fundamental para a categorização destes equipamentos.

Do ponto de vista da evolução dos tauródromos, este trabalho baseou-se numa terceira obra, a *História da Tauromaquia*³ do escritor Jayme Duarte de Almeida, que apesar da sua antiguidade, actualmente ainda é

1 Morais, António Manuel, 1992

2 Olivera, J. Nunes, 1997

3 Almeida, Jayme Duarte de, 1953

uma referência dentro da literatura sobre o tema. Este trabalho aborda tudo o que gira em torno do mundo da tauromaquia, apresentando um capítulo focado na evolução da praça de touros.

De forma a completar e confirmar alguma da informação que nos é fornecida nos trabalhos anteriormente enunciados, recorreu-se à consulta de algumas publicações periódicas como o jornal *O Toureiro (1876-1891)*, a revista *Panorama nº25 e 26 (1945)* e o jornal *Festa (1955-1957)*, bem como outras publicações realizadas ao longo do mesmo século. Para além deste tipo de publicações recorreu-se ainda ao anuário feito pela Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, *Ganadarias Portuguesas 2006* onde se encontram os dados de todas as ganadarias portuguesas, praças de touros e legislação taurina. Também se encontram nesta publicação oficial algumas incoerências no que toca à listagem das praças de touros actualmente existentes em Portugal.

No que toca a todos os outros aspectos relacionados com o mundo Tauromáquico, existe bastante bibliografia, sendo que maior parte das publicações feitas por autores portugueses se assemelham entre elas na forma como apresentam o tema.

Como base para os dois primeiros capítulos do trabalho, utilizaram-se como obras de referência *O toiro de lide*

*em Portugal*¹, *Historia, cultura y memoria del arte de torear*², *O Puro Sangue Lusitano*³, *O toureio equestre em Portugal*⁴ e *Sabe ver uma corrida de touros?*⁵.

No livro *O toiro de lide em Portugal*, o conferencista e ex-ganadeiro Dr. Francisco Palha Botelho Neves descreve a origem do actual touro bravo ou de lide, e começa por fazer um breve apanhado histórico, neste caso acompanhado de registos gráficos como ilustrações de textos, fotografias, pinturas e mapas. Apesar do livro girar em torno da figura do touro, explicando o papel e funcionamento da ganadaria este livro acaba por falar da evolução da tourada, mostrando em certas ocasiões o recinto onde se lidavam os touros (desde os lanceamentos em campo aberto, até às touradas nas actuais praças de touros). Já *O toureio equestre em Portugal*, do engenheiro Fernando Sommer de Andrade tal como na obra de Neves, faz um apanhado histórico sobre o tema. Mas ao invés de se centrar no touro em si, esta obra foca-se na corrida de touros e em tudo o que a rodeia. Também aborda a temática da evolução do recinto, tendo variados registos gráficos sobre o tema.

Enquanto *O Toiro de lide em Portugal* se centra na figura do touro *O Puro Sangue Lusitano* do escritor licenciado em ecónomia Manuel Maria Lancastre, procura apresentar quais as melhores coudelarias

1 Neves, Francisco Palha Botelho, 1992

2 Moreiro, José María, 1994

3 Lancastre, Manuel Maria, 2000

4 Andrade, Fernando Sommer de, 1991

5 Maqueda, Antonio Martin, 1956

portuguesas. No fundo, o livro é um conjunto de registos de prémios obtidos pelas coudelarias com seus cavalos, acompanhados de uma breve história da exploração. O autor também refere as coudelarias que criam cavalos para o toureio, estando estas separadas das restantes no respectivo livro, acentuando-se assim a diferença entre estes tipos de explorações de criação de cavalos.

As obras acima citadas apresentam um carácter pragmático e apenas procuram ilustrar o fenómeno em Portugal. Já o escritor espanhol José María Moreiro em *Historia, cultura y memora del arte de torear*, fala das possíveis origens do toureio, descrevendo os rituais, jogos, treinos militares, etc... que giravam em torno do embate entre o touro bravo e o homem, que se deram ao longo de milénios passando por variadas civilizações. Moreiro além de explicar as origens, fala do impacto que as touradas tiveram na sociedade espanhola ao longo dos séculos, mostrando a sua importância em campos como o da política, religião, arte ou economia. Este autor não se esquece também de explicar as origens dos intervenientes - toureiros, ganadeiros, empresários, etc... - falando também dos que se opõem aos espectáculos tauromáquicos, geralmente do ponto de vista de um entusiasta do espectáculo mas não caindo em radicalismos como alguns dos autores que escrevem

em torno deste tema.

Enquanto Moreiro especula sobre o tema, levanta questões sobre o futuro e as reais origens do toureio, Maqueda em *Sabe ver uma corrida de touros?* apresenta a corrida de touros, explicando o significado de maior parte dos termos ligados a esta actividade em jeito de Enciclopédia. Todo este estudo, está ilustrado com esboços do autor. Esta obra, pela sua clareza, torna-se um elemento chave para a melhor compreensão de tudo o que envolve uma corrida de touros. Ao contrário dos outros livros, este não se apoia nas suas gravuras como tantos outros livros que anteriormente foram referidos, sendo estas um mero instrumento para clarificar alguns conceitos.

Também no âmbito da arquitectura, simultaneamente à realização deste trabalho, foi efectuado outro com características semelhantes, na Universidade de Coimbra, Abrir Praça, por Marina Alexandra Rodrigues Neves. Apesar de partilhar do mesmo objecto de estudo, esta dissertação procurou catalogar os tauródromos existentes Portugal de forma objectiva, sem qualquer tipo interpretação pessoal sobre o tema. A realização do trabalho *Abrir Praça*, simultaneamente ao presente estudo veio comprovar a lacuna existente nesta área, confirmando assim a urgência da realização da dissertação *Praças de Touros no Alentejo*.



Corrida efectuada en Béziers el 8 de Octubre.

Fue la última de gran cartel de esta temporada. Guerrita, Cenciño y el novato licenciado en sacromayoría Ricardo Torres, Bombita chico, fueron los encargados de pasar por esta coliseo de Béziers.

Fue primera vez, en nuestro Matadouro de Francia, fui a ver a Guerrita lidiar toros de Colmenar, que, según dicen algunos, no quiere toros. Rafael, mi abuelo, no supo resistir a tanto atractivo, y me acompañó a la corrida, y siempre estubo dispuesto a no perder nada de la faena del maestro que para mí continúa en su persona todo lo mejor de la lidia.

Verdad que los Buzónes fueron de poco respeto y acaso poder; parecían jóvenes y su tamaño no pasó de regular. Ligeros de pisa, y por lo general voluntarios, me fue el primero, que fui lidiado, ligeros muy manijeros, burlados los toreros. Aquí, por orden de mérito, los que los aguantó, según mi modesto parecer.

El sexto fue voluntario y revoloteó en varas, tomó aire por una calia y llegó en buenas condiciones a los otros toreros.

El quinto fue el más noble de todos, siendo además voluntario, pero de poco poder. Tomó seis varas, sin bajar en la caballería.

El cuarto salió con pida, voluntarios también, pero de poco poder, como los otros. Cinco varas y una calia.



Al torrear al paso.



Guerrita pasando de mulera al primer toro.

El tercero, nobilote, sin gran poder ni colada, tomó cinco varas y murió en el hocico en tierra, encorvado la arena, desparatando la vista y defendiéndose en talia. Hecho un queso, llegó a mano de Guerrita. Tomó las tres varas de rigor, librándose de la quema en el momento.

No pregunté al segundo, que se resaca de los cuartos traseros a consecuencia de una varita en el codo que lo quebrantó. A petición del público, quien retirarlo al corral, pero fallaban los cabestros. Guerrita salió pronto del apuro, tomando una mano y milanando al toro con mucha sangre fría y vista; lo que le valió una gran ovación.

Fue aguantado el novato en la misma plaza. Dieron una instantánea muy curiosa de este acontecimiento, que creo puede considerarse como único en la vida del gran torero.

El que salió en séptimo lugar fue de Ganero Chico, grande y bien puesto;

pero como salió repentinamente de la oscuridad del cajón a la luz de la plaza, fui tanto al principio, creciéndose después y tomando con varas por una calia. Cenciño.

Guerrita toró una buena tarde. Toró con serenidad, alegría y esa genial fantasía burlona; a tan gran torero.



Guerra muleando al segundo toro.

Corrió a campo limpio, juguetoso con las reses, lanzó de frente por detrás y dio el primer toro una larga y bonita figura y estilo que dejó a los toreros para aprenderle. Puso un par de banderillas al cuarto toro con tanta vista, elegancia y fuerza que la ovación llegó al colmo del entusiasmo.

Con un primer toro, incierto y cobardo, hizo una faena de gran inteligencia, lo tomó de cerca, muy cerca, consistiéndole y empujando bien; la res burlaba y desparatando la vista que era un primer, además de estar embarrado. Con unos pasos alboró al aborrecido Guerrita la cabeza, aprovechó con los terrenos camilados entre como un rayo, dejando una estocada en las mismas pindillas que seguramente no merecía el buen cobardo.

Los que miran a la buena ejecución de una suerte, no por lo valioso y al por lo inteligente y lo debido, aplaudieron a Rafael. Los que toreran.

El cuarto toro llegó convertido en macabro, y Rafael aprovechó estas condiciones para ejecutar una faena preciosa. Cifrándose, parando, dando pases gigantescos y de mucho presoncho, y requiriendo bien el toro, lo mató de una gran estocada.

El público alborotó aplaudiendo calurosamente las artísticas faenas.

Cenciño trabajó con denuedo y supo conquistar las simpatías del público. Su manera recuerda mucho al toro de su maestro; no puedo encontrar mejor comparación que la de llamarle un imitador de las faenas de Guerrita.



Manejó el capote con acierto y soltura, y se adelantó bien, intentando algunas veces las sueltas y juguetones de Guerrita. Clavó un par de banderillas de fruste con mucha vista y precisión.

Toró al bicho sereno con denuedo y de cerca, dando pases en redondo bien combinados, y agarró una buena estocada.

Con el toro sexto empezó confiado, pero se embarrilló después, no aprovechó los cuernos de Guerrita. No supo conquistar al toro y terminó en corto empujando bien, lo que debilitó la faena. Con el séptimo, muy valiente, cobrando una bonita estocada.

Tras de mí, mi deseo de ver a Bombita chico, y cuando lo vi en el paso, con soltura alegre, la sonrisa en los labios y la vena en los ojos, recordé al buen Emilio cuando, por primera vez, vino a nuestra plaza de Béziers actuando de banderillero en la cuadrilla de Faino. Verdad es que se parece mucho a su hermano cuando éste salía mismo grueso que ahora.

Un toro, como el de Bombita, se elegante, varío y de más lucimiento que probable.

Toró gustosamente, dándole así, pero de poca recia en cuanto al castigo de las reses.

Hay en este muchacho valiente sobra, bueno de mano, pero la falta de aprender, y me parece que es alternativo, algo prematuro, le causará perjuicio.

El cuarto toro llegó a sus manos en buenas condiciones. Ricardo dio una paza de mulera de cabra a rabo,

Ovación a Bombita chico por la muerte del sexto toro.



Fig.2



Fig.3

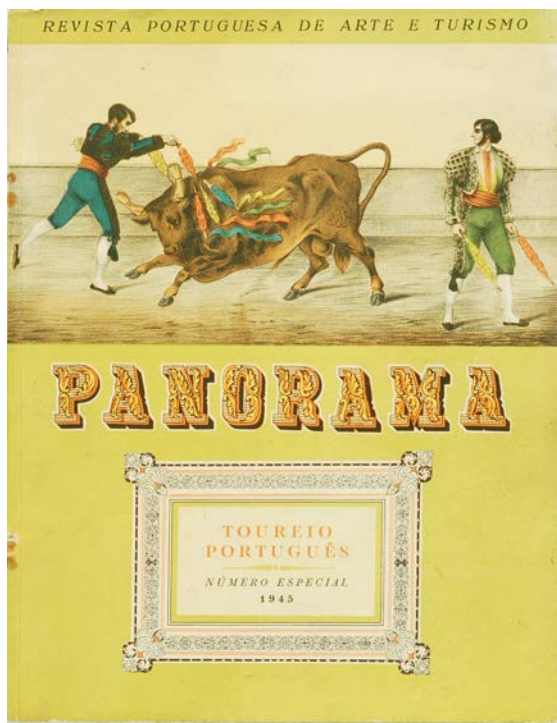


Fig.4



Fig.5

Fig.4 1955 Fig.5 1957



5

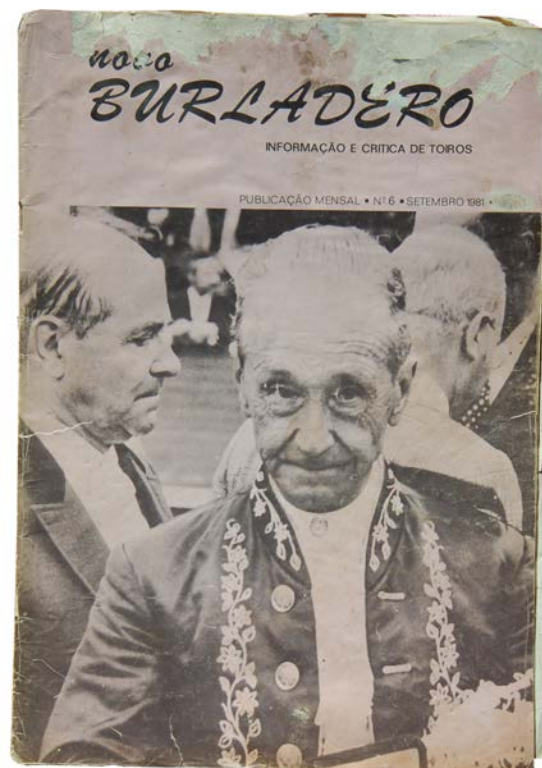


6

Fig.5 1945 Fig.6 1972



7



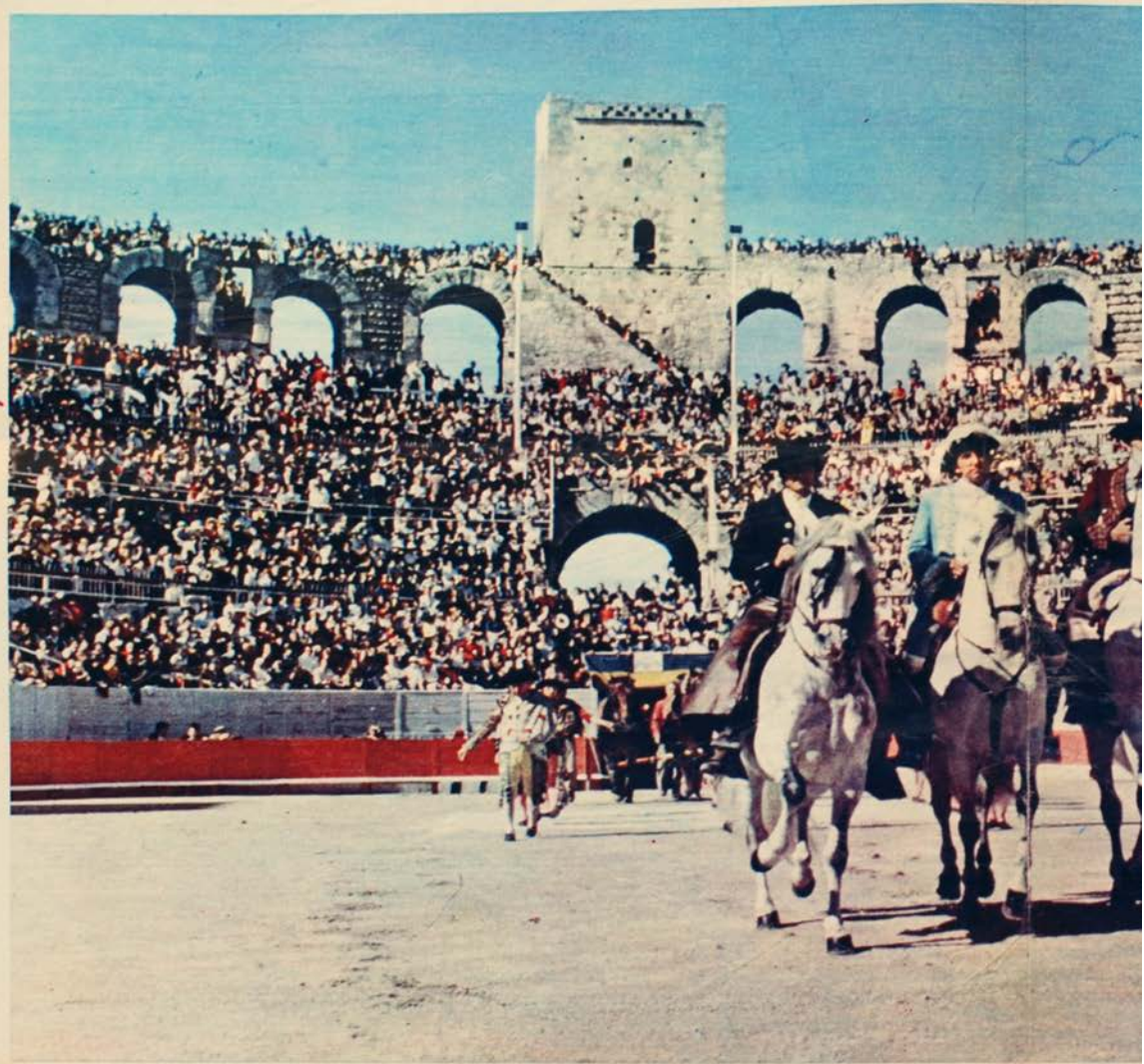
8

Fig.7 1967 Fig.8 1981

ANGEL PERALTA
RAFAEL PERALTA

ALVARO DOMECQ
JOSE SAMUEL «LUPI»

CONT



CONTINUAN SU GRAN APOTEOSIS



Touro

História

À cerca de 40 milhões de anos, com o aparecimento das grandes savanas na Terra, apareceram também os primeiros ruminantes ajustados ao novo tipo de vegetação. O primeiro ruminante do género *Bos*, *Bos Acutifrons* descoberto pelo paleontólogo e investigador Richard Lydekker em 1898, apareceu à cerca de 25 milhões de anos na Índia. Terá sido desta espécie que descenderam os Auroques (*Bos Primigenius*) à volta de 2 milhões de anos atrás. Não há certeza do local exacto do aparecimento desta espécie, havendo autores que referem a região da Mesopotâmia¹, outros, apoiados em estudos recentes afirmam que possivelmente terá aparecido na Índia², de onde terá partido em direcção ao ocidente. Mais consensual parece a teoria de que o Auroque se terá dividido, após a sua primeira evolução, em dois grupos, seguindo em direcção ao ocidente a partir da região da Mesopotâmia³. Um dos grupos seguiu através das planícies Europeias (*Bos Primigenius - Bojanus*), a outra seguiu pelo norte de África (*Bos Primigenius Mauretanicus*). Ainda existiu outra sub-espécie, que permaneceu em território Indiano, não sendo certo se esta terá migrado do Médio Oriente ou terá permanecido neste, tal como o *Bos Acutifrons*.

O Auroque⁴, apresentava características semelhantes às dos actuais bovinos, diferindo na pelagem, tamanho e morfologia dos chifres⁵. A domesticação das manadas mais dóceis deste animal, deu origem às raças actuais de bovinos, caso do Touro Europeu, *Bos Taurus*, e do touro proveniente do norte de África, o *Bos Taurus Mauritanicus*. Estes animais foram ao longo do tempo utilizados não só como fonte de alimento, bem como instrumento de trabalho. A evolução, acabou por reduzir a dimensão dos touros, bem como alterar as suas características físicas. Sabe-se que o último exemplar selvagem da espécie *Bos Primigenius*, se extinguiu nas florestas de Jaktorów, na Polónia, em 1627.

Devido às condicionantes geográficas, o território Ibérico, como referem vários autores, foi o ponto de encontro dos dois grupos deste bovino primitivo. Sabe-se que a espécie africana terá passado para território peninsular, pelo, então fechado, estreito de Gibraltar, dando origem as castas, Navarras, Jijonas, Barrosonas e Razo del Portillo, entre outras. A sub-espécie Europeia, terá passado pelos Pirineus, e deu origem às castas Alentejana, Cabrera, Gallhardo, Vista Hermosa, Vazquenha, entre outras. Segundo

1 Neves, Francisco Palha Botelho, *O Toiro de Lide em Portugal*, 1992.

2 Vuure, T. van, *HISTORY, MORPHOLOGY AND ECOLOGY OF THE AUROCHS (BOS PRIMIGENIUS)*, 2003.

3 Neves, Francisco Palha Botelho, *O Toiro de Lide em Portugal*, 1992.

4 Neves, refere a descrição do Auroque feita por Alberto Vera na sua obra *Origem e Historial das Ganadarias Bravas* como '... Gigantesco toiro de mais de dois metros de altura, de pelo negro listão com grandes cornos dobrados primeiro para a frente e depois para cima, era feroz, irascível e veloz na sua corrida.'

5 Vuure, T. van, *HISTORY, MORPHOLOGY AND ECOLOGY OF THE AUROCHS (BOS PRIMIGENIUS)*, 2003.

Andrade, já em território nacional, os dois grupos que em seu livro vêm nomeados como Bojani e Hahni, terão dado origem as espécies Ratinha (Bojani) e Alentejana (Hahni). Estas duas espécies ter-se-hão encontrado na zona do Vale do Tejo. O seu cruzamento como defende o autor, deu origem a animais, com temperamento agressivo, e com bastantes parecenças físicas com os actuais Touros bravos (*Bos Taurus Ibericus*). Esta constatação fez com que este autor suposesse que o touro bravo seria produto do cruzamento dos Aroques primitivos, que se encontraram na Península Ibérica¹. Já Neves, defende que as principais castas dos actuais Touros de lide, derivam da sub-espécie Africana, que segundo ele seria a mais agressiva. Já as castas bravas, que derivam da sub-espécie Europeia, terão desaparecido².

1 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991.

2 Neves, Francisco Palha Botelho, *O Toiro de Lide em Portugal*, 1992.



Fig.11 Dispersão geográfica do Auroque



Fig.12



Fig.13

Fig.12 Nos campos da Golegã, escolhendo toiros para uma corrida. **Fig.13** Bezerros



Fig.14



Fig.15

Fig.14 Tenta **Fig.15** Touros da Ganadaria Murteira Grave

Ganadaria

Em Espanha, com o aparecimento das primeiras ganadarias bravas¹, entre finais do séc. XVII e séc. XVIII, começaram-se a delinear as características que castas deveriam apresentar, para melhor adequação às exigências do toureio que se praticava na altura. Desde aí, que a selecção dos melhores espécimes, feita pelas ganadarias, começou a ser prática corrente.²

Em Portugal, essa prática começou com um século de atraso. Em geral, o touro bravo que existia, e que na altura era por alguns autores visto como uma espécie autóctone, não era mais que o Touro Andaluz do período pré-selectivo.

Esta alteração da espécie, como defende Andrade deu origem ao que hoje é chamado touro de lide, visto ter sido modificado com o fim específico de ser utilizado nas corridas de touros. Este apuramento da raça, tem continuado até aos dias de hoje, não só com o fim do aperfeiçoamento das características do Touro Bravo, mas também porque o próprio toureio tem evoluído. Cada ganadaria procura não só adequar os animais às exigências do toureio, bem como standardizar as suas reacções e características físicas. Esta tentativa de apuramento das castas procura também criar uma identidade própria para cada uma das explorações.³

Como refere Andrade, o Touro Bravo é criado em campo aberto, devendo ter o menor contacto possível com o homem, de forma a que a sua ingenuidade seja preservada. Esta é uma característica fundamental para a execução da lide. As ganadarias são estruturadas a partir do princípio que a bravura do touro deverá ser preservada. Para tal, uma exploração deverá ser vedada em diferentes porções de forma a separar os animais por sexos e idades de forma a facilitar trabalhos como o de selecção do gado, evitando assim contactos desnecessários com o homem.⁴

*Já sabemos o que uma marca representa, o bom nome da ganadería, o qual resulta de estudos, sacrifícios e de uma série de trabalhos, que, unidos a uma maior ou menor felicidade, dão a fama, graças à qual os Touros serão solicitados pelos toureiros, e vistos com agrado do público.*⁵

A divisão do gado numa ganadaria processa-se pela separação da manada, quer por idades, quer por sexos. Sendo assim, e segundo Andrade, a separação faz-se pelas seguintes categorias - Vitelos e Progenitoras; Bezerros e Bezerras; Garraios; Garraias; Vacas de Ventre e Touro de Cobrição;

1 Ganadarias bravas são ganadarias que criam gado bravo

2 Neves, Francisco Palha Botelho, *O Touro de Lide em Portugal*, 1992.

3 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991.

4 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991.

5 Maqueda, A. Martin, *Sabe ver uma corrida de Touros?*, 1956, p.40

Touros de Lide, e Cabrestos¹.

Os vitelos, animais com idade inferior a 6 meses e que ainda mamam, encontram-se juntamente com as suas progenitoras, separados do resto da manada. Estes animais após o nascimento são marcados com um corte em uma ou nas duas orelhas. Este corte tem a função de marcar os animais de uma determinada ganadaria, com um sinal que facilmente os possa identificar.

*...o sinal das orelhas é tão importante como o ferro dos ganadeiros, ... pois pode ver-se de qualquer local, ao passo que o ferro só é visível quando a rês está em determinada posição, tornando-se de difícil percepção quando ela se encontra em manada.*²

Após a separação dos vitelos das suas progenitoras, ou desmame, estes são levados para o curral, local onde se processa a ferra. Após a ferra, estes passam a ser denominados bezerros, e são colocados ambos os sexos numa área da exploração onde não possam ser vistos nem cheirados pelas suas progenitoras³, ficando os bezerros e as bezerras juntos durante o próximo ano.

A Ferra efectua-se posteriormente ao desmame dos vitelos, onde os bezerros e as bezerras são

marcados com um ferro em brasa que tem o símbolo da ganadaria. Também são marcados na região das costelas com o número que os identifica na ganadaria.

*A ferra tem, pois, muito de baptismo de sangue e de emancipação do futuro toiro de lide.*⁴

*‘ ‘HIERRO’ ’ - É a marca ou firma que os ganaderos põem a fogo, nas pernas traseiras das reses. ... Cada ganadeiro escolhe à sua vontade o feitio do ferro, podendo utilizar o seu escudo heráldico se o tiver, com as iniciais do seu nome sob uma coroa, ou, simplesmente, usar essas iniciais combinadas de forma artística.*⁵

Segundo Andrade, por volta do ano e meio, são separados os garraios das garraias, ficando cada um em sua cerca da propriedade. Por volta dos dois anos as garraias são testadas através da tenta, processo pelo qual se seleccionam as futuras vacas reprodutoras que darão à luz as novas gerações de touros de lide. As fêmeas são testadas num recinto similar a uma praça de touros, mas com poucos lugares de bancadas (praça de tentas). Aqui as suas características de bravura são testadas, primeiramente sendo picadas por um cavaleiro

1 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991.

2 Maqueda, A. Martin, *Sabe ver uma corrida de Touros?*, 1956, p.44

3 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991. (segundo Neves, a separação dos bezerros faz-se logo após a ferra.)

4 Neves, Francisco Palha Botelho, *O Toiro de Lide em Portugal*, 1992. p.73

5 Maqueda, A. Martin, *Sabe ver uma corrida de Touros?*, 1956 p38

(picador) e seguidamente toureadas a capote e moleta, tal e qual como na tourada à Espanhola. Nesta operação são seleccionadas para ficar na manada de vacas de ventre as garraias que apresentam as características físicas e temperamentais pretendidas pela ganadaria.

Os machos com a idade de dois anos só serão tentados, se for intenção do ganadeiro testar a sua aptidão para sementais. Os que apresentarem boas características, mas não as suficientes para prolongar a sua linhagem, serão utilizados nas touradas.

Normalmente, as ganadarias têm pelo menos duas vacadas, cada uma com o seu semental. Estas vacadas deverão ser constituídas pelo menos por 50 vacas cada uma. O parto dos vitelos deverá coincidir com o aparecimento das primeiras ervas, de forma a que haja comida em abundância durante o seu crescimento, por essa razão, faz parte da ganadaria programar o nascimento dos vitelos, através da introdução do Touro semental na manada no momento adequado.

Separados também do resto da manada, encontram-se os touros de lide. Considera-se que o novilho atinge a categoria de touro com a idade de quatro anos.

Normalmente numa ganadaria existem também os

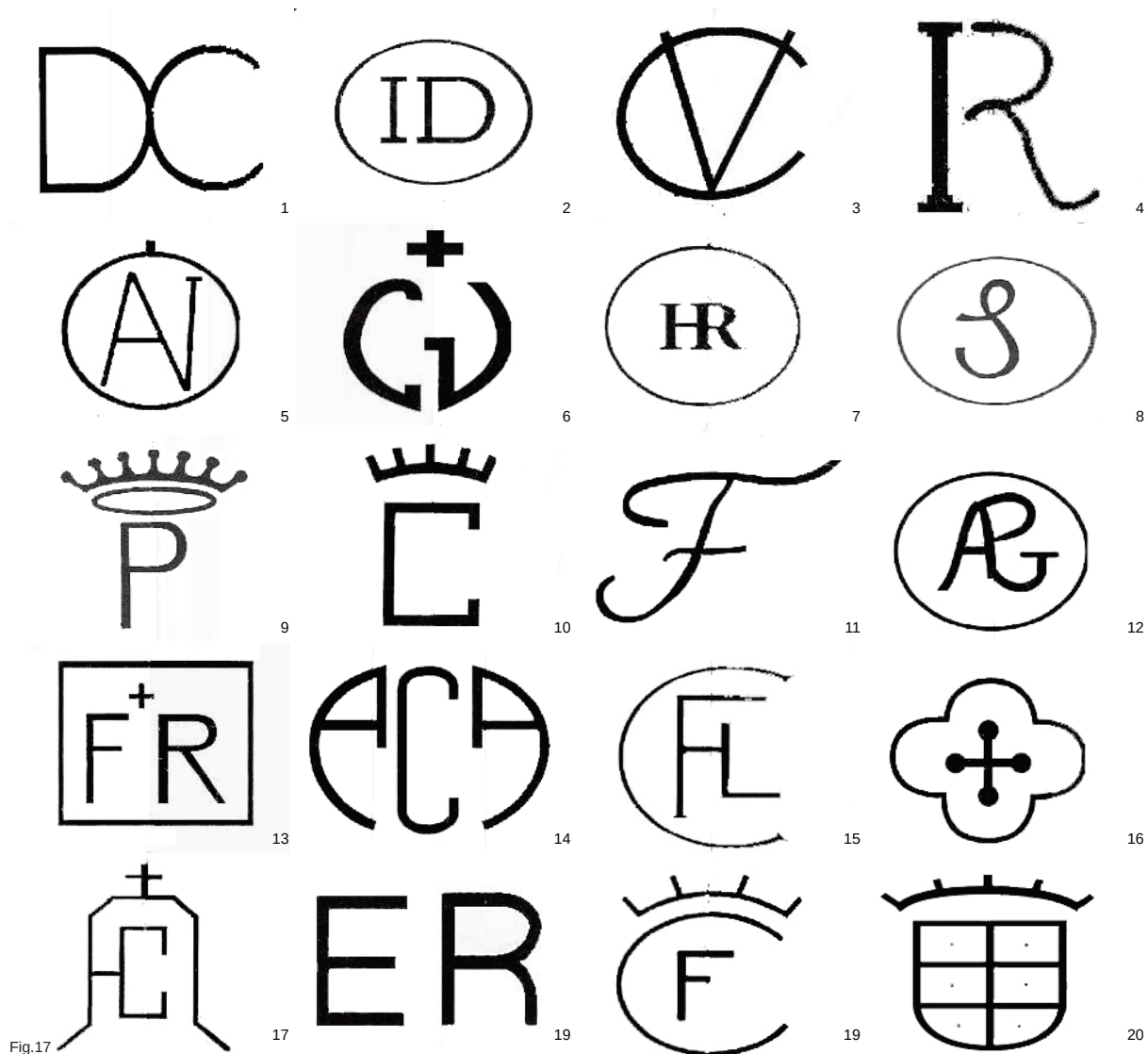
Cabrestos, bois castrados, que desempenham um papel frucral numa ganadaria, visto servirem de instrumento de trabalho no maneio do gado bravo. Também são utilizados em praça, mais comunmente no caso da corrida de Touros à Portuguesa.

Como defende Andrade, cada ganadaria terá que ter pelo menos cem vacas, tendo que ter pelo menos cinco hectares por vaca. Ou seja, cada herdade terá que ter no mínimo quinhentos hectares para ser rentável.¹ Aliado a esta exigência, também é importante que o terreno apresente características morfológicas e biológicas que permitam a criação deste tipo de gado, sendo em Portugal é a região Sul que melhores condições apresenta para a criação do Touro Bravo. Portanto, observando o Mapa 1 constata-se que maior parte das Ganadarias existentes em Portugal se situam nas planícies entre o Vale do Tejo e o Vale do Sado, coincidindo com a área geográfica do país que melhor se adequa à criação do Touro de Lide. O concelho de Benavente é o que apresenta maior número de ganadarias registadas, tendo também sido nesse concelho que surgiram as primeiras. As restantes ganadarias registadas encontram-se na sua maioria ao longo das margens Rio Tejo e dispersas pela região do Alentejo a Norte do Rio Sado.

¹ Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991.



Fig.16 Apartação de gado no campo da Golegã nos finais do sec.XIX



Nomes das Ganadarias:
 1-João Dias Coutinho 2-Irmãos Dias 3-Irmãos Varela Crujo 4-Inácio Ramos 5-Casa Agrícola Avó 6-Canas Vigourous 7-Higinio Soveral 8-Herdeiros de Paulino de Cunha e Silva 9-Herdade de Camarate 10-Conde Cabral 11-Pégoras 12-Soc. Agríco-Pecuária Gregório Oliveira 13-Francisco Romão Tenório 14-Cabral Ascensão 15-Francisco Luis Caldeira 16-Fernado Palha 17-Fernandes de Castro 18-Ezequiel Rodrigues 19-Couto de Forninhos 20-Conde de Murça

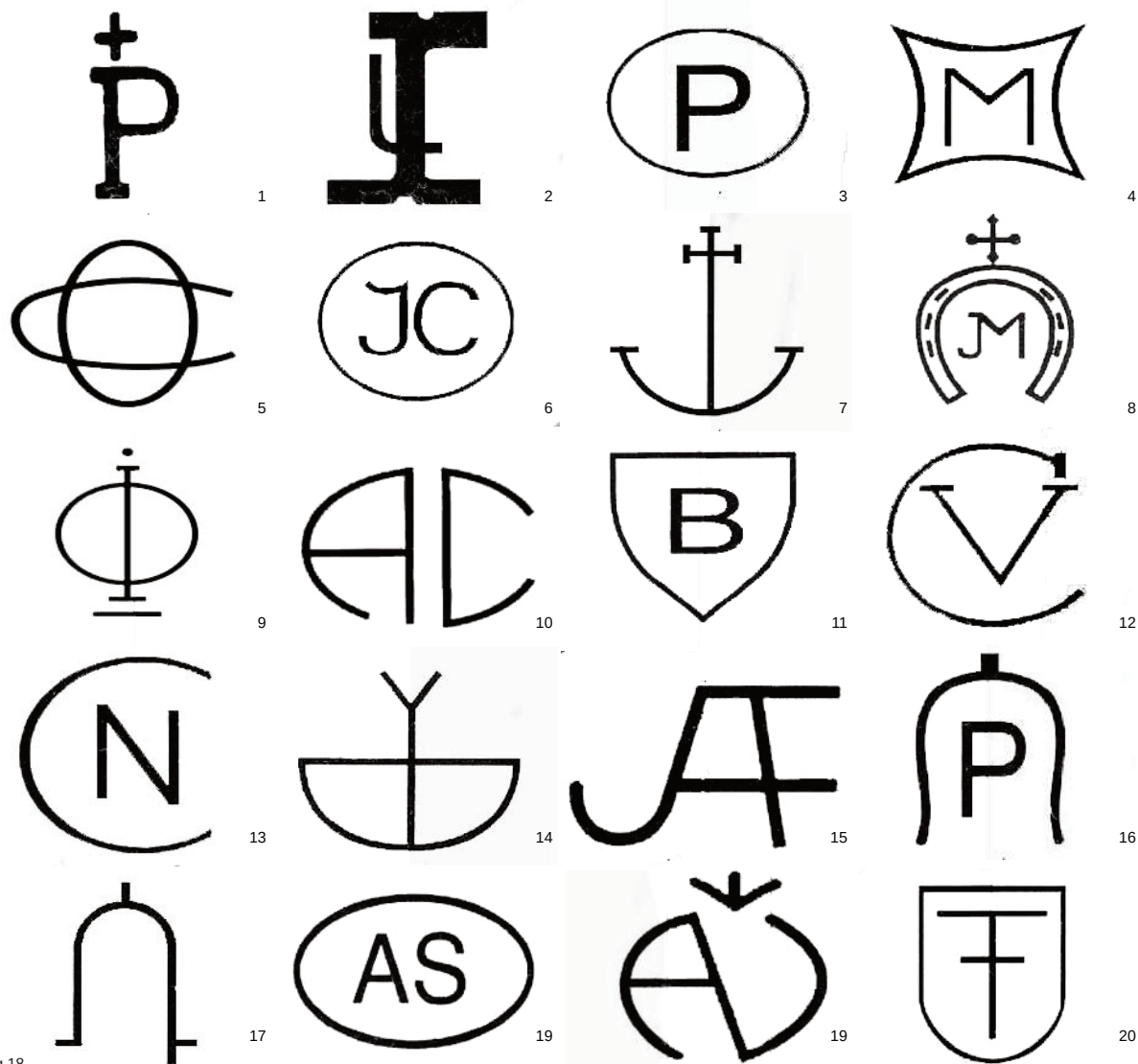
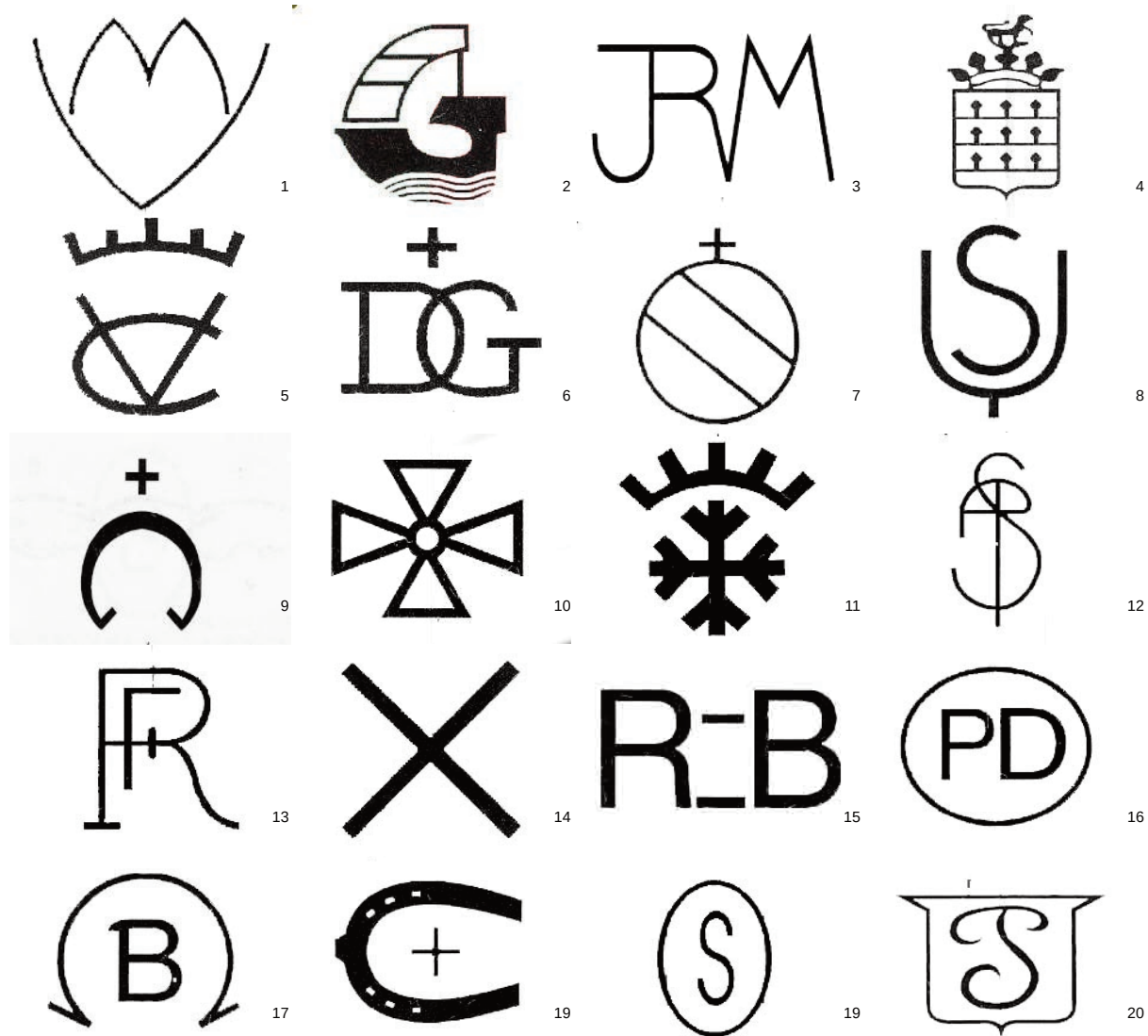


Fig.18

Nomes das Ganadarias:

1-Palha 2-José Luis Cochicho 3-José Pedrosa 4-Jorge Mendes 5-Ortigão Costa 6-Jorge de Carvalho 7-João Ramalho 8-João Moura 9-Oliveiras Irmãos 10-António Coelho 11-Balancho 12-Herdeiros de José Infante da Câmara 13-Nuno Casquinha 14-António Figueiredo Lampreia 15-Casa Agrícola José Albino Fernandes 16-Brito Paes 17-Murteira Grave 18-António Silva 19-Ascensão Vaz 20-Carlos Falé Filipe



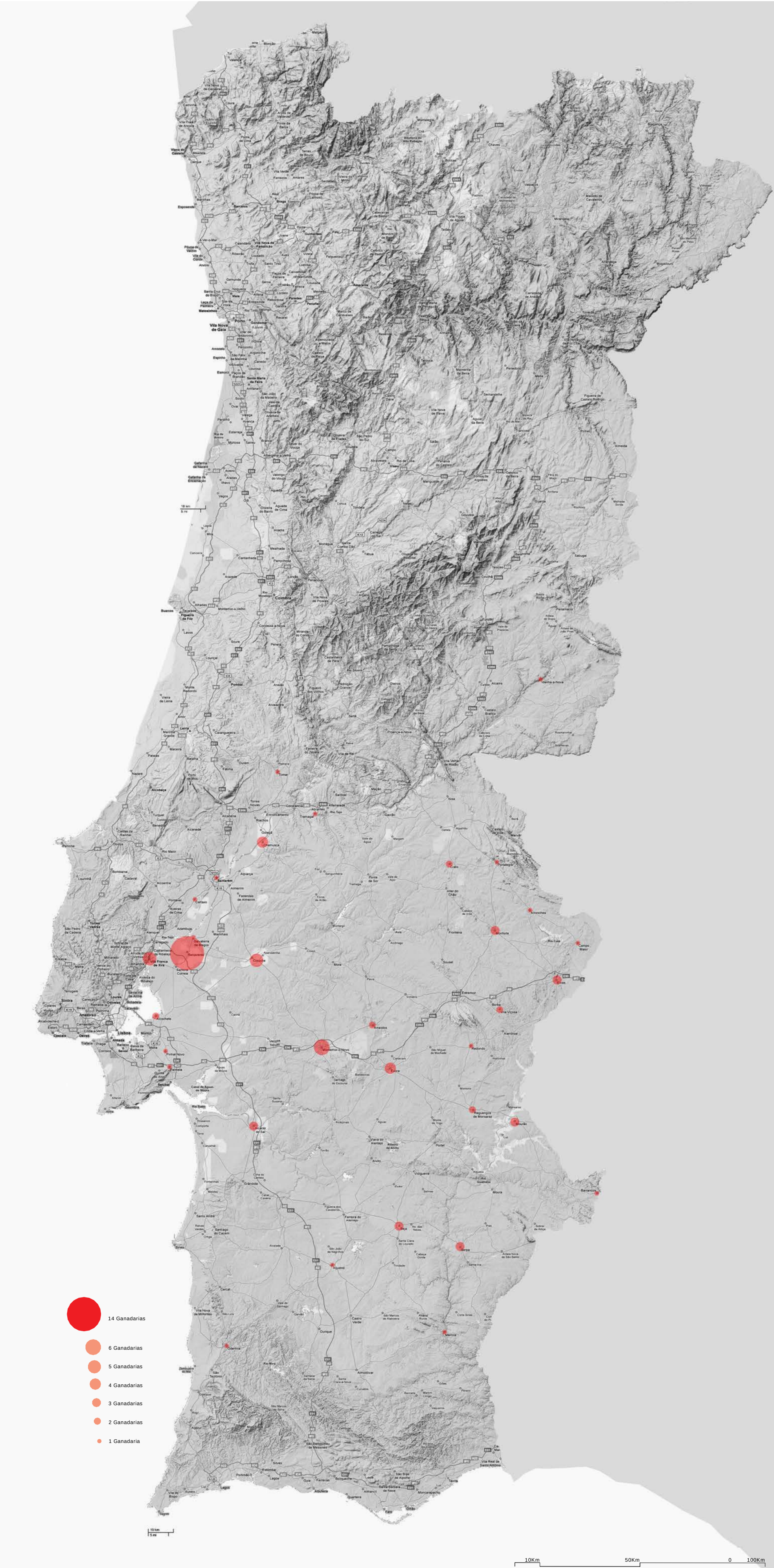
Nomes das Ganadarias:

1-Mário Vinhas e Herdeiros de Manuel Vinhas 2-Vila Galé 3-Vaz Monteiro 4-José Luís Vasconcellos e Souza de Andrade 5-Varela Crujo, Herdeiros 6-Vale do Sorraia 7-Sommer d'Andrade 8-Sociedade das Silveiras 9-São Marcos 10-São torcato 11-São Martinho 12-Santo Estevão 13-Rio Frio 14-Sociedade Agrícola Rio Frio 15-Rego Botelho 16-Pontes Dias 17-Pinto Barreiros 18-Paulo Caetano 19-Condessa de Sobral 20-Passanha



Fig.20-Illustração de Maqueda dos tipos de Sinal/ utilizados pelas Ganadarias

Mapa#1-Número de Ganadarias por conselho (registadas na Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide em 2006)



Ganadaria	Ano	Proprietário	Localização	Forma
Vaz Monteiro	1843	Era Vaz Monteiro Leão Cabreira	Maranhão, Aves	JMY
Herdade de Camante	1859	Eng. Fernando Neio e Castro	Samora Correia, Benavente	P
Paíva	1883	Sociedade Agrícola dos Arrifes, Lda	Samora Correia, Benavente	Mr
Herdens de Paulino da Cunha e Silva	1884	Casa Agrícola Herdems de D. António Paulino Lobo da Silveira	Alcanhões, Santarém	BY
Casa Prudêncio	1925	Casa Prudêncio - Sociedade Agro-Pecuária, Lda	Samora Correia, Benavente	PS
Lopes Branco, Herdems	1925	Sociedade Agrícola Herdade N.º D. Era	Era, Corche	J
Vega Teixeira	1928	António Jose da Vega Teixeira	Lave, Montemor-o-Novo	RE
David Ribeiro Telles	1929	David Manuel Godinho Ribeiro Telles	Bacalhão, Coruche	RT
Condessa de Sobral	1930	Herdade dos Monizes - Agricultura e Produção Animal, Sociedade Impessoal, Lda	Batilhão, Beja	Y
Branco Nuncio	1930	Eng.º José Beneditina Nuncio	Santiago, Alcalar do Sal	BN
Rosa Rodrigues	1930	Sociedade Agro-Pecuária do Anafá, S.A.	Chouto, Charnusca	GR
Pinto Barreiros	1931	Sociedade Agro-Pecuária S. Tróvão, Lda	Vimeiro, Arraioles	Y
Herdens de José Infante da Câmara	1931	Herdens de José Infante da Câmara	Lave, Montemor-o-Novo	Y
Oliveira Imóveis	1944	Oliveira, Exploração Agrícola, Lda	Samora Correia, Benavente	Y
António Silva	1944	Mirramate - Sociedade Agrícola, Lda	Bacalhão, Coruche	CS
João Pedrosa	1947	Manuel Teixeira da Silva	Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira	Y
João Samuel Lopi	1947	Eng.º José Samuel Pereira Lopi	Alcochete, Alcochete	Y
Sommer d'Andrade	1948	João Luis Sommer d'Andrade	Barbacena, Elvas	Y
Vale Sornaa	1948	Ribeiro Telles - Sociedade Agrícola, Lda	Croço, Coruche	Y
Mário Vinhas e Herds de Manuel Vinhas	1950	Mário Vinhas e Herds de Manuel Vinhas	Maatrica, Palmela	Y
Cabral Azeméis	1951	Miguel Cabral de Azeméis	Batilhão, Beja	Y
Santo Estêvão	1953	Correia - Sociedade de Agricultura do Grupo, Lda	Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira	Y
Herdens de Alberto Coutinho	1953	Margarida Maria Alves do Rio Patrício de Oliveira	São Mamede/Torre de Coelheiros, Évora	Y
Herdens de Conde Cabral	1954	Herdens de Conde Cabral	Samora Correia, Benavente	Y
Rio Frio	1960	Maria da Graça Lopi e Teresa Maria Lopi	Alcochete, Alcochete	Y
Fernandes de Castro	1960	Herds de Ernesto L. Fernandes de Castro	Santa Maria, Alcalar do Sal	Y
Martins Graça	1961	Eng.º Joaquim Manuel Martins Graça	Granja Mourão	Y
Brito Pais	1962	Dr. Brito Pais, Herdems	Vale de Santiago, Odemira	P
Maria Guisomar Cortes Moura	1963	Maria Guisomar Cortes Romão de Moura	Monforte, Monforte	Y
Ribeiro Botelho	1964	João Botelho da Câmara Ribeiro	Conceição, Hargra do Herdeiro	B
João Ramalho	1965	João José M. S. Costa Ramalho	Salveteira de Magos, Salveteira de Magos	Y
Conde de Murga	1969	Jorge Maria de Sousa e Hobson de Murg	Coruche, Coruche	Y
Manuel Vega	1969	Manuel Teveiras Vega, Herdems	Chouto, Charnusca	Y
António Charnus	1970	S. Marcos da Aldeia - Sociedade Agro-Pecuária, Lda	Torre de Coelheiros, Évora	Y
Ruy Gonçalves	1970	Sociedade Agro-Pecuária das Terras Novas, Lda	Azambuja, Azambuja	Y
Ortigão Costa	1971	Dr. Luís Jorge António Ortigão Blank da Costa	S. Vicente e Ventosa, Elvas	Y
Cas Agrícola José Albino Fernandes	1972	Maria de Fátima Soares Fernandes Rocha Ferreira	Porto Santo, Angra do Heroísmo	Y
João Dias Coutinho	1972	João de Almeida Dias Coutinho	Granja Mourão	Y
Pessanha	1972	D. João Jardim Maldonado Pessanha	Nossa Senhora de Mascote, Évora	Y
Imónio Varela Cruz	1973	Francisco José Varela Cruz e Maria Joana Varela Cruz de Sousa Anjos	Vila Nova de S. Bento, Serpa	Y
Pontes Dias	1974	Manuel Agostinho Pontes Dias	Fortões, Portalegre	Y
Jorge de Carvalho	1975	Eng.º Jorge Manuel Rodrigues de Carvalho	Santo Estêvão, Benavente	Y
São Torcato	1976	Sociedade Agro-Pecuária S. Tróvão, Lda	Nossa Senhora de Baim, Montemor-o-Novo	Y
Couto de Fominhos	1976	Sociedade Agrícola Couto de Fominhos	Barrancos, Barrancos	Y
João Luís Dias	1978	João Luís Pereira Dias	Santo Estêvão, Benavente	Y
Imónio Dias	1980	João Luís, José Manuel, Sónia Cristina, Natália Sofia e Trilá Cristina	Santo Estêvão, Benavente	Y
Luís Rocha	1981	Eng.º Luís Augusto Martins Pereira da Conceição Rocha	Monazar, Riqueima de Monazar	Y
João Moura	1982	João António Romão de Moura	Monforte, Monforte	Y
Ezequiel Rodrigues	1982	Maria da Conceição Silveira	Porto Santo, Angra do Heroísmo	R
Paulo Castanho	1982	Paulo Jorge Pedro Castanho	Monforte, Monforte	Y
João Luís Vasconcelos e Sousa de Andrade	1982	João Luís Vasconcelos e Sousa de Andrade	Barbacena, Elvas	Y
Varela Cruz, Herdems	1983	Herdens de José Francisco Varela Cruz	Vila Nova de S. Bento, Serpa	Y
João Salvador	1983	Agrícola - Explorações Agrícolas, S.A.	S. Pedro, Tomar	Y
São Marcos	1984	Sociedade Agrícola da Persecura, S.A.	S. Marcos do Campo, Riqueima de Monazar	Y
Felicidade Dias	1985	Felicidade da Conceição Filipe Pereira Dias	Santo Estêvão, Benavente	Y
Santa Maria	1986	Eng.º Francisco Lobo de Vasconcelos	Nossa Senhora da Touriga	Y
Manuel Assunção Coimbra	1988	Manuel Mendes de Assunção Coimbra	Chouto, Charnusca	Y
Francisco Luís Caldeira	1990	Francisco Luís Pinheiro Caldeira	S. João Batista, Campo Maior	Y
António Lampreia	1990	António Manuel Figueiredo Lampreia	Aljustrel, Aljustrel	Y
Lopo de Carvalho	1991	Manuel António Leite Lopo de Carvalho	Benavente, Benavente	Y
João Luís Cochocho	1992	João Luís António Cochocho	Pandeiros, Vila Viçosa	Y
Pedro Mello Santos Lima	1992	Pedro Mello Santos Lima	Vale de Pedra, Cantanhão	Y
Higino Several	1992	Higino Several	Azambuja, Montemor-o-Novo	Y
Herdade de Filipeiros	1992	Dr. João Inácio Nunes Barata Freixo	Nossa Senhora da Vila, Montemor-o-Novo	Y
Manuel José da Urzula	1993	Herdens de Manuel José Silva da Urzula	Santo Estêvão, Benavente	Y
Casa Agrícola Avó	1993	João de Moura Rodrigues da Avó	Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira	Y
Nuno Casquinha	1994	Vitor Nuno da Costa Casquinha	Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira	Y
Combra Barbosa	1995	Soc. Agrícola e Imobiliária Almofadinha S.A.	Chouto, Charnusca	Y
Azambuja Vaz	1995	Maria da Conceição Azambuja Vaz	Salvaterra, Serpa	Y
Soc. Agro-Pecuária Gregório Oliveira	1996	Soc. Agro-Pecuária Gregório Oliveira	Crato e Mártires, Crato	Y
Lopes da Costa	1996	Sociedade Agrícola da Herdade da Formiga, Lda	Benavente, Benavente	Y
Jorge Mendes	1996	Jorge Henrique Alegre Louro Mendes	Santiago, Alcalar do Sal	Y
Luís de Sousa Cabral	1997	Dr. Luís Maria Amado de Sousa Cabral	Nossa Senhora de Mascote, Évora	Y
Canas Vigouroux	1997	Pedro Canas Vigouroux	Castanheda do Ribatejo, Vila Franca de Xira	Y
Marquês de Graciosa	1998	Sociedade de Agricultura de Valongo	Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova	Y
João Pereira Paiva	1998	João da Cunha Pereira Paiva	Samora Correia, Benavente	Y
Manuel Rafael Cary	1998	Sociedade Agro-Pecuária Alburneira, Lda	Crato e Mártires, Crato	Y
Imónio Toste	1999	João Manuel Mendes Toste	Terra Chã, Praia da Vilhena	Y
Francisco Romão Tendo	2001	Francisco Romão Tendo	Assunção, Arronches	Y
Sociedade Agrícola de Rio Frio S.A.	2002	Sociedade Agrícola de Rio Frio S.A.	Rio Frio, Pinhal Novo	Y
São Martinho	2003	Grupo São Martinho de Lima (Dominicanos)	Granja Mourão	Y
Índico Ramos	2004	Casa Agro-Pecuária Inácio Ramos, Lda	São Romão, Vila Viçosa	Y
Sociedade das Silveiras	2004	Silveiras - Agro-Pecuária, S.A.	Cabeira, Montemor-o-Novo	Y
Vila Galé	2004	Vila Galé, S.A.	Albercos, Beja	Y
Manuel Rosa Tati	2005	Manuel Rosa Tati	São Pedro do Pinheiro, Mafra	Y
Carlos Fald Filipe	2005	Carlos Fald Filipe	Redondo, Redondo	Y
Balancho		Maria Paula Albuquerque Carreiras Vilaverde	Benposta, Alentejo	Y
Fernando Paiva		Sociedade Agrícola de Vila Figueiras, Lda	Samora Correia, Benavente	Y

História

A tentativa de situar temporal e geograficamente as origens do toureio tem sido uma constante desde finais do século XIX. Esta parece ser uma tarefa bastante difícil tendo em conta que existem registos da admiração pelo Touro desde o período do Neolítico¹. Estes registos encontram-se tão dispersos no tempo como no espaço. Isto estará associado à dispersão geográfica do Touro. Esta dispersão do Touro pela Europa, Norte de África e Ásia², proporcionou que estivesse presente no imaginário colectivo das várias civilizações que ocuparam esta região do Globo.

As suas características temperamentais e físicas, tornaram-no aos olhos do Homem um símbolo de fertilidade e força, tendo sido elevado em algumas civilizações a um patamar divino. A sua ferocidade e imponência, aliada à necessidade do Homem em demonstrar a superioridade sobre o perigo e a morte, talvez explique o porquê da transversalidade do 'culto do Touro' entre as diferentes sociedades que habitaram as regiões onde este existiu em estado selvagem.

Sabendo-se que o Touro, foi produto do Auroque, animal que se pensa ter surgido na Região do Crescente Fértil, mais propriamente entre os rios

Tigre e Eufrates, não é de estranhar, que tenha tido uma importância de relevo na cultura dos povos que ao longo de milénios povoaram a Mesopotâmia. O fascínio pelo Touro encontra-se presente no artesanato, pintura, escultura e arquitectura destes povos.

O touro durante o Império Assírio-Babilónico, pela sua corpulência e robustez, terá sido considerado filho do Sol. Este carácter mágico e mitológico, materializa-se nas estátuas de touros presentes nos edifícios da cidade de Ur (Fig.23), bem como nas esculturas representativas de cabeças de Touro, encontradas em tumbas reais.³

Esta transposição da imagem do Touro para um plano divino, aproxima-se do imaginário Egípcio. Segundo Moreiro, o Touro de Apis⁴ seria a representação terrestre do Deus Osiris. Sempre que o Deus-Touro Apis morria, teria de se encontrar outro que apresentasse as mesmas características. Este animal sagrado encontrava-se alojado no Templo de Memphis onde todos os anos lhe era oferecida uma vaca de forma a que este satisfizesse o seu desejo sexual. No final, seria imolada pelo fogo num gesto de machismo reforçando o carácter mitológico de Apis, visto que os Deuses não poderiam deixar descendência.⁵

1 Caso das gravuras rupestres encontradas nas Grutas de Lascaux(França) e Navazo(Espanha)

2 Ver o capítulo 1 - Touro

4 Moreiro, José Maria, *Historia, cultura y memoria del arte de torear*, 1994

4 Touro Negro com uma mancha em forma de Meia Lua na cabeça.

5 Moreiro, José Maria, *Historia, cultura y memoria del arte de torear*, 1994

A adoração por este Touro encontrava-se tão enraizada na civilização Egípcia que quando o Touro de Apis morria, era feito um funeral, os homens rapavam o cabelo e as mulheres faziam luto até que se encontrasse um Touro que substituísse Apis. Se porventura o reinado do Touro superasse os 25 anos, este era empurrado para o poço sagrado pelos sacerdotes de forma a recomeçar um novo ciclo. Enquanto que nestas civilizações Orientais se adorava o Touro como animal divino, Moreiro apesar de discordar, refere que para muitos autores a história do toureio começa durante a Grécia antiga, existindo registos de representações de taurocatapsias¹ na sua arte. Nesta altura o Touro era considerado o Rei do mundo animal tendo originado várias lendas em seu redor. Como por exemplo a lenda do Minotauro e do rapto de Europa. Mas foi na ilha de Creta, mais propriamente durante a civilização Minoica que o culto do Touro foi mais relevante no mundo Helénico. Existem também pinturas no Palácio de Minos em Cnossos(Creta) (Fig.24) ilustrando o salto de um homem sobre um touro. Sabe-se também, que este seria um desporto bastante popular nesta civilização sendo comuns as exhibições de acrobacias destes ginastas perante a corte.²

Para Moreiro, este desporto não teria nada em comum com a actual Tourada a não ser o facto de se utilizarem Touros, visto que estes animais seriam domados, o que por si só contradiz a essência da corrida de Touros, em que existe o embate entre o Touro Bravo e o Homem.

Este tipo de confronto foi pela primeira vez visto como um espectáculo durante o Império Romano (Fig.25 e 26). Nesta altura eram frequentes as *venationes*³ em que eram utilizados Touros ou Auroques. Aqui este animal era apenas visto como mais uma fera que iria enfrentar o Homem num jogo de vida ou morte.⁴

'La tercera raza (de fieras de la Selva H.) es la de los llamados uros. Éstos son algo menores que los elefantes, y tienen el aspecto, el color y la forma de los toros. De muy grande grande fuerza y ligereza, apenas ven un hombre o una bestia se lanzan contra ellos. Cogidos en hoyos con trampas, los matan. Los jóvenes se curten con esa faena, siendo este el género de caza su principal ejercicio; y aquellos que que hubiesen muerto más de éstos, presentando para que sirvan de testimonio los cuernos al público, reciben grandes aplausos. Pero de ningún modo, ni cazándolos pequeños, pueden ser domesticados ni amansados. Por la grandeza, conformación y aspecto, sus

1 Segundo Moreiro (1994) seria uma prática muito frequente na região da Tesalia(Grécia), que consistia em perseguir os Touros a cavalo até que ficassem exaustos sendo depois dominados pela força do Homem. Existem outros autores que atribuem esta designação ao desporto minoico em que se saltava sobre um Touro.

2 Moreiro, José Maria, *Historia, cultura y memoria del arte de torear, 1994*

3 Lutas que envolviam animais selvagens

4 Moreiro, José Maria, *Historia, cultura y memoria del arte de torear, 1994*

*cuernos se diferencian mucho de los de nuestros buyes. Buscados con diligencia, los guarnecen de plata por sus bordes y los usan como copas en los más espléndidos banquetes.*¹

Pensa-se que tenha sido nesta altura que no mundo antigo a imagem do touro se tenha aproximado à relação toureiro/touro que actualmente existe. O que explica que existam teorias que relacionem as práticas romanas com o Toureio actual. Como refere Moreiro, existem três teses principais sobre as origens do Toureio, sendo elas a Romana, Árabe e Espanhola. Este autor defende que a tese Espanhola seja a que melhor explica o aparecimento deste espectáculo, descartando pela distância temporal a tese Romana, apesar das enormes semelhanças entre as venationes, combates envolvendo Homens e Touros, e a Tourada. Também rejeita a tese árabe, visto que apesar de haver registos de terem havido lutas com Touros em Toledo, Sevilla e Cordova antes das conquistas Cristãs, esta prática só terá sido feita por Muçulmanos (Fig28) em território Ibérico, o que segundo o autor reforça que na origem desta prática estejam os primeiros povos Ibéricos.²

Andrade comprova essa teoria de Moreiro citando o historiador Grego Estrabão (63 a.C. - 24 d.C.) :

*[...]os povos do litoral (da Península) costumam combater a cavalo os toiros que, na Hispânia, têm fúria.*⁷

Esta bravura viria a ser aproveitada durante a idade média pela cavalaria, que usaria o Touro como instrumento de treino para a batalha. Os jogos envolvendo este animal eram bastante comuns nesta altura (Fig.23).

Mas como refere Andrade, foi a utilização do cavalo que proporcionou que se caçasse o Touro bem como que se enfrentasse este animal nos jogos da cavalaria durante a idade média.

Segundo este autor, a prática da equitação terá tido a sua origem na Península Ibérica. Existem vários vestígios arqueológicos datando de 4000a.C. de armas anti-cavaleiro⁴ (Fig.22) que seriam utilizadas pelo Homem pré-histórico. Também foram encontrados muitos outros vestígios, quer de armas, quer de instrumentos necessários para a prática da equitação⁵ utilizados ao longo da pré-história, o que sugere que este animal já nessa altura seria utilizado para fins bélicos. Mas terão sido os Iberos que desenvolveram a equitação, tornando-a tão específica como popular no mundo antigo.⁶ Zenofonte (430a.C. - 355 a.C.) descreveu nas Helénicas (L. VII) a forma de combater dos Iberos,

1 Moreiro, José Maria, *Historia, cultura y memoria del arte de torear*, 1994, pp.78 (citação do imperador romano Júlio César - tradução feita por Rafael Pérez Delgado)

2 Moreiro, José Maria, *Historia, cultura y memoria del arte de torear*, 1994

3 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991, p.39

4 Alabardas

5 Alabarda, dardo de arremesso, sabre, lança contrapesada, escudo ligeiro, freio, espora, sela de arções e rédeas de vencer.

6 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991.

levados à Grécia como mercenários por Diodoro, tirano de Siracusa. Estes guerreiros, distinguiam-se das outras cavalarias pela sua ligeireza, velocidade e agilidade em combate. Ao invés da utilização de armamento pesado, estes cavaleiros utilizavam o dardo evitando assim o confronto directo ao mesmo tempo que destabilizavam as fileiras inimigas.

Esta forma de montar era própria da tribo Ibera dos Ginetes. Mais tarde com a ocupação Romana, toda a Península passou a ser denominada de Hispânia, bem como que todos os seus habitantes de Hispânicos, tendo sido associado o nome Ginete ao Cavalo Ibérico da região da actual Andaluzia¹ bem como à forma de montar desta Tribo.

A equitação da Gineta, ter-se-à espalhado geograficamente durante o Império Romano mas tendo perdurado principalmente na Península Ibérica, sendo o Cavalo Ginete de Espanha utilizado por toda a Europa para o melhoramento de algumas raças, visto considerar-se que este cavalo apresentava características exemplares para a espécie. Com o aparecimento das academias equestres esta forma de equitação foi tomada como uma referência, tendo estas tentado reproduzir a forma de montar à Gineta.

Tanto as características deste Cavalo, bem como a equitação praticada na Península Ibérica foram tão

importantes para fins bélicos bem como para fins cinegéticos utilizando-se assim este animal em caçadas e montarias². As suas qualidades permitiram que o cavaleiro enfrentasse o Touro em campo aberto, evitando assim as suas investidas, o que seria muito mais difícil com outro tipo de Cavalo mais pesado e menos ágil.

Durante toda a idade média, foram comuns os Torneios e Duelos entre Cavaleiros bem como os treinos da cavalaria envolvendo touros. Segundo Andrade estes terão impulsionado o desenvolvimento da tourada. Mas esta prática terá sido aperfeiçoada pelos Mouros após a invasão muçulmana da Hispânia em 711d.C.. Estes terão adoptado o costume Ibérico e ter-lo hão desenvolvido. Este facto é corroborado por historiadores maometanos os quais foram citados por Andrade.

Nos séculos IX a XII, historiadores maometanos há que se referem 'às suas corridas em campo aberto ou em arenas fechadas, para matarem os toiros, varando-os de lado a lado com lanças e a cavalo'.³

Durante a permanência muçulmana e até a queda de Granada (1492), terão acontecido vários festivais taurinos em que participavam tanto Cristãos como

¹ Actualmente é denominado por Cavalo Andaluz

² A montaria é a caçada à caça grossa feita a pé ou a cavalo, com ajuda de cães, no mato ou no monte. (Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991., p. 29)

³ Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991, pp.39 e 40



Fig.21



Fig.22



Fig.23



Fig.24

Fig.21 Figura rupestre encontrada em Lascaux, França. **Fig.22** Alabardas pré-históricas em sílex e em bronze. **Fig.23** Touro Alado Assírio **Fig.24** Mural encontrado no Palácio de Cnossos em Creta, relatando uma taurocatápsia.



Fig.25



Fig.26



Fig.27

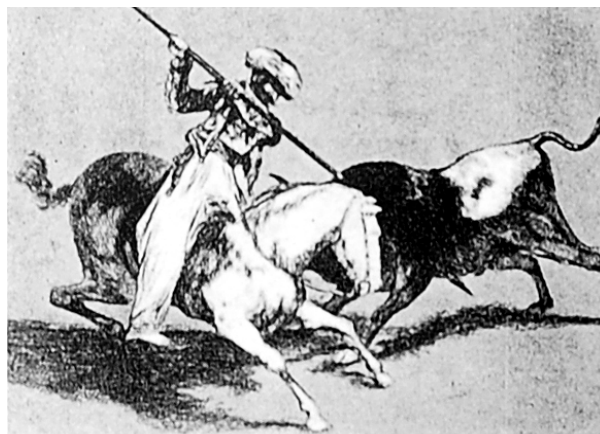


Fig.28

Fig.25 Representação de uma venatione no Coliseu de Roma. **Fig.26** Gravura do século XVI documentando festas taurinas em Roma **Fig.27** Gravura do século XVII representando uma montaria ao javali com uso da forquilha. **Fig.28** Árabe a cavalo lutando contra um touro - Água-forte de Goya



Fig.29

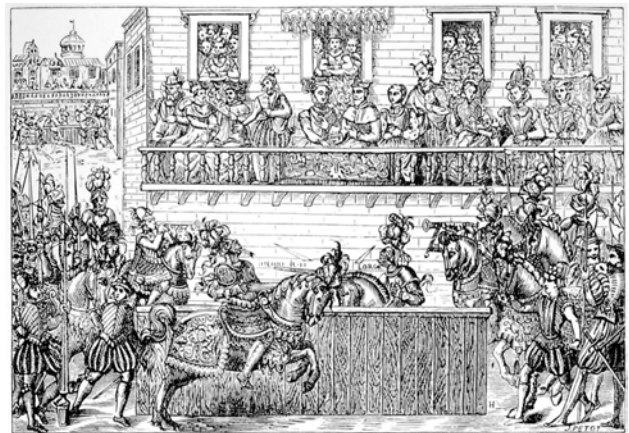


Fig.30



Fig.31

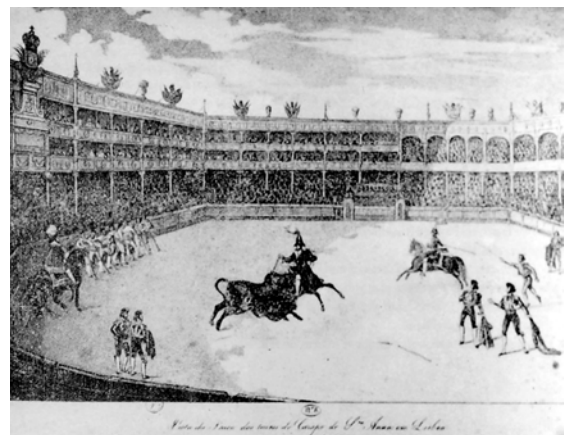


Fig.32

Fig.29 Figura do século XV documentando os treinos para os torneios e para os trabalhos da guerra. **Fig.30** Gravura do século XVI representando a assistência de um torneio medieval. **Fig.31** Uma tourada em 1798, em Lisboa, numa gravura da época. **Fig.32** Desenho de Le Grand representando o interior da Praça de Touros do Campo de Santana.

Mouros. Esta coexistência, em Portugal não terá sido pacífica aquando a reconquista. Mas existem registos de ser costume do rei D.Sancho I (1154 - 1211) alancear touros em campo aberto, o que indica que esta prática estaria enraizada por toda a Península. Em Portugal, um dos primeiros registos da lide de Touros num recinto construído para o efeito data de 1451, aquando do casamento da filha de D. Duarte (1391 – 1438), a princesa D.^a Leonor (1434-1467), com Frederico III (1415 - 1493) da Alemanha. Para os festejos foi construída uma praça improvisada no local do futuro Terreiro do Paço, em Lisboa.

Este tipo de demonstração de bravura, ainda distante no que toca a sua execução do actual toureio equestre, era então uma das formas de distração da nobreza, sendo frequente existirem ainda relatos do confronto ou lide de touros por elementos da realeza, da corte, nobreza e até mesmo do clero tais como, Rei D. João II (1455 - 1495), Rei D.Sebastião (1554 — 1578), D.Jorge de Lencastre (Marquês de Torres Novas) (1548 — 1578), D.António (Prior do Crato) (1531 – 1595), D.Fernando de Mascarenhas (1610 — 1651), D. João

de Noronha (Conde de Vila Verde) (1788 - 1827), D.Francisco Coutinho, entre outros.

Durante o Reinado Filipino em Portugal (1580-1640), foi incentivada a prática do toureio, tendo sido frequentes os festivais Taurinos. Após a revolução de 1640, e com a subida ao trono da Dinastia de Bragança (1640-1910), estes acontecimentos continuaram a ter um papel de destaque na alta sociedade Portuguesa¹, tendo apenas sido interrompidos no reinado de D. José I (1714-1777)² após o acontecimento conhecido por *A última corrida de Touros em Salvaterra*³.

Enquanto que em Portugal esta prática terá sido temporariamente interrompida, em Espanha o Toureio equestre terá sido proibido depois do fim da dinastia Habsburgo. Quando Filipe V⁴ subiu ao trono, proibiu as corridas de Touros por não as perceber e nem sequer gostar desta prática⁵. Como tal, a nobreza abandonou o Toureio equestre quase por completo. Foi nesta altura que o tipo de toureio praticado em Espanha se afastou do que então seria praticado em Portugal. Este entretenimento das classes altas da sociedade espanhola ganhou um cunho popular. Os artistas já não toureavam a

1 Foi então nesta fase de que António Galvão de Andrade escreveu o livro *Arte de Cavallaria de Gineta e Estardiota, Bom primor de ferrar & Alveitaria*, dividido em três Tratados: Gineta(onde o capítulo LXI é dedicado ao toureio), Estardiota e Alveitaria. - Sommer d'Andrade (1990).

2 Reinado entre 1750 e 1777

3 Segundo o Texto de Rebelo da Silva *Última Corrida de Touros em Salvaterra*, durante uma Corrida de Touros, na qual estaria presente o Rei D.José I, o Marquês de Pombal bem como grande parte da corte, o Conde dos Arcos foi ferido mortalmente, sendo a sua morte vigada pelo seu pai, Marquês de Marialva. Após esta tragédia, D. José I declarou que durante o seu reinado não haveriam mais 'touros reais'.

4 Dinastia de Bourbon

5 Moreiro, José Maria, *Historia, cultura y memoria del arte de torear*, 1994



Fig.33



Fig.34

Fig.33 e 34-Desenho de Le Grand ilustrando onde se pode ver a indumentária utilizada pelos cavaleiros no início do século XIX.

cavalo como anteriormente os nobres fariam, mas sim a pé, como na fase dos *matadores*¹. Foi então que surgiu a figura do toureiro profissional.

Por esse facto, quando Moreiro se refere à origem espanhola da tourada,¹ comete o erro de não englobar o tipo de toureio praticado em Portugal. Mas se tivermos em conta que esta prática já seria recorrente, mesmo que em estado embrionário, antes da formação destes dois países, poder-se-à supor que o autor se equivoca ao considerar que a origem seria Espanhola e não Ibérica.

No território nacional a corrida foi evoluindo progressivamente sem transformações bruscas² tal como aconteceu em Espanha. Segundo Andrade, as corridas de touros apenas terão sido oficialmente interrompidas durante o período da fuga da corte para o Brasil entre 1807 e 1826.³

A festa que então pertencia às classes altas da nossa sociedade, começava lentamente a democratizar-se, transformando-se num negócio, quer para os Cavaleiros que com o tempo se profissionalizaram, quer para empresários taurinos, ganadeiros, etc... A nobreza, durante o regime monárquico actuava com o intuito de demonstrar a sua coragem, destreza e virilidade. Estes eventos normalmente organizados

pela corte tinham finalidades de celebrar algum evento, ou alguma causa importante. Com a decadência e fim deste regime político desapareceu esta classe social, aparecendo assim vários toureiros profissionais que não necessitavam dos títulos da nobreza para tourear.

Coincidindo com as últimas décadas da monarquia, o ideal Marialva começou a surgir nas novas gerações das classes mais altas da sociedade. Estes homens repudiavam o estilo de vida burguês e todo o tipo de luxos que segundo eles efemeninavam o sexo masculino. Para eles não chegava parecer Homem, o Homem tinha que ser varão, ao mesmo tempo respeitador da Mulher, cavalheiro e cortez. Como não será de estranhar, havia o gosto Marialva pela Tourada. É no Toureio que os Marialvas encontram a melhor maneira de exercitarem o físico e mostrarem o seu valor como varões, coisa que para eles estava longe do estilo de vida estrangeirado da burguesia (Fig.35-58). Eça de Queirós, na obra *Os Maias* retrata bem este estilo de vida e o gosto pelas Touradas enraizado no nosso país, que então seria um dos divertimentos de eleição, tal como está descrito no texto da página seguinte.

1 Segundo Moreiro, o toureio terá tido quatro fases - caça do Touro, 'matadoro', toureio a cavalo e toureio a pé - os 'matadores' seriam pessoas do povo, geralmente de má reputação, que a troco de alguma remuneração monetária matariam o Touro no final de um festejo que envolvesse estes animais. Esta prática, que para a nobreza seria considerada inferior e de grande barbárie, foi proibida no século XIII pelo rei Alfonso X.

2 Foram escritos tratados e livros técnicos que serviram e ainda servem de referência para a prática do toureio e equitação como 'Arte de cavalgar toda a sela' do Rei D. Duarte (1391-1491), 'Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavallaria' de Manuel Carlos de Andrade (1790) e 'Arte de Gineta e Estardiota, Bom primor de de ferrar & Alveitar' de António Galvão de Andrade (1678).

3 Andrade, Fernando Sommer, *O Toureio Equestre em Portugal*, 1991

“O marquês arrastara uma cadeira para o pé de Afonso, para lhe fazer a confidência dos seus achaques; mas como Dâmaso se metia entre eles, falando ainda da Mist, decidindo que a Mist era chic, querendo apostar cinco libras pela Mist contra o campo - o marquês terminou por se voltar, enfasiado, dizendo que o Sr. Dâmasosinho se estava a dar ares patuscos... Apostar pela Mist! Todo o patriota devia apostar pelos cavalos do visconde de Darque, que era o único criador português!...

- Pois não é verdade, Sr. Afonso da Maia?

O velho sorriu, amaciando o seu gato.

- O verdadeiro patriotismo talvez, disse ele, seria, em lugar de corridas, fazer uma boa tourada.

Dâmaso levou as mãos à cabeça. Uma tourada! Então o Sr. Afonso da Maia preferia touros a corridas de cavalos. O Sr. Afonso da Maia, um inglês!...

- Um simples beirão, Sr. Salcede, um simples beirão, e que faz gosto nisso; se habitei a Inglaterra é que o meu rei, que era então, me pôs fora do meu país... Pois é verdade, tenho esse fraco português, prefiro touros. Cada raça possui o seu sport próprio, e o nosso é o touro: o touro com muito sol, ar de dia santo, água fresca, e foguetes... Mas sabe o Sr. Salcede qual é a vantagem da tourada? É ser uma grande escola de força, de coragem e de destreza... Em Portugal não há instituição que tenha uma importância igual à tourada de curiosos. E acredite uma coisa: é que se nesta triste geração moderna ainda há em Lisboa uns rapazes com certo músculo, a espinha direita, e capazes de dar um bom soco, deve-se isso ao touro e à tourada de curiosos... O marquês entusiasmado bateu as palmas. Aquilo é que era falar! Aquilo é que era dar a filosofia do touro! Está claro que a tourada era uma grande educação física! E havia imbecis que falavam em acabar com os touros! Oh, estúpidos, acabais então com a coragem portuguesa!...

- Nós não temos os jogos de destreza das outras nações, exclamava ele, bracejando pela sala e esquecido dos seus males. Não temos o cricket, nem o football, nem o running, como os ingleses; não temos a ginástica como ela se faz em França; não temos o serviço militar obrigatório que é o que torna o alemão sólido... Não temos nada capaz de dar a um rapaz um bocado de fibra. Temos só a tourada... Tirem a tourada, e não ficam senão badamecos derreçados da espinha, a melarem-se pelo Chiado! Pois você não acha, Craft?

Craft, do canto do sofá, onde Carlos se fora sentar e lhe falava baixo, respondeu, convencido:

- O quê, o touro? Está claro! O touro devia ser neste país como o ensino é lá fora: gratuito e obrigatório.

Dâmaso no entanto jurava a Afonso compenetradamente que gostava também muito de touros. Ah, lá nessas coisas de patriotismo, ninguém lhe levava a palma... Mas as corridas tinham outro chic! Aqueles Bois de Boulogne, num dia de Grand-Prix, hein!... Era de embatucar!”¹

1 Queiroz, Eça de, *Os Maias*, 1888



Fig.35



Fig.36



Fig.37



Fig.38



Fig.39



Fig.40

Fig.35, 36, 37, 38, 39, 40 Fotos da capa do jornal O Toureiro de Cavaleiros Tauromáquicos do final do século XIX



Fig.41



Fig.42



Fig.43



Fig.44



Fig.45



Fig.46

Fig.41, 42, 43, 44, 45, 46 Fotos da capa do jornal O Toureiro de Toureiros Matadores do final do século XIX



Fig.47



Fig.48



Fig.49



Fig.50



Fig.51



Fig.52

Fig.47, 48, 49, 50, 51, 52-Fotos da capa do jornal O Toureiro de Forcados do final do século XIX



Fig.53



Fig.54



Fig.55



Fig.56



Fig.57



Fig.58

Fig.53, 54, 55-Fotos da capa do jornal 'O Toureiro' de Ganadeiros e Agrícoltores do final do século XIX

Fig.56, 57, 58-Fotos da capa do jornal 'O Toureiro' de Campinos, Empresário e Bandarilheiros(respectivamente) do final do século XIX.

É conhecido também o gosto do escritor Ernest Hemingway (1899—1961) pela aventura e pelo risco. Por isso não é de estranhar que este escritor aquando a sua estadia em Espanha se tenha tornado aficionado a ponto de quase se tornar toureiro praticante. Para além dos romances *O Sol também se Levanta* (1926) e *Por quem os Sinos Dobram* (1940) em que o tema do Toureio estava bem presente, Hemingway terá também escrito um ensaio sobre a tauromaquia em *Morte na Tarde* (1935).

A Tourada acompanhou desde sempre a nossa história, foi o espelho da nossa situação política e social ao mesmo tempo que influenciou a criação artística de vários autores tanto no campo das letras, como das artes. O estilo de vida boémio e o fascínio pelos touros também estiveram presentes na vida e obra de artistas como Goya (1746-1828), Picasso (1881-1973) e Almada Negreiros (1893-1970). No cinema, Pedro Almodovar (1949-) explora o tema do desafio da morte e da ambiguidade desejo carnal e amor referindo a Tourada como acontece nos filmes *Matador* (1986) e *Hable con Ella* (2002).

Mas foi na cultura popular que a temática da tauromaquia encontrou maior relevo, principalmente no fado. Segundo Morais (2003), a ligação entre o Fado e a Tauromaquia terá começado no Reinado de D.Miguel I (1802-1866) visto que o Rei seria entusiasta da Tourada, ao mesmo tempo apreciador do estilo de vida boémio, tendo sido um dos responsáveis pela introdução o fado para a corte. É sabido que a Tourada nesta altura seria o espectáculo favorito dos Lisboaetas, dirigindo-se os espectadores do sexo masculino após o espectáculo para as Casas de Fado¹ do Bairro Alto, ou para retiros fora de portas², onde na altura estaria na moda o Fado Batido³. Foi por esta altura, que segundo Morais, o fado começou uma ligação bastante forte com a Tauromaquia. Por este motivo a introdução da temática do Toureio no Fado surgiu de forma natural⁴.

1...onde se batia o fado e se convivia alegremente com mulheres de má fazenda. Uma delas ficou célebre, a Adelaide Facada que o pintor Malhoa imortalizou no quadro chamado “Fado”. (Morais, António Manuel, *Fado e Tauromaquia no sec. XIX*, 2003 p.23)

2 Segundo Morais, actualmente apenas existe uma casa destas, que na altura estaria afastada do centro de Lisboa, o Quebra Bilhas no Campo Grande.

3 ‘...fado batido que consistia em música lenta, com letra a acompanhar, ao mesmo tempo que o homem e a mulher dançavam, batendo com alguma violência de vez em quando contra a barriga, de modo provocatório. ... Defende-se também que tal dança teria sido introduzida em Portugal por D.Miguel e seus amigos após o regresso do Brasil em 1821.’ - (Morais, António Manuel, *Fado e Tauromaquia no sec. XIX*, 2003, pp.17 e 18)

4 Morais, António Manuel, *Fado e Tauromaquia no sec. XIX*, 2003



Fig.59 Fado e Tauromaquia

O Programma 1.^a serie — N.º 2



D. Miguel I
Grande entusiasta do divertimento,
a quem se deveu a construção da praça do Campo de Sant'Anna,
Inaugurada em 1831

Pessanha, Bottino & Pessanha, L.^{da}
Rua 24 de Julho, 94-B, 94-C e 94-D
Teleph.: Central 2733 — End. telegr.: PETTINO

OLEOS DE LUBRIFICAÇÃO
Especialidade em óleos para lubrificação de
automoveis, motores maritimos e machinas de va-
pôr sobreaquecido, e em óleos de iluminação para
caminhos de ferro e minas.

Consultas e Laboratorio para Analyses

Perfumaria Rosa d'Ouro 279, Rua do Ouro. 281
Telephone: Central 2638
A preferida pela Sociedade Elegante

Fig.60



CAMPO PEQUENO
DOMINGO 18 DE JUNHO
EXTRAORDINARIA CORRIDA

Sua Magestade El-Rei
Sua Magestade a Rainha

REAL CLUB GAUROMACHICO
Associação Nacional aos Tuberculosos
HOSPITAL DE REPOSICÃO DOS TUBERCULOSOS DE LISBOA

10 TOUROS 10
Toda a tarde com a presença de

CASA DE BRAGANÇA
SUA MAJESTADE EL REI

Director da corrida — Ex.^{ma} Sr. RUY REBELLO D'ANDRADE

CAVALLEIROS
Ex.^{ma} Srs. D. Luiz do Rêgo, Victorino Frezes
e Marquez de Castello Melhor

MOÇOS DE FORCADO
EX.^{ma} Srs. JOÃO MARCELLINO D'AZEVEDO (CARO), FLUPPE TAYLOR, LUZ D'OLIVEIRA
PIMENTEL, JOÃO HENRIQUE CALDAS, JOSE NUNES CORREIA, MENRIQUE SCHAVES,
ARVALDO FLITSCHER E S.^{as}

MOÇOS DE CURRO
EX.^{ma} Srs. JOSE JULIO DUARTE DA SILVEIRA, ARGENT, ADRIÃO VALENTIM, JOÃO DIAS
DE CARVALHO, GULHERME AMORIM, EDUARDO PERESTRELLO, JOÃO TRIGOSO E
MANOEL VICTOR DA COSTA

MOÇOS DE GAIOLA
EX.^{ma} Srs. D. LUZ DA COSTA E D. PEDRO DE NORONHA

Porteira de cavalleiros
EX.^{ma} Srs. D. ALVES DE MOURA

ESPADA *Relator de touros*
RICARDO TORRES "BOMBITA-CHICO"

BANDARILHEIROS
Jorge Cadete, Jose Martins, Manoel dos Santos, Thomaz da Rocha, *relatores designados*
Antonio Soriano "MAERA" *diversidade de toros* Antonio e Barquero

O espectáculo principia pela entrada dos **CHARAMELLEIROS**

BANDA DOS ALUNOS DA REAL CASA PIA e a Banda da Guarda Municipal
A praça achá-se vistosamente ornamentada
A corrida é annunciada para as 4 h., DA TARDE
não se começando, porém, sem a presença de S.^s M. M. e A. A.

Fig.61

Fig.60, 61 Carteis de Touradas do século XIX



Fig.62



Fig.63

Fig.62, 63 Cartéis de Touradas do século XIX e XX

Toureio

Por estas alturas, finais do século XIX, o toureio já se aproximava muito ao praticado actualmente.

Na tourada dita à Portuguesa, são lidados geralmente 6 ou 8 Touros, dependendo este número da vontade do empresário organizador do espectáculo. Normalmente é dada a conhecer através do *Cartel*¹(Fig.60-63) onde para além da indicação do local, hora e preço dos bilhetes, se encontram mencionados os nomes dos artistas, seus ajudantes, dos peões de brega², grupos de forcados³ e ganadarias de onde provêm as rezes⁴.

Segundo a tradição a tourada começa pelas cortesias⁵ (Fig.64), terminadas estas, entra o Cavaleiro mais antigo⁶ em praça, seguido dos restantes que também entram por ordem de antiguidade, podendo os Cavaleiros tourear mais do que um touro, ou eventualmente todos, dependendo isto da organização prévia do cartel.

Durante a lide, os Cavaleiros são auxiliados pelos seus peões de brega (Fig.65), seus auxiliares. Terminada a sua actuação, o touro é pegado pelo Grupo de Forcados (Fig.66-68). Após a consumação

da pega o Touro é retirado da praça pelos campinos com ajuda de um jogo de cabrestos (ver CapítuloI-Touro). Após este procedimento os intervenientes dão uma volta à arena de agradecimento (Fig.70). Todo o decorrer do espectáculo é controlado pelo Director de Corrida⁷, sendo ele que autoriza a entrada dos Cavaleiros, Grupos de Forcados bem como que é esta figura que autoriza as actuações da banda.

A descrição feita é relativa apenas à Tourada à Portuguesa, sendo que existem vários espectáculos em que se toureia tanto a cavalo como a pé, tal e qual como acontece em Espanha (Fig.69), mas ao contrário do que acontece nesse país, o touro não é morto na arena.

Para além da Tourada, existem outros tipos de eventos envolvendo este animal como as largadas, Corridas à Corda, Garraíadas, Novilhadas e Capeias Arraianas. Todos estes eventos costumam estar associados a festejos do calendário litúrgico sendo de origem popular, ao contrário da Corrida de Touros.

1 Cartaz onde se encontra descrito o desenrolar da Corrida de Touros bem como o nome dos intervenientes. Commumente designa-se de Cartel o grupo de artistas que irão actuar.

2 Homens da confiança do Cavaleiro que entre outras coisas, encontram-se incumbidos de testar o Touro já com o Cavaleiro em praça e antes deste começar a sua actuação, de forma a que visualize as características do animal.

3 'O grupo de forcados é formado por oito homens que, comandados pelo seu "cabo", saltam à arena para pegar o toiro, isto é, para o agarrar com as mãos até o parar, dominando-o.' Sommer d'Andrade (1990)

4 Touros de Lide

5 Como nos refere Andrade, será uma reminiscência dos torneios medievais, em que os Cavaleiros se apresentavam perante a Corte com todos os seus pagens, homens de armas, monteiros e palafreiros. Esta tradição continuou em Portugal após se substituir o duelo Homem-Homem por Homem-Touro.

6 A antiguidade de um Toureiro é contabilizada desde a data da alternativa(altura em que este se tornou Cavaleiro profissional) até à actualidade.

7 O Director de Corrida, antigamente designado por Inteligente, é auxiliado por um médico veterinário nomeado pelo IGAC, pelo cornetim que avisa os presentes na praça dos procedimentos e por um avisador que se encontra entre barreiras e que tem a função de transmitir as suas ordens para a arena e que poderá ser dispensado caso seja nomeado um director de corrida auxiliar, que se encontrará entre barreiras. - Segundo a Regulamentação Taurina



Fig.64



Fig.65

Fig.64 Cortesias .de uma corrida de Touros em meados do século XX **Fig.65** Cavaleiro Tauromáquico



Fig.66

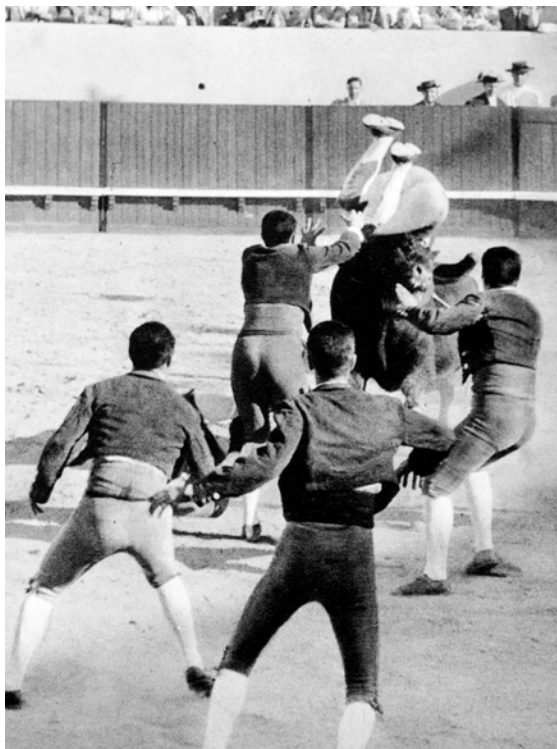


Fig.67



Fig.68

Fig.66, 67 Pega de caras do Grupo de Forcados Amadores de Santarém numa Tourada em meados do século XX **Fig.68**-Sequência de imagens de pegas de Cerenelhas efectuadas pelo grupo de Forcados Amadores de Santarém numa Tourada em meados do século XX.



Fig.69

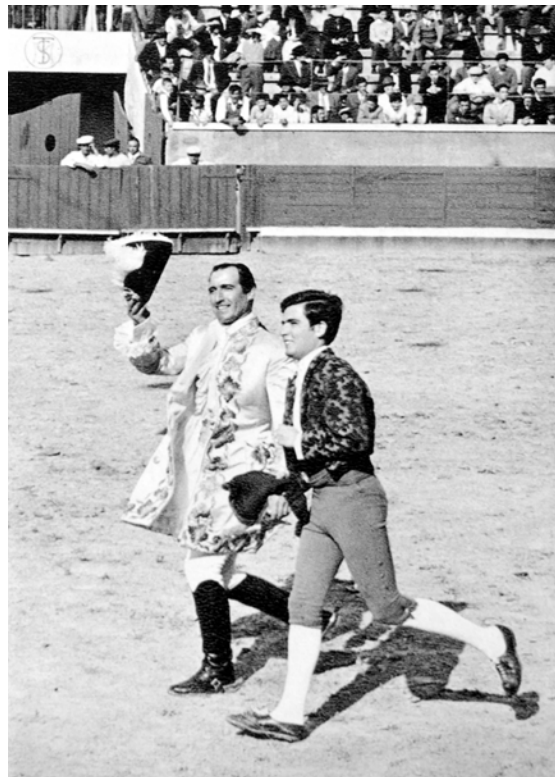


Fig.70

Fig.69 Toureio a pé numa Corrida de Touros em meados do século XX. **Fig70** Habitual volta dos artistas à praça no final de cada lide.



Fig. 71



Fig. 72

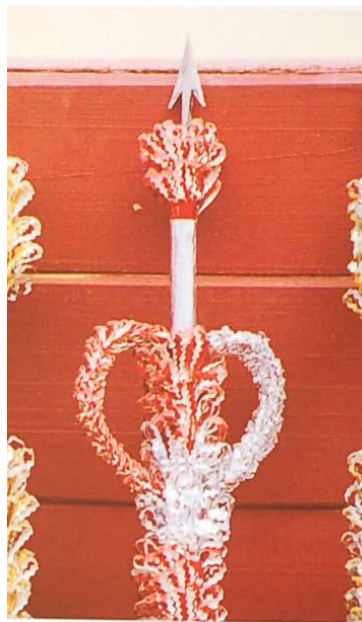


Fig. 73



Fig. 74

Fig. 71 Conjunto de Arreio Castelo Melhor **Fig. 72, 73, 74** Ferros compridos e promenores (respectivamente)



Fig.75 Conjunto de casacas e coletes bordados a ouro.

Segundo o Relatório da Actividade Tauromáquica 2008, elaborado pelo IGAC³², o número de espectáculos em 2008 terá sido superior ao número de espectáculos a 1998³³, mas apesar de o número de Corridas de Touros ser inferior aos anos de 2000, 2001, 2002 e 2003, desde 2004 que se observa um acentuado aumento do número de espectáculos bem como do número de espectadores, sendo este o terceiro mais elevado dos últimos 10 anos. Este facto estará relacionado com o recente aparecimento dos novos multiusos, que para além de proporcionarem um maior conforto durante o espectáculo reúnem condições para corresponder às exigências das transmissões televisivas. Este facto é corroborado pelos números do mesmo relatório elaborado pelo IGAC, sendo que é referido que em 2005 apenas foram transmitidas 4 Touradas enquanto que em 2006 terão sido 10, correspondendo este aumento à re-inauguração da Praça de Touros do Campo Pequeno, sendo que 6 das corridas transmitidas anualmente desde 2006 são a partir deste Tauródromo. Em 2007 com a inauguração da arena de Évora o número de espectáculos televisionados subiu para 11.

A nível nacional o concelho que apresenta maior número de espectáculos é o de Albufeira, contabilizando 29 na época de 2008. Segue-se

Lisboa com 20; Moura com e Vila Franca de Xira com 11 e Évora e Montijo com 10 (Mapa 2). Esta discrepância no número de Touradas efectuadas no concelho de Albufeira, deve-se à praça de Touros de Albufeira, que apresenta várias corridas de ao longo da época, coincidindo com a época alta do turismo no Algarve. Este tipo de eventos são direccionados para o público estrangeiro que sazonalmente visita o nosso país. Apesar do número elevado de corridas efectuadas nesta praça, o número de espectadores é bastante reduzido se comparada com outras praças do país como por exemplo a do Campo Pequeno, que na época de 2008 efectuou menos 9 corridas às quais assistiram 122.768 pessoas enquanto que em Albufeira o número de espectadores foi de 34.115.

Há muito que a Tourada tem sido alvo de controvérsia, havendo quem se oponha à sua realização. Mas pela força da tradição este espectáculo tem permanecido como um dos símbolos da nossa cultura como povo Português. Mas actualmente, e apesar dos números do relatório acima citado, existe o risco dessa ténue ligação ao nosso passado que nos diferencia e caracteriza, se desfaça. Lentamente o mundo globalizado e uniformizado, asfixia este tipo de tradições, quer

³² Inspeção Geral das Actividades Culturais

³³ No relatório apenas são apresentados dados estatísticos desde 1998

³⁴ Ver mapa 2

sejam elas mais ou menos questionáveis. Actualmente os Portugueses não têm apenas a tauromaquia como forma de entretenimento, existem outros atractivos culturais que permitem uma dispersão de públicos tais como o teatro, cinema, futebol, etc... Além desse facto, o panorama social nacional é bastante diferente do que existia no início do século em que ainda existia uma marcada ruralidade na mentalidade portuguesa. A adesão de Portugal à União Europeia, aliada à progressiva uniformização das políticas legais dentro dos estados membros pode ditar a médio-longo prazo o fim ou o condicionamento desta tradição. Mas a história ensinou-nos que correr Touros, foi uma prática que esteve em constante mutação, sendo que foi essa transformação progressiva que trouxe até nós a Tourada e que ao mesmo tempo nos deixa em aberto o futuro desta “Festa Nacional”.

Plaza de Toros de Almenar
14 de Agosto SEIS de la tarde
 ESPECTACULO GRATUITO PEDRO ELIPE



GRAN BECERRADA LOCAL
 2 hermosos novillos 2 de la cuadrilla ganadora
 Hermanos Dominguez de Pared (Navarra)

PRIMERA CUADRILLA
 Mireille Ayma - la traza
 Luis Antonio Goichea
 Agustín Losada
 Pedro Javier Elipe
 José Luis Yagüe

SEGUNDA CUADRILLA
 Pedro Sanz «EL DANDI»
 Miguel Angel Sanz «la traza»
 Francisco Sanz «la traza»
 José Miguel Martínez «el pastor»
 Manuel Prieto «el pastor»

Director de lidia: MIREILLE AYM

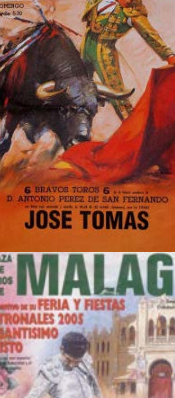
Feliciano Sanz L.
 Transportes - Almon - Cereales - Semillas - Fertilizantes
 La Ermita, s/n - Telf. 36.30.276

SALAMANCA 1899



FERIAS Y FIESTAS
 con las 31 de Septiembre
 FESTIVIDAD RELIGIOSA
 LUNES JUEVES Y VIERNES
 RETRETAS Y MILITARES
 GRANDES CORRIDAS DE TOROS
 CUADRILLAS
 FERIA DE LA PUERTA Y CANTINA

REAL MAESTRANZA DE SEVILLA
 EXTRAORDINARIA CORRIDA



JOSÉ TOMAS

BRAVOS TOROS
 D. ANTONIO PUERTE DE SAN FERNANDO

NUOVA PLAZA DE TOROS - Arenas de Barcelona
 Domingo 15 de Mayo 1913
BENEFICIO
 Asociación de la Prensa Barriada



OS ESCOCOS
 D. JUAN PEREZ DE LA TORRE
 D. JUAN PEREZ DE LA TORRE
 D. JUAN PEREZ DE LA TORRE

MAQUITO ALLO
 D. JUAN PEREZ DE LA TORRE

PLAZA DE TOROS DE CADIZ
 EL DOMINGO 16 DE AGOSTO DE 1900
UNA CORRIDA DE TOROS



Rafael Guerra, Guerrita
Manuel García, Espartaco

TRENES ESPECIALES, SIN FUMIGACION.

EL TORO DEL AGUARDIENTE

PREMIOS

JESULIN DE URRUTIA
 «EL CORDO»
 MIGUEL ABEL

MALAGA



Impres: ANDRÉS PRADO
 Patrocin: EXCMO AYUNTAMIENTO

GRANDES ACONTECIMIENTOS TAURINOS
15
GRANDIOSO ESPECTACULO COMICO-TAURINO-MUSICAL
EL BOMBERO TORERO

DOMINGO 16
MONUMENTAL NOVILLADA
CON PICADORES
6 BRAVOS NOVILLOS TOROS, 6
D. TOMAS PRIETO DE LA CAL

ANTONIO RAMIREZ
EMILIO LASERNA
CURRO MARTIN

17 SENSACIONAL BECERRADA
3 BRAVOS BECERROS Y 3 VAQUILLAS

Arenas de Barcelona



GRANDES CORRIDAS EXTRAORDINARIAS
 29 de Julio y 6 de Agosto de 1900

PRIMERA CORRIDA
 D. Mariano Ledesma
 D. Joliro GARCIA

Mazzantini
Conejito
Algabeño

Fuentes Bombita
Bombita-Chico

TOURADA
 à VARA LARGA
 em MONFORTE



SEXTA-FEIRA 24
 de Junho de 1955
 A'S 17 HORAS
 (Cinco da Tarde)

Formidável e bravissimo gado
 do Abastado Lavrador Ex.^{mo} Senhor
António Fernandes de Moura

Nas noites de 23, 24 e 28, haverá Verbena
 na Sociedade Filarmónica Monfortense

15 de Junho
JOSÉ BENITEZ CUBERO
ALVARO MONTES
DIEGO VENTURA
JOAO MOURA, hijo

CAMPO PEQUENO
 Quinta-Feira, 16 de AGOSTO de 1973
 As 10 horas da noite



Corrida Anual dos Toureiros
 com PICADORES e Toiros de 500 KGS.

JÚLIO SOARES
ARMANDO
MÁRIO
COELHO

FALCÃO GOMES
JÚLIO
OSCAR
ROSMANO

PICADORES
Angel C. Canales • **Curro Reis** • **Laureano Castillo**
TOUROS • 500 KGS. • **HERDEIROS** • **INFANTE DA CAMARA**

MARCO



Corrida de Toros
 de 1000 e 1200 KGS.
 de la ganaderia de ARUCCI

MANUEL DIAZ
FRANCISCO
RIVERA ORDO
DAVID FANDELA
"EL FAN"

9
NOVILLADA
DAVID VAZQUEZ
ANDRES ROMERO
CURRO JIMENEZ
WILDO DE MARCHENA

O VILALBA (Estadão)



DES FESTEJOS TAURINOS, 5

NOVILLADA CON PICADORES
Juli Cruz
VALENTIN MINGO
PEDRO CARRERO
PEPE MORAL

CORRIDA DE TOROS
LOPEZ CHAVES
IVAN GARCIA
FERNANDO CRUZ

EXHIBICION DE RECORDS
2ª EDICION

TOROS MIXTA
Lorenzo

TURA
elilla

VARA
VERDE

HEN

SABADO 16
OCTUBRE

VIERNES 8
JUNIO 20

NUMEN
E TORI

TOROS, 6

BES
ÑE

DI

PEÑA DE TOROS

MALAGON

2 Grandes Acontecimientos Taurinos 2

Grandiosa Corrida del Arte del Rejoneo

5 bravos novillos 5

2 de la acreditada ganadería de JARALTA

7 3 de la acreditada ganadería de

PLAZA DE TOROS DE MADRID

EXTRAORDINARIA CORRIDA

ENRIQUE PONCE

ALANDROAL

SABADO ABRIL/04 10

GRANDIOSA CORRIDA DE TOROS

FEIRA DE S. BENTO

JOÃO SALGUEIRO
ANA BATISTA
FOLGADO

3 de hoy: ANTONIO SILVA
3 de hoy: INACIO RAMOS

PORTALEGRE

CUCUJÃES

TOURADA DE ANÕES



PRAÇA DE TOIROS

ADA NO CAMPO DE FUTEBOL
ANIZACAO CRUZ VERMELHA

PLAZA DE TOROS DE HOYO DE PINARES
Fiestas de San Miguel Arcángel
EXTRAORDINARIA CORRIDA DE TOROS

JOÃO MOURA
JOÃO MOURA

BARRANCOS

Tradicionais Festejos Taurinos

2009

29 AGOSTO - 18:00h
Libre de 12 Toros de extraordinaria Ganadería
Coudo de Famílias
para os primeiros matadores
FRANCISCO JAVIER CORPAS
MANUEL ESCOBARDO
Acompañados das respectivas cuadrillas

30 AGOSTO - 18:00h
Libre de 12 Toros de sensacional Ganadería
Coudo de Famílias
para os primeiros matadores
EL CARTUÑO
JOSE MARIA LAZARO
Acompañados das respectivas cuadrillas

31 AGOSTO - 18:00h
Libre de 12 Toros de sensacional Ganadería
Coudo de Famílias
para os primeiros matadores
NUÑO CASQUINHA
Acompañados das respectivas cuadrillas

MALAGON



GRANDES ACONTECIMIENTOS TAURINOS, 3

ERNES
15
GRANDIOSA CORRIDA DE TOROS
530
A LAS 5:30
DE LA TARDE
PARA LOS VALENTES MADRILEÑOS
ANIL RUIZ
DE UBEDA
REINA RINCON

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE ELVAS

SEXTA-FEIRA 25
SETEMBRO/09
22 horas

JOÃO MOURA
JOÃO MOURA

PLAZA DE TOROS

MALAGON

PLAZA DE TOROS DE

JOÃO AUGUSTO
JOÃO AUGUSTO

PLAZA DE TOROS DE

MALAGO

AGON

S.L. Colabora: EXCMO. AYUNTAMIENTO

DE SU 3
EXTRAORDINARIOS FESTEJOS TAURINOS 3

GRAN BECERRADA
CLASES PRACTICAS
futuras promesas

OS - RUBEN PINAR
el idolo local

ERO - «EL RODAO»

CON MOTIVO DE SUS FERIAS Y FIESTAS PATRONALES 2005
ANTISIMO CRISTO

PLAZA DE TOROS DE

MALAGON

3 SENSACIONALES ACONTECIMIENTOS TAURINOS, 3
Durante los días 15, 16 y 17 de Septiembre, A LAS 5 DE LA TARDE

JUEVES 15
GRAN CONCURSO NACIONAL DE RECORDATORES
RECORTES, QUIEBROS Y SALTOS
El mayor éxito de la temporada se presenta en la Feria de Malagón. A continuación "VUELTA DE LOS RODEOS" para los aficionados y 1 suelte para el público. **D. ANDRES "EL RODAO"**

VIERNES 16
SOBERBIO FESTEJO DE REJONES
A las 18:00h. **REJONEROS NOVILLEROS**
D. JULIO A. DE LA PUERTA Y CASTRO

SABADO 17
FABULOSA CORRIDA DE TOROS
A las 18:00h. **GRANDIOSA CORRIDA DE TOROS**
D. JULIO A. DE LA PUERTA Y CASTRO

JOAO MOURA
MARTIN BURGOS
DOMINGUEZ

FRANCISCO ESPLA
EUGENIO DE MORA
ANTON CORTES

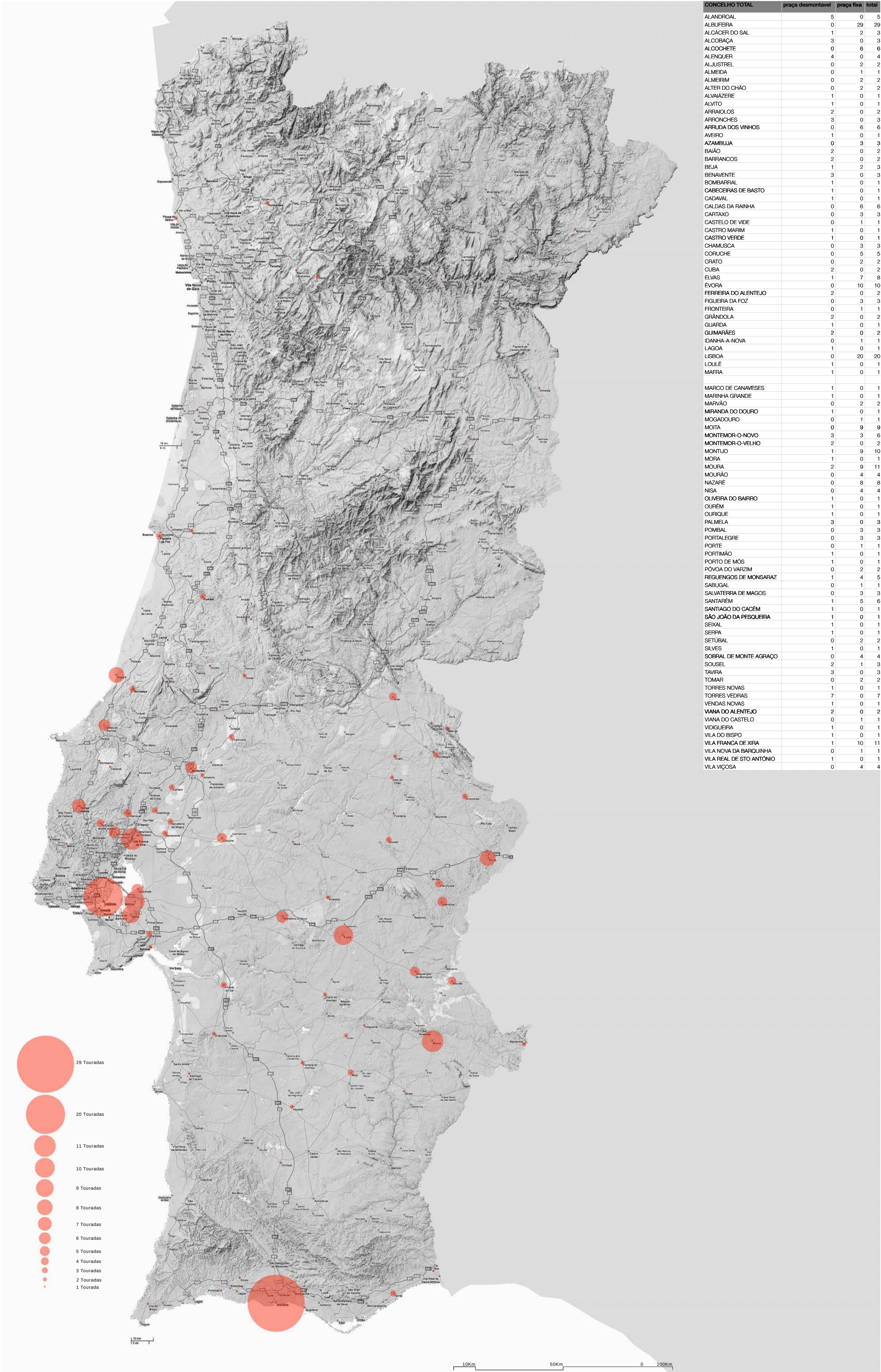
SABADO 18
SEPTIEMBRE

FORMIDABLE CORRIDA DE TOROS
6
A LAS 6:00 PM
DE LA TARDE
DE LA PUERTA, TARDE
para los MADRILEÑOS DE TOROS

VICTOR PUERTO
Luis Miguel ENCABO
ANTON CORTES

PRECIOS
Rejones C. Toros
Jubilados y Niños 10 € 12 €
Tendido 15 € 18 €

Mapa#2-Número de Touradas efectuadas em praças fixas e desmontáveis,
por concelho durante a época de 2008



História

A corrida de touros, como anteriormente referido, terá sido originada na sua expressão mais ou menos definitiva como evolução dos torneios e jogos da cavalaria. O local onde estes eventos decorriam terá espelhado a evolução do espectáculo, partindo de uma estrutura provisória montada propositadamente para a sua realização, como aconteceria nos torneios da idade média para as praças dos palácios, castelos e vilas, acabando finalmente por se construírem recintos de carácter permanente, as praças de touros como actualmente as conhecemos.

Segundo Almeida, foi na idade média, com o estabelecimento do campo fechado para os torneios, jogos da cavalaria e combate com animais, que começou por surgir em território Ibérico esta estrutura que por meio de várias evoluções originou o que actualmente conhecemos como Praça de Touros. Apesar do seu aspecto actual se assemelhar muito aos circos romanos, como o autor refere, esta relação não terá estado na sua génese, sendo que a apropriação da forma redonda das arenas terá sido tardia. A arena onde estes jogos aconteceriam inicialmente seria rectangular, rodeada por palanques destinados ao público e rematada num dos topos por um corpo mais avançado que seria reservado aos organizadores do evento, bem como à realeza e outros elementos da corte. Sempre que

possível os palanques estariam encostados a uma parede ou muro, de forma a simplificar a sua construção, poupando assim a construção de um ou dois lados do recinto.¹

Com a popularização da corrida de touros em detrimento do torneio entre cavaleiros que caíra em desuso, surgiu a necessidade de criar bancadas que comportassem um elevando número de espectadores. Esta necessidade levou pela primeira vez, a pensar-se em termos urbanísticos de como poderia o problema ser resolvido. Estudam-se então soluções de praças amplas, que facilmente se adaptariam ao espectáculo. Foi então que no ano de 1617, que Filipe III mandou edificar a Plaza Mayor de Madrid (Fig.81 e 82).

Destinada principalente á espectáculos, se estudió la manera de colocar el mayor número posible de espectadores y bajo este punto de vista, aunque en el de la estética dejaba mucho a desear, satisfizo al vecindario de Madrid, porque en las ventanas y los tablados , que se levantaban en sitios á propósito, podían colocarse más de 50.000 espectadores²

O propósito da construção praça foi bastante claro, tendo os inquilinos das habitações sofrido várias restrições no que respeitava ao uso das janelas fronteiriças à praça. Mas com o aumento das

¹ Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953

² Citação de Pascual Milán (Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953)

exigências do espectáculo, e principalmente com a dificuldade na atribuição dos lugares da praça¹, o recinto demonstrou rapidamente as suas insuficiências. Foi então que Filipe IV (1605-1665) se viu obrigado a construir uma nova praça no Buen Retiro, que tinha apenas o propósito da realização de touradas. Este equipamento foi construído em madeira, material em que terão sido construídas maior parte das praças até finais do século XIX, principalmente em território português.

Como Almeida refere, Portugal seguiu uma evolução semelhante a Espanha, reforçada durante o domínio filipino, apesar de anteriormente já se construírem palanques em praças públicas e em terrenos amplos fora das cidades, para a realização de Corridas de Touros. Este autor refere o exemplo da festividade efectuada em Xabregas, organizada pelo rei D. Sebastião, onde se picaram Touros, festejando a partida dos exércitos para a campanha no Norte de África.²

'Mandou logo a Camara formar um terreiro largo em frente dos paços onde morava a Rainha D. Catharina. Mais de trezentos homens trabalharam durante muitos dias para entulhar de lenha e terra toda a praia, para onde era necessário alongar a arena.

*Rodearam-se de palanques altos de três dobrados e adornaram-nos de vistosas colgaduras, guadamecis e tapeçarias com quadros symbolicos*³

Segundo Almeida, a fachada do Paço da Ribeira também terá sido utilizada para apoiar estruturas similares, tendo sido várias as corridas aí efectuadas, sendo as anteriormente citadas no segundo capítulo, aquando do casamento de D. Catarina, as que maior relevo tiveram. O Rossio também terá sido adaptado para a realização de Touradas camarárias e como no caso do Paço da Ribeira foi aproveitada uma fachada ampla e com bastantes janelas para apoiar a estrutura dos palanques, de forma a facilitar a sua construção e solidez, possibilitando também a criação de maior número de lugares, visto que as janelas poderiam ser utilizadas para assistir aos espectáculos. A acrescentar a estes três lugares, foram ainda armados palanques para uma corrida régia no areal da Junqueira.⁴

Pelos registos das corridas de touros efectuadas em Portugal até aos finais século XVIII, chegou-se à conclusão que nunca houve a necessidade de adaptar a arquitectura de um determinado espaço público às necessidades desta festa, ao contrário do

1 A organização dos festejos nesta praça encontravam-se então a cargo do Conselho de Estado

2 Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953

3 Citação de 'Embrechados' do Conde de Sabugosa feita por em que se descreve a construção das infra-estruturas necessárias à realização das festividades. (Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953)

4 Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953



Fig.76



Fig.77

Fig.76 Lanceamento de um touro em campo fechado. **Fig.77** D.Luís de menezes na praça de Xabregas

que aconteceria em Espanha no mesmo período. Em Espanha, no virar do século XVII para o XVIII, com os aspectos comerciais que este espectáculo começava a ganhar, surgiu a necessidade de se controlar as entradas, o que por si só impulsionou a construção de recintos fechados, adaptados à função. Segundo Almeida, estes recintos terão sido, as primeiras Praças de Touros. Estes Tauródromos, inicialmente seriam rectangulares ou quadrados. Com o desenvolvimento do toureio, apareceram outras formas que melhor se adaptavam a esta prática. Foi então que surgiram as primeiras praças com formas poligonais.¹

Os primeiros recintos fechados construídos em Espanha, terão sido motivados pela vontade das Reais Maestranzas² em lucrar com o espectáculo. Em 1707, Sevilha já contava com uma Praça de Touros da Real Maestranza, que embora fosse rectangular e feita em madeira, já apresentava um carácter permanente. Após a construção desta praça, seguiu-se em 1743 a construção de outra com as mesmas características em Madrid. As praças de Touros, vão assim adquirindo progressivamente um carácter permanente, que se estabelece como definitivo no ano de 1761 com a

construção da 'Real Maestranza de Sevilla', actual Tauródromo desta cidade. Esta praça foi construída em alvenaria e a sua arena já seria circular, forma que lentamente começou a prevalecer na maior parte destes recintos.

Enquanto que em Espanha, se tornava recorrente estes recintos apresentarem um carácter permanente, como refere Almeida, em Portugal remediava-se a situação com a construção de estruturas provisórias. Apesar, de D. João V ter erigido várias praças por todo país⁶ durante o século XVIII, segundo o autor não teriam grande relevo no panorama nacional da altura visto não existirem registos históricos de terem decorrido Touradas de grande importância nestes recintos. O Terreiro do Paço permaneceu como o teatro de eleição para as festividades tauromáquicas do reinado, mesmo após o grande terramoto de 1755⁷. Este facto não é de estranhar visto que nos planos de reconstrução da cidade de Lisboa não terá sido incluída nenhuma praça que se adaptasse à função de proporcionar espectáculos tauromáquicos, mesmo conhecendo-se então o exemplo de Espanha.⁸

Os primeiros grandes festejos realizados após a reconstrução da Praça do Comércio (Fig.83) tiveram

1 Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953

2 As Reais Maestranzas de Caballería, foram corporações particionadas pelo estado espanhol, cuja função inicial era o ensino da equitação e manejo armas à nobreza.

6 Segundo Sommer d'Andrade (1991), D. João V durante o seu reinado (1706 a 1750) terá mandado erigir várias praças nas Beiras, Estremadura, Alentejo, Douro, Minho e Trás-os-Montes. Também terá mandado construir mais duas praças na cidade de Lisboa, apesar de na altura já existirem três. Uma das praças que o monarca terá mandado edificar, foi a da Junqueira, que na altura já apresentaria planta circular.

7 Após a reconstrução passou a chamar-se Praça do Comércio.



Fig.78



Fig.79

Fig.78 Corrida em Valladolid (1527) **Fig.79** D.Pedro III de Aragão em Bordéus.

lugar em 1777, por altura da coroação da rainha D. Maria I (1734-1816). Ergueu-se então uma aparatosa Praça de Touros provisória, que se destacava de todas as então existentes no Reino. A obra ficou então a cargo do arquitecto da cidade, o Sargento-Mór Matheus Vicente de Oliveira. Esta praça apesar do seu carácter provisório, já apresentava algumas influências das praças espanholas, que na altura estariam bastante mais evoluídas do que as que existiam em Portugal.

...A Real Praça do Commercio hé de tão grande extensão, que deu lugar a se erigir em pouco mais de hua quarta parte della, outra particular Praça de madeira, para os combates dos touros, encostada ao lado occidental da mesma Real Praça, sem se perturbar as serventias em roda do magnífico pedestal da Real Estatua do Senhor Rey D. José Primeiro, nem a passagem calçada, que atravessava a ditta Real Praça pelo lado Norte.

[...]

Formou-se esta Praça de figura octogona oblonga, que tem no seu total comprimento de vãos interior 445 palmos, e de largo 400 palmos, sendo os seus mayores lados os do Oriente. Dividio-se a sua altura, que he de 50 palmos, no plano em palanques em forma de amphiteatro, com sua trincheira na frente, e por sima duas ordens de Camarotes dos lados da

sombra, e em hum palanque superior nos lados do sol para maior acomodação do povo rematando tudo em huma galaria de barandas de balaustre, adornada por sima das 62 divizes desta Praça com estatuas, e vazos de flores alternados, e de grandeza proporcionada à altura em que se achão collocados.

[...]

Em o lado occidental na ordem superior se formou huma geral baranda, erigindo-se no meio della huma magnífica Tribuna para as suas Magestades e Altezas; e huma e outra parte se dividio em grandes camarotes, sendo o primeiro do lado direito da Real Tribuna, destinado para o Ilustrissimo e Excellentissimo marquez Estribeiro mor...

[...]

Toda esta fortissima Praça se pintou tão propriamente, que figurava hum magestoso Amphiteatro de cantaria de várias cores.¹

Pela descrição acima citada, é perceptível a sumptuosidade que este espaço transmitia, bem como a alteração da forma da própria Praça, que neste caso já seria octogonal. Embora nesta altura já existissem vários Tauródromos em Portugal, nenhum deles reunia as condições para se celebrarem festejos com a pompa própria das corridas reais. Estas características foram alteradas

¹ 'Aplauso festivo' de Joaquim José Moreira de Mendonça, para descrever a Praça de Touros erguida na Praça do Comércio em 1777 (Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953)



Fig.80



Fig.81



Fig.82



Fig.83

Fig.80 Rei D.Duarte **Fig.81** Infante D.Duarte toureando em Madrid (1623). **Fig.82** Conde de Villamediana na Plaza Mayor de Madrid. **Fig.83** Tourada no Terreiro do Paço em 1661.

ao longo do tempo com a profissionalização do espectáculo que lentamente começou a fazer-se sentir, apesar de ainda muito distante do panorama espanhol.

Segundo Almeida, o final do século XVIII foi pouco propenso a realização de Corridas Reais, quer pela doença da Rainha D. Maria I, quer pelas invasões napoleónicas que precipitaram a fuga da corte para o Brasil em 1807. Foi porém, esta rainha que terá criado uma das instituições de caridade mais importante a nível nacional, a Casa Pia. Mas seria a rainha D. Maria II que mais tarde em 1836 proibiria os Touros de morte em Portugal, bem como que em 1837 decretaria que as Touradas não gratuitas em Lisboa só poderiam ser organizadas pela Casa Pia¹, e que os rendimentos obtidos nas restantes corridas efectuadas no resto do país deveriam ser aplicados em benefícios das Misericórdias ou outras instituições de caridade desse concelho. Actualmente, grande parte das Praças de Touros ainda pertencem às Misericórdias² locais.³

Segundo Almeida (1953), a ausência de Corridas

Reais, proporcionou que se construíssem várias praças pelo país, não se importando o povo de pagar caso fosse necessário, para assistir ao seu espectáculo favorito. Este autor refere que a maioria das Praças de Touros que existiria no nosso país até finais do século XIX, seriam ... *feias, pouco cómodas, de uma estrutura abarracada, aproximando-se mais das praças de emergência* ...⁴. Estes recintos, como anteriormente referido, em nada tinham a ver com os existentes em Espanha, que por influência dos anfiteatros romanos existentes na Península Ibérica teriam adoptado a sua forma e solidez⁵, ao mesmo tempo que apresentavam grandes preocupações estéticas⁶.

Este panorama foi mudando progressivamente. Em 1790 com a construção da primeira praça de Touros do Salitre, que seria mais tarde substituída por uma segunda construída nas suas imediações, já era obvio que havia um tauródromo de Lisboa. Estas praças foram bastante importantes a nível nacional e internacional, tendo toureado nestes recintos as

1 Actualmente, a Praça de Touros do Campo Pequeno (Lisboa), ainda pertence à Casa Pia do Município.

2 A Santa Casa da Misericórdia foi fundada pelo Frei Miguel de Contreiras, com apoio D. Leonor, em 1498 e tem como objectivo prestar auxilio aos mais necessitados. Actualmente esta associação está espalhada por todo o país.

3 Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953

4 Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953, p. 336

5 ...*Note-se, porém, que sendo, como se referiu, incisiva a influência exercida pelos circos romanos na forma estrutural das praças de touros espanholas, o reflexo dessa influência nas nossas só muito mais tarde se fez notar. É certo que desde logo se optou para uma forma mais ou menos circular da arena - tal como se adoptava em Espanha - e por uma disposição semelhante; ...*(Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953, p. 336)

6 ...*praças que iam povoando a Espanha, erguendo-se em linhas sóbrias, elegantes, num conjunto de agradável solidez, por vezes até ostentando exageradas preocupações artísticas, sobretudo quando se tornou corrente imprimir às fachadas dos tauródromos um certo ar mourisco, exuberante de cor e forma.* (Almeida, Jayme Duarte de, *História da Tauromaquia*, 1953, p. 336)

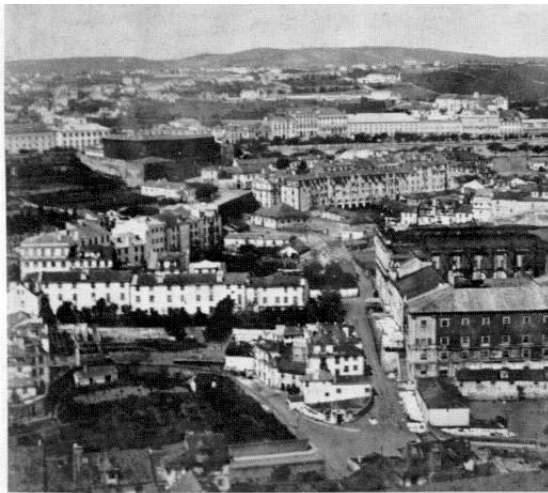


Fig.84



Fig.85

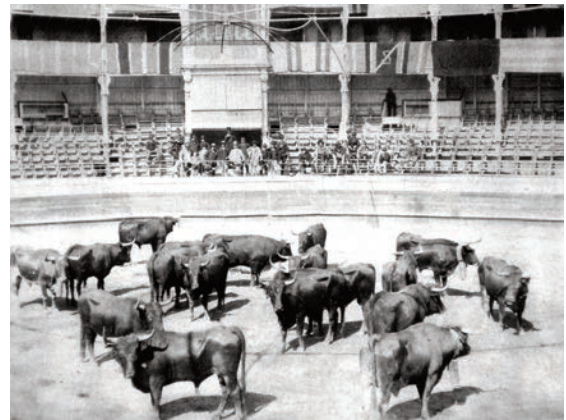


Fig.86



Fig.87



Fig.88

Fig.84 Praça de Touros do Campo Santana **Fig.85** Maquete da Praça de Touros do Campo Santana **Fig.86** Praça de Touros do Campo Santana **Fig.87** Praça de Touros da Junqueira **Fig.88** Praça de Touros de Algés

maiores figuras do toureio nacional, e mesmo muitas figuras importantes do toureio espanhol, aquando a proibição das corridas naquele país.

Mais tarde, com a inauguração da praça de touros do Campo de Santana em 1831¹ (Fig.84, 85, 86), a praça do Salitre perdeu a importância que teria até então, passando a nova praça a ser considerada a mais importante de Lisboa até 1887, altura em que seria encerrada por falta de segurança. Lisboa, ficou então sem uma praça de touros até ser inaugurada a Praça de Touros do Campo Pequeno em 1892 (Fig.89-94).

Esta última praça, obra do arquitecto António José Dias da Silva (1848-1912), tornou-se rapidamente, num ícone não só da cidade de Lisboa, bem como de Portugal, tendo acompanhado a história do nosso país desde a data da sua construção, sendo considerada uma das mais importantes a nível mundial.

Nos finais do século XIX, haveriam poucas praças de touros em Portugal construídas em alvenaria, sendo normal a analogia entre essas construções e os 'circos romanos', comparação essa que sugere que não existissem até aquela data muitos exemplos de

praças de touros em alvenaria no nosso país. Por isso não é de estranhar que existam alguns autores que refiram, que no projecto da Praça de Lisboa, para além da evidente influência da praça de Las Ventas^{2 3}, se tenha tomado como referência a Praça de Touros da Azaruja⁴, recinto redondo, que então já seria construído em alvenaria, e que contava na altura com um recém inaugurado⁵ piso de camarotes e galerias. Apesar das grandes diferenças entre estas duas praças, tanto a nível da sua escala como nível da sua importância e estilo arquitectónico, teriam uma estrutura funcional bastante semelhante, resultante da evolução do próprio recinto.

1 Apesar do carácter permanente, esta praça ainda era em madeira.

2 Praça de Touros de Madrid;

3 Parece que incumbiram o sr. Dias da Silva, distincto empregado da repartição technica da camara municipal, de fazer o projecto da nova praça, adoptando nas devidas proporções, e com as alterações que julgar convenientes, a planta da praça de Madrid. - (O Toureiro - nº 76, Junho de 1889)

4 Passa de boca em boca, de geração em geração, que esta praça serviu de modelo à catedral do Campo Pequeno, pese embora a distinta architectura desta última' (Oliveira, J. Nunes, *Praças de Touros em Portugal*, 1997, p.22)

5 Começarão esta semana as obras para a conclusão de camarotes e galeria na vasta praça da Azaruja. Inaugurada na época passada, foi então impossível concluir-se todos os trabalhos. (O Toureiro nº 64 - 1888)



Fig.89

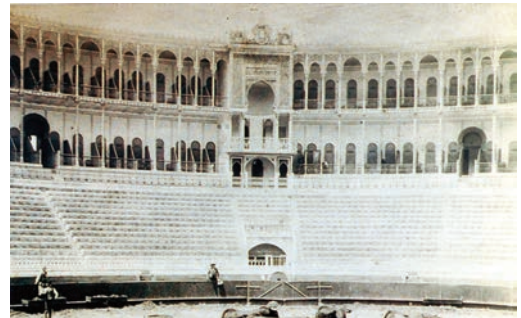


Fig.90



Fig.91



Fig.92



Fig.93



Fig.94

Fig.89, 90, 91, 92, 93, 94 Praça de Touros do Campo Pequeno



Fig.95



Fig.96



Fig.97



Fig.98

Fig.95 Real Maestranza de Sevilla **Fig.96** Praça de Touros de Granada **Fig.97** Las Ventas (Madrid) **Fig.98** Praça de Touros de Malaga



Fig.99



Fig.100



Fig.101



Fig.102

Fig.99 Praça de Touros de Valência **Fig.100** Praça de Touros de Salamanca **Fig.97** Praça de Touros de Barcelona **Fig.98** Praça do Campo Pequeno

Estrutura

Pela importância que a praça de touros do Campo Pequeno terá tido no panorama nacional, poder-se-á afirmar que em território nacional, a estrutura funcional deste tauródromo terá sido tomada como exemplo na construção das praças que nos anos se seguiram foram sendo construídas. A organização espacial do Campo Pequeno assemelha-se à generalidade das Praças de Touros do país. Todo o recinto se organiza pelo eixo cartesiano Norte Sul. Tal como na descrição da Praça de Touros erguida em 1777 na Praça do Comércio, a orientação solar é primordial na disposição da Praça. Como a Tourada foi sempre um espectáculo que se realiza ao ar livre, especialmente em tardes de Verão, a sombra foi desde o início o lugar das classes sociais mais importantes, portanto neste aspecto o Campo Pequeno não só não foge à regra, bem como que acentua esta característica, visto que a praça apresenta uma planta circular, interceptada por uma cruz grega alinhada segundo o eixo cartesiano Norte Sul.

A arena encontra-se no centro e está rodeada pelas bancadas¹, camarotes e galeria². No topo Norte encontram-se os curros, entrando os animais em praça por esse mesmo lado. Já os artistas entram

pelo lado Nascente, local onde se encontram as cavaliças da Praça. Esta disposição é determinada pela disposição dos lugares da bancada e dos camarotes. Como os lugares mais importantes da praça, consequentemente mais caros, se encontram na Sombra, e tendo em conta a hora do dia em que as Touradas com maior frequência realizavam, não é de estranhar que os lugares principais³ se encontrem na ala Poente do recinto, em frente à porta de entrada dos cavalos.

Como forma de proteger o público de possíveis acidentes decorrentes da fuga de um Touro para as bancadas, levantou-se um muro, chamado de barreira. Enquanto que as bancadas são limitadas pela barreira, a arena é delimitada pela trincheira⁴. Entre a barreira e a trincheira, fica o espaço denominado *entre barreiras*, onde permanecem os intervenientes no espectáculo.

Esta estrutura básica, pode ser encontrada na maioria dos Tauródromos dos países. Para além dos espaços anteriormente referidos, também existem outros, que não interferindo directamente no espectáculo são indispensáveis para o bom funcionamento da praça como a enfermaria, bilheteiras, capela, instalações sanitárias, vestiários e arrecadações.

1 A bancada encontra-se dividida em 7 sectores, havendo lugares de barreira e contra-barreira, respectivamente primeira e segunda fila das bancadas. Inicialmente as bancadas dividir-se-iam em lugares de Sol e Sombra, mas com o tempo, nos recintos com maior capacidade surgiu a necessidade de criar sectores de forma a simplificar a distribuição dos espectadores no recinto.

2 Na Praça de Touros do Campo Pequeno existem dois níveis de camarotes e galerias (camarotes e galeria de 1ª e 2ª ordem).

3 Camarote Presidencial e tribuna do director de corrida

4 A trincheira tem a finalidade de proteger os intervenientes, que mesmo não entrando na arena são necessários para a sua realização. Por norma não ultrapassa 1,6m de altura, visto que alguns dos artistas a têm que saltar para entrar em praça.



122

123

124

125

116

117

118

114

115

116

114

115

116

101

102

96

97

2.6	127	128	129	130
19	120	121	122	
117	118	119	120	
5	117	118		
103		104		10
	98		99	

Tauródromo

Em Portugal, estes recintos foram construídos progressivamente, espelhando o número e a localização destes equipamentos o gosto que as gentes de determinadas regiões do país nutrem pela Tourada. Com base nos mapas 4, 5, 6, chegou-se à conclusão que o Alentejo apresenta um grande número de tauródromos, especialmente se tivermos em conta o mapa Ibérico e não apenas o Português. De ressaltar é o facto dos distritos em Portugal serem muito mais pequenos e nalguns casos menos populosos que no país vizinho. Surgiu então a necessidade fazer a comparação não apenas pelo número de praças por distrito, mas pela relação da área do distrito com o número de praças. Também foi tido em conta a número de habitantes por praça. Concluiu-se que os distritos de Portalegre e Évora são dos que apresentam maior número de tauródromos por Km² em Portugal estando a par dos distritos espanhóis de Huelva, Cadiz, Albacete, Cuenca, Guadalajara, Valladolid, Salamanca, sendo que o distrito de Madrid é o que na península apresenta maior número de praças por Km². O mesmo já não acontece com o distrito de Madrid no que toca ao número de habitantes por praça de touros. Neste ponto, o distrito de Portalegre, Évora e Beja são dos que apresentam menor rácio, sendo que se equiparam aos distritos espanhóis de

Salamanca, Cáceres, Ciudad Real, Albacete, Cuenca, Teruel, Guadalajara, Álava, Sória e Segóvia.

Confirma-se assim a importância que o caso, o Alentejo, apresenta no panorama Ibérico. Mas ao contrário do que tem acontecido no caso de Espanha, as praças nunca foram alvo de estudo, desconhecendo-se actualmente as características deste tipo de património cultural na região.

Reduzindo o estudo da dispersão geográfica das praças de touros ao nosso país, conclui-se após a leitura do Mapa 3 que existem duas zonas no país em que existe uma grande densidade de tauródromos. São elas o Vale do Tejo e a região mais oriental do Alentejo, principalmente o triângulo entre Évora, e a zona Raiana desta região entre Nisa e Sobral da Adiga. Esta predominância no Sul do país, tendo em conta o Mapa 1, está intimamente relacionada com a criação de gado bravo, visto que como se constatou, maior parte das ganadarias encontram-se nas mesmas zonas em que existe maior número de praças. Esta ligação entre dispersão geográfica dos tauródromos e das ganadarias poderá ser explicada pelos condicionantes geológicos do país, sendo que como já anteriormente havia sido referido, no Sul existem melhores condições naturais para a criação do touro bravo.

Após uma análise, tanto da data de construção, como das características formais e funcionais, bem como da sua categoria e capacidade, surgiu a necessidade de categorizar os tauródromos que actualmente ainda existem em Portugal como forma de perceber o fenómeno.

Concluiu-se que existirão 5 tipologias principais de Praças de Touros no nosso país, tendo estas sido nomeadas partindo de uma característica lhes fosse evidente - Redonda, Ortogonal, Betão, Viga/Pilar e Multiusos.

Pode também afirmar-se, tendo em conta o Mapa 3, que as duas zonas onde se encontra maior número de tauródromos apresentam características bem diferentes. Enquanto que no Vale do Tejo predominam praças com maior capacidade e notoriedade a nível nacional, encontrado-se nesta região a maioria das praças de touros do tipo-Betão. Por sua vez, no Alentejo o fenómeno ganha contornos regionais bastante próprios. As praças de touros não apresentam a grandiosidade das praças da outra região, reflectindo sim características locais. Predominam os tipos de praça mais pobres, caso da praças Viga/Pilar e Redonda. As praças de touros não são muito grandes, mas existem em quantidade bastante elevada, espelhando o gosto da população por este espectáculo.

Tauródromo Tipo:



Redondo



Ortogonal



Betão



Viga-Pilar



Multiusos



1



2



3



4



5



6



7



8



9

Fig.103 Praças de Touros do tipo *Redondo* 1-Vila Viçosa 2-Moura 3-Arronches 4-Sousel 5-Montalvão 6-Azaruja 7-Santa Eulália 8-Estremoz 9-Cercal



1



2



3



4



5



6



7



8



9

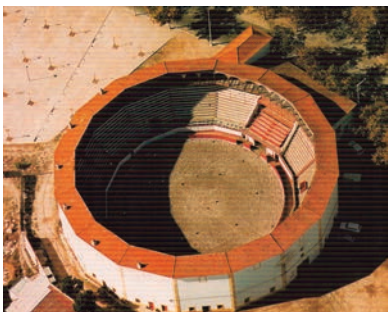
Fig.104 Praças de Touros do tipo *Viga-Pilar* 1-Veiros 2-Monforte 3-Garvão 4-Amieira 5-Messejana 6-Gáfete 7-Póvoa de S.Miguel 8-Granja 9-Amareleja



1



2



3



4



5



6

Fig.105 Praças de Touros do tipo *Ortogonal* 1-Alcácer do Sal 2-Reguengos de Monsaraz 3-Évora 4-Montemor-o-Novo 5-Beja 6-Álder do Chão



1



2



3



4



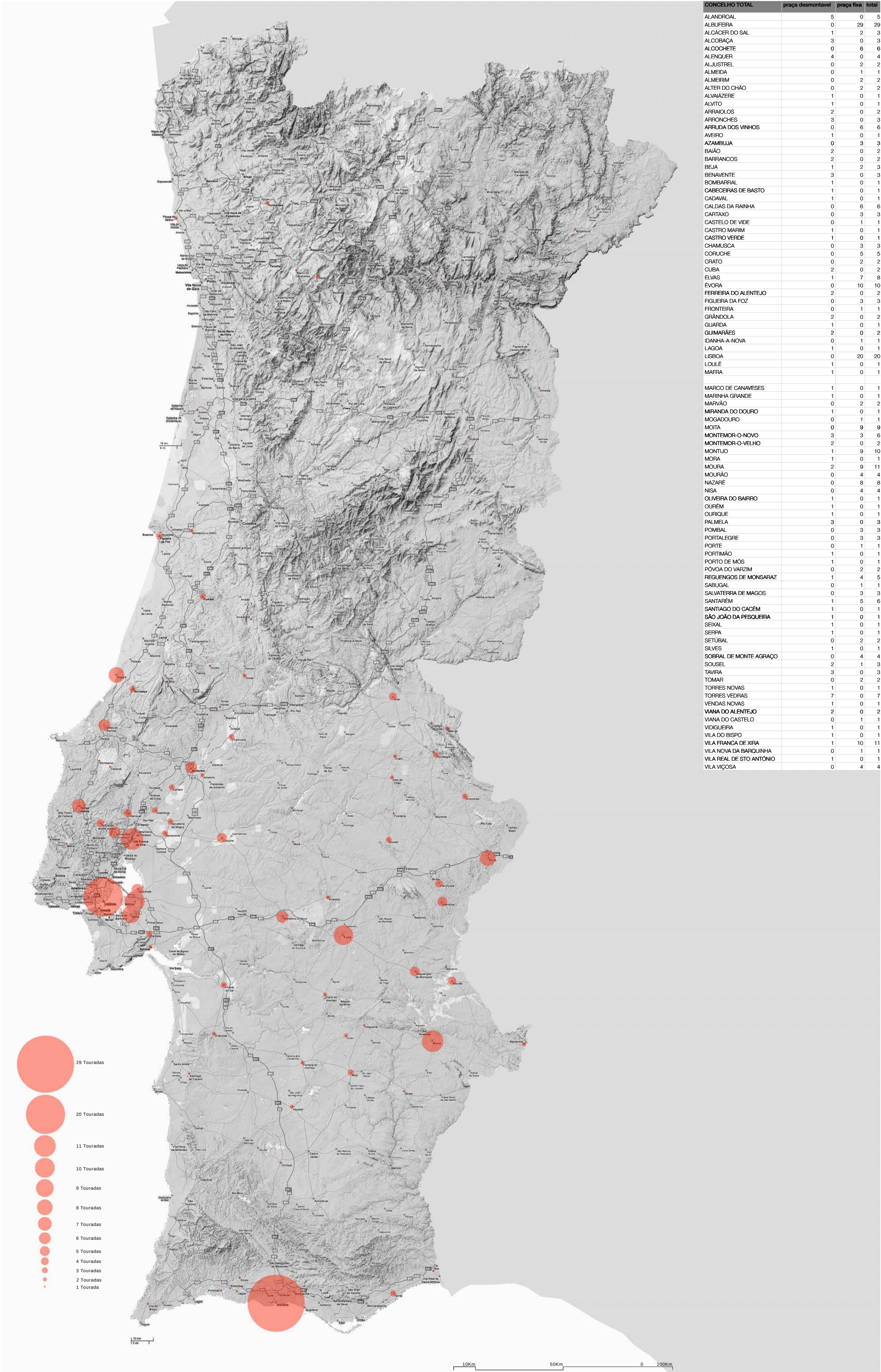
5



6

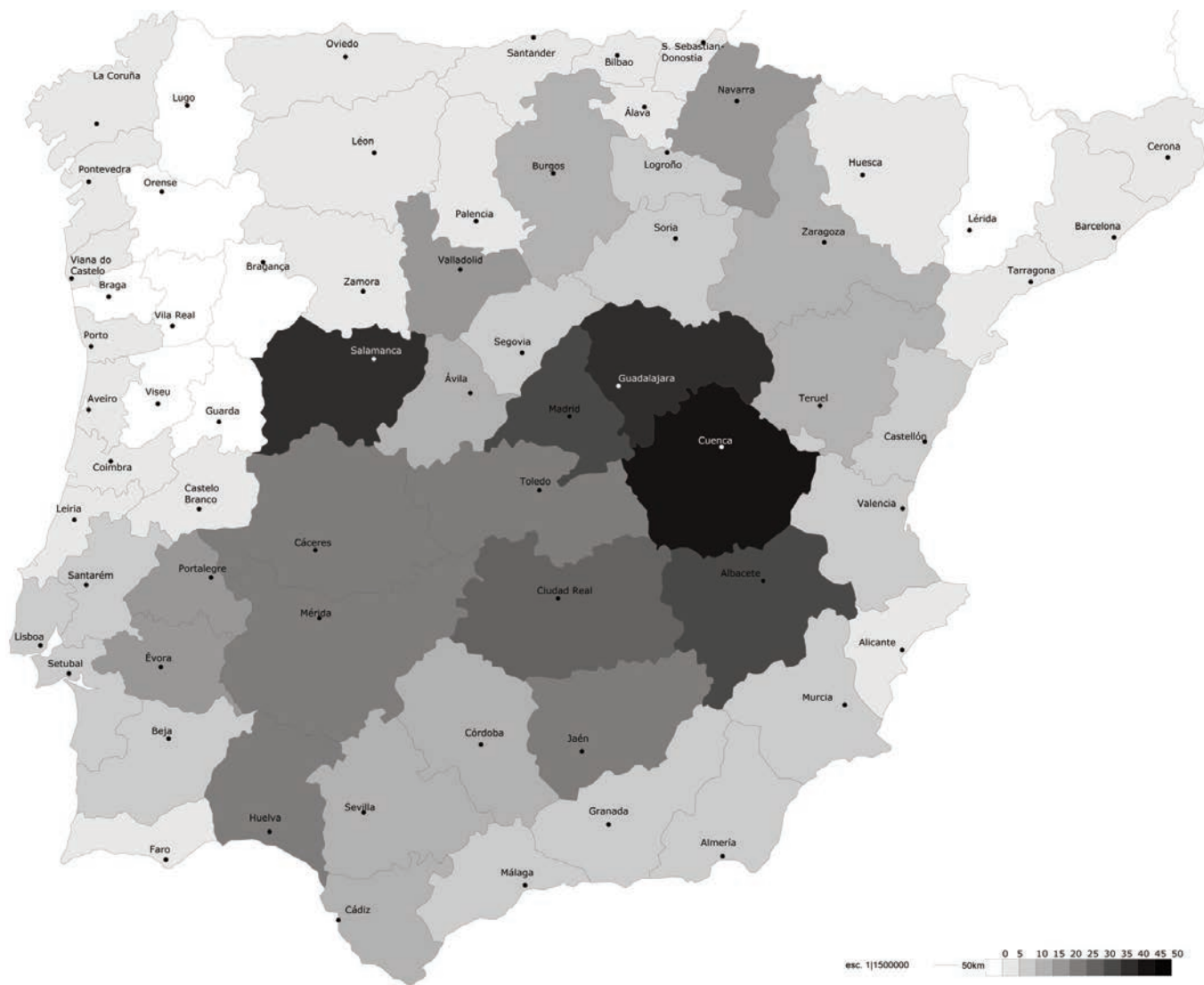
Fig.106 Praças de Touros do tipo *Betão* 1-Montijo 2-Cascais 3-Almeirim 4-Vila Real de Santo António 5-Póvoa do Varzim 6-Santarém

Mapa#3-Distribuição geográfica das praças de touros em Portugal



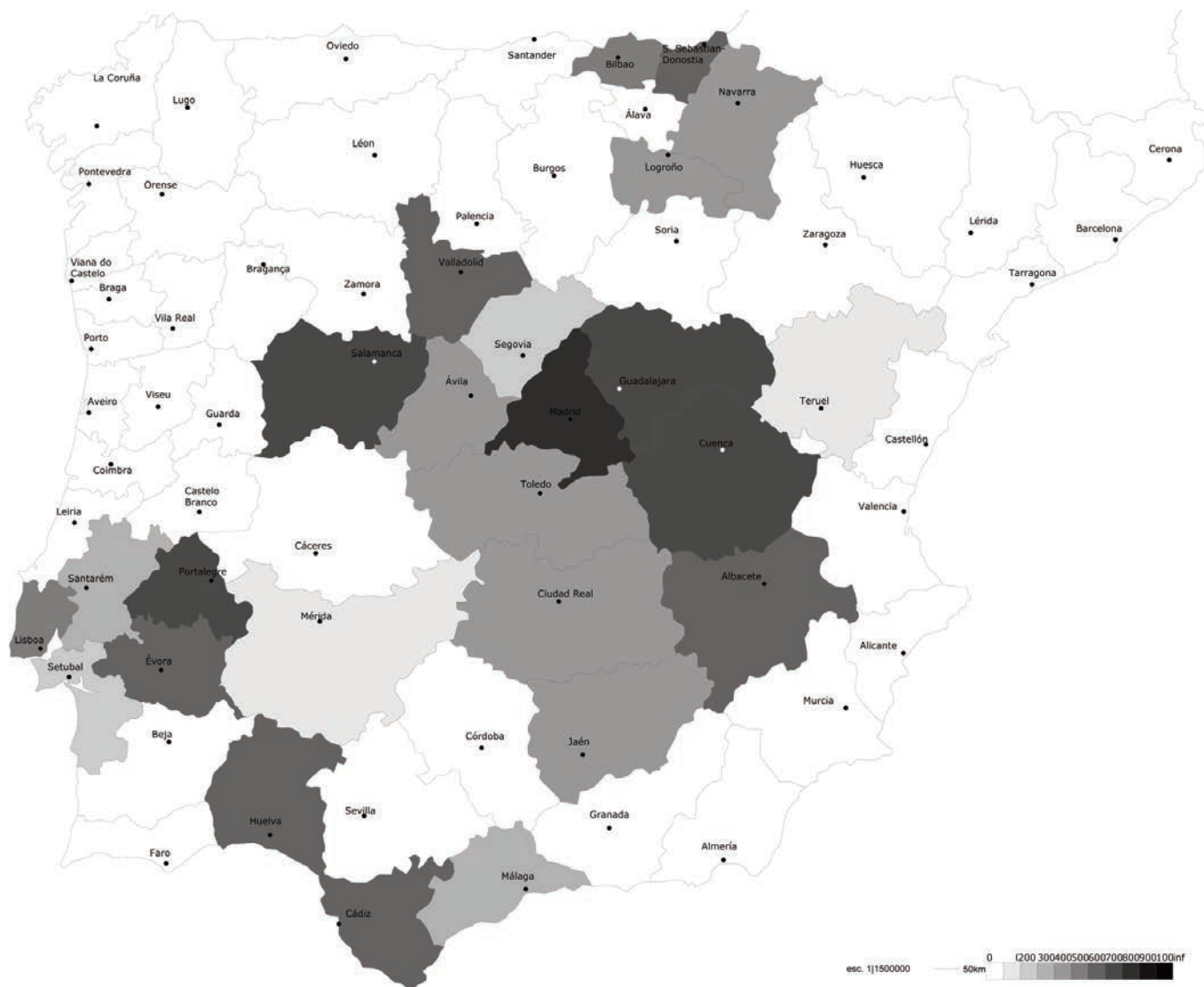
CONCELHO TOTAL	praça desmontavel	praça fixa	total
ALANDROAL	5	0	5
ALBUFEIRA	0	29	29
ALCÁÇER DO SAL	1	2	3
ALCOBAÇA	3	0	3
ALCOCHETE	0	6	6
ALENQUER	4	0	4
ALJUSTREL	0	2	2
ALMEIDA	0	1	1
ALMEIRIM	0	2	2
ALTER DO CHÃO	0	2	2
ALVAAZERE	1	0	1
ALVITO	1	0	1
ARRAIOLOS	2	0	2
ARRONCHES	3	0	3
ARRUDA DOS VINHOS	0	6	6
AVEIRO	1	0	1
AZAMBUJA	0	3	3
BAIÃO	2	0	2
BARRANCOS	2	0	2
BEJA	1	2	3
BENAVENTE	3	0	3
BOMBARRAL	1	0	1
CABECEIRAS DE BASTO	1	0	1
CADAVAL	1	0	1
CALDAS DA RAINHA	0	6	6
CARTAXO	0	3	3
CASTELO DE VIDE	0	1	1
CASTRO MARIM	1	0	1
CASTRO VERDE	1	0	1
CHAMUSCA	0	3	3
CORUÇHE	0	5	5
CRATO	0	2	2
CUBA	2	0	2
ELVAS	1	7	8
ÉVORA	0	10	10
FERREIRA DO ALENTEJO	2	0	2
FIGUEIRA DA FOZ	0	3	3
FRONTEIRA	0	1	1
GRÁNDOLA	2	0	2
GUAFIA	1	0	1
GUIMARÃES	2	0	2
IDANHA-A-NOVA	0	1	1
LAGOA	1	0	1
LISBOA	0	20	20
LOULÉ	1	0	1
MAFRA	1	0	1
MARCO DE CANAVESES	1	0	1
MARINHA GRANDE	1	0	1
MARVÃO	0	2	2
MIRANDA DO DOURO	1	0	1
MOGADOURO	0	1	1
MOITA	0	9	9
MONTEMOR-O-NOVO	3	3	6
MONTEMOR-O-VELHO	2	0	2
MONTUJO	1	9	10
MORA	1	0	1
MOURA	2	9	11
MOURÃO	0	4	4
NAZARÉ	0	8	8
NISA	0	4	4
OLIVEIRA DO BAIRRO	1	0	1
OURÉM	1	0	1
OURIQUE	1	0	1
PALMELA	3	0	3
POMBAL	0	3	3
PORTALEGRE	0	3	3
PORTE	0	1	1
PORTIMÃO	1	0	1
PORTO DE MÓS	1	0	1
POVOA DO VÁZIM	0	2	2
REGUENGOS DE MONSARAZ	1	4	5
SABUGAL	0	1	1
SALVATERRA DE MAGOS	0	3	3
SANTARÉM	1	5	6
SANTIAGO DO CACÉM	1	0	1
SÃO JOÃO DA PESQUEIRA	1	0	1
SEIXAL	1	0	1
SERPA	1	0	1
SETÚBAL	0	2	2
SILVES	1	0	1
SOBRAL DE MONTE AGRAÇO	0	4	4
SOUSEL	2	1	3
TAVIRA	3	0	3
TOMAR	0	2	2
TORRES NOVAS	1	0	1
TORRES VEDRAS	7	0	7
VENDAS NOVAS	1	0	1
VIANA DO ALENTEJO	2	0	2
VIANA DO CASTELO	0	1	1
VIDIGUEIRA	1	0	1
VILA DO BISPO	1	0	1
VILA FRANCA DE XIRA	1	10	11
VILA NOVA DA BARQUINHA	0	1	1
VILA REAL DE STO ANTÓNIO	1	0	1
VILA VIÇOSA	0	4	4

Nome do distrito	nº de praças
Álava	1
Albacete	33
Alicante	5
Almería	8
Astúrias	2
Ávila	13
Badajoz	23
Barcelona	1
Biscaia	4
Burgos	11
Cáceres	23
Cádiz	15
Cantabria	5
Castellón	6
Ciudad Real	30
Córdoba	13
Corunha	1
Cuenca	44
Gerunda	3
Granada	6
Guadalajara	38
Gulpúscoa	4
Huelva	24
Huesca	2
Jaén	21
La Rioja	8
León	4
Lérida	0
Lugo	0
Madrid	32
Málaga	10
Múrcia	9
Navarra	17
Ourense	0
Palência	2
Pontevedra	1
Salamanca	36
Saragoça	13
Segóvia	8
Sevilha	15
Sória	6
Tarragona	1
Teruel	15
Toledo	25
Valência	6
Valladolid	18
Zamora	1
Aveiro	1
Beja	9
Braga	0
Bragança	0
Castelo Branco	1
Coimbra	1
Évora	16
Faro	2
Guarda	2
Leiria	3
Lisboa	5
Portalegre	18
Porto	1
Santarém	9
Setúbal	6
Viana do Castelo	1
Vila Real	0
Viseu	0



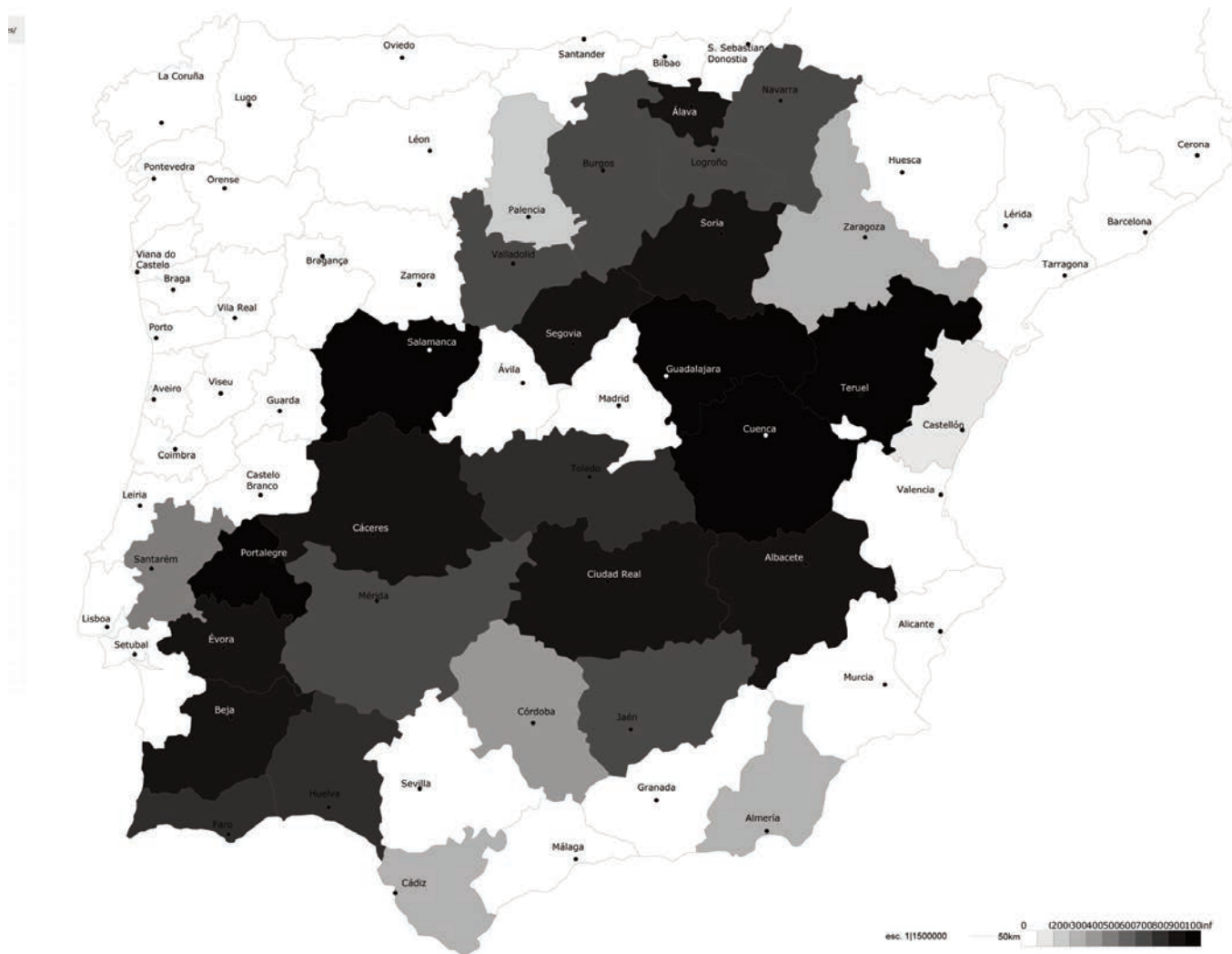
Mapa 4-Península Ibérica - Nº de praças de Touros por distrito

Nome do distrito	km2/praga
Álava	2963
Albacete	450,2424242
Alicante	1163,4
Almería	1096,75
Astúrias	5302
Ávila	626,4615385
Badajoz	946,3478261
Barcelona	7733
Biscala	554,25
Burgos	1300
Cáceres	863,826087
Cádiz	492,3333333
Cantabria	1064,2
Castellón	1106
Ciudad Real	660,4333333
Córdoba	1059,153846
Corunha	7950
Cuenca	389,5681818
Gerunda	2043,566667
Granada	2105,833333
Guadalajara	320,1842105
Guipúscoa	477,25
Huelva	422
Huesca	7818
Jaén	642,3333333
La Rioja	630,625
León	3892,5
Lérida	
Lugo	
Madrid	250,875
Málaga	730,6
Múrcia	1257
Navarra	611,2352941
Ourense	
Palência	4014,5
Pontevedra	4495
Salamanca	343,0277778
Saragoça	1328,769231
Segóvia	868,625
Sevilha	
Sória	1717,166667
Tarragona	6303
Teruel	987,2666667
Toledo	614,8
Valência	1760,5
Valladolid	455,6666667
Zamora	10561
Aveiro	2808
Beja	1136,111111
Braga	
Bragança	
Castelo Branco	6675
Coimbra	3947
Évora	462,0625
Faro	2480
Guarda	2759
Leiria	1172,333333
Lisboa	552,2
Portalegre	336,9444444
Porto	2395
Santarém	749,6666667
Setúbal	844
Viana do Castelo	2255
Vila Real	
Viseu	



Mapa 5-Península Ibérica - Nº de praças de Touros Km2

Nome do distrito	1000 habitantes/ praça
Álava	300
Albacete	12
Alicante	346
Almería	77
Astúrias	538
Ávila	14
Badajoz	29
Barcelona	5309
Biscaia	283
Burgos	32
Cáceres	18
Cádiz	79
Cantabria	112
Castellón	91
Ciudad Real	17
Córdoba	60
Corunha	1126
Cuenca	5
Gerunda	221
Granada	142
Guadalajara	6
Gulpúscua	173
Huelva	20
Huesca	109
Jaén	31
La Rioja	37
León	123
Lérida	
Lugo	
Madrid	186
Málaga	145
Múrcia	148
Navarra	34
Ourense	
Palência	86
Pontevedra	943
Salamanca	10
Saragoça	70
Segóvia	19
Sevilha	120
Sória	16
Tarragona	730
Teruel	9
Toledo	24
Valência	400
Valladolid	29
Zamora	198
Aveiro	
Beja	17
Braga	
Bragança	
Castelo Branco	208
Coimbra	436
Évora	11
Faro	21
Guarda	
Leiria	159
Lisboa	424
Portalegre	7
Porto	
Santarém	50
Setúbal	135
Viana do Castelo	
Vila Real	
Viseu	



Mapa 6-Península Ibérica - Nº de praças de Touros por Habitante





○ Mourão

Desde finais do século XIX até meados dos anos quarenta, por todo o país foram construídas praças do tipo Redondo e Ortogonal, mas foi no Alentejo que a primeira tipologia teve maior expressão. Das 17 praças actualmente existentes deste tipo em Portugal, 13 delas encontram-se no Alentejo.

Quer pelas características arquitectónicas, quer pelas construtivas, pode-se afirmar que dentro da tipologia de praça Redonda existe um sub-grupo, com características genuinamente Alentejanas, das quais fazem parte praças como a de Sousel, Vila Viçosa, Azaruja, Estremoz, Santa Eulália, Arronches, Moura, Nisa, Santo António das Areias, Montalvão, Cercal, Póvoa e Meadas e Terrugem, sendo que a Praça de Mourão é um dos melhores exemplos desse tipo de tauródromo.

Em 1922 foi inaugurada a sua praça, que tem capacidade para 2500 pessoas. Assiste-se às corridas de toiros do dia 1 de Fevereiro, por ocasião da festa da Senhora das Candeias em 24 de Maio, quando da feira anual. Pertence à Câmara Municipal e é explorada pelos Bombeiros Voluntários e Junta da localidade.¹

A Praça de Touros de Mourão, inicialmente encontrava-se integrada numa exploração agrícola como Praça de Tentas, sendo propriedade do Dr. Libânio Esquivel. Mais tarde, em 1922, construíram-se as bancadas e foi doada ao Município, mantendo-se praticamente inalterada até aos dias de hoje. Apenas sofreu obras de manutenção, tendo sido acrescentada recentemente sem que as suas características tenham sido alteradas.

Visto esta se situar no local da antiga Praça de Tentas da herdade, acabou por ficar isolada no limite entre Mourão e os terrenos agrícolas adjacentes. Este afastamento do núcleo urbano, permitiu que o carácter rural e popular se mantivesse preservado até aos dias de hoje. A Imagem da ruralidade desta vila encontra-se espelhada nesta praça de touros, que nos transporta até inícios do sec.XX .

Este afastamento do núcleo urbano é bastante comum. Existem vários casos nesta região. Tem-se como exemplo a Praça de Touros de Estremoz, que se encontra dentro de um dos baluartes da muralha

¹ Morais, António Manuel, *A Praça de Toiros de Lisboa: Campo Pequeno*, 1992, pp.87

do castelo. Este tipo de situação é bastante frequente, tendo sido também referida por Izquierdo, quando categorizou as praças de touros espanholas pelas suas peculiaridades, entre elas 'Situadas en el interior de castillos o de baluartes'¹, o que indica que esta situação de afastamento do núcleo urbano é normal tanto em Portugal como em Espanha. Este facto, como anteriormente referido, poderá estar ligado com a própria história das praças de touros, tendo em conta que as primeiras corridas de touros em contexto urbano tenham sido efectuadas em praças e pátios, que eram adaptados para o acontecimento. A construção da praça de touros só terá tornado comum no nosso país, segundo registos, a partir do século XIX. O que pela escala destes equipamentos levou a que fossem construídos, em muitos casos, na periferia do núcleo urbano, visto só aí existir espaço para a sua construção. Não é invulgar encontrar os tauródromos em locais contíguos a campos de futebol, terreiros de Igrejas, espaço de festas populares, mercados e rocios.

No caso de Mourão, este equipamento encontra-se isolado da povoação num terreno agrícola, o que ajudou a preservar a autenticidade deste edifício, continuando a enquadrá-lo no meio ao qual pertence.

*O recinto foi construído em pedra e argamassa e o telhado é em caniço.*²

No que diz respeito à construção na Zona, sobressaem aspectos dominantes, como sejam o emprego da cal...³

Esta praça de touros, é dos melhores exemplos da especificidade que este tipo de tauródromos apresentam nesta região do país. A sua construção é espelho da arquitectura popular Alentejana. A praça é feita de pedra e cal, tal como as restantes construções de Mourão suas contemporâneas. Toda a praça é construída em xisto, material que existe em abundância nesta região, e revestida em argamassa de cal.

*Vemos a pedra aplicada nas alvenarias rebocadas ou não, constituindo pavimentos na parte setentrional da Zona, ... Apesar da sua rusticidade o xisto chega a ser tratado tão habilmente como qualquer outra pedra mais nobre.*⁴

A simplicidade desta praça de touros acompanha o seu pragmatismo. Todos os elementos que a constituem são fundamentais para o espectáculo da corrida de touros. O carácter funcional desta praça,

1 Izquierdo, Francisco López, *Plazas Mayores y de Toros*, 1992

2 Moraes, António Manuel, *A Praça de Touros de Lisboa: Campo Pequeno*, 1992, p.872

3 Associação de Arquitectos Portugueses, ed. *Arquitectura popular em Portugal*, 1988 - Zona 5 p.485

4 Associação de Arquitectos Portugueses, ed. *Arquitectura popular em Portugal*, 1988 - Zona 5 p.500



está presente em muitas outras da mesma tipologia (Ex, Sousel, Azaruja, Santa Eulália, Vila Viçosa, Terrugem, Moura, etc...). Estas características, fazem dos tauródromos redondos, os que mais se aproximam do que se pode supor que seja um estilo genuinamente Alentejano.

Como anteriormente referido, grande parte das praças de touros construídas na mesma época da de Mourão, independentemente da sua tipologia, método contrutivo ou categoria, regem-se pelas mesmas guias orientativas, no que toca à sua disposição. Todas elas foram idealizadas tendo em conta que a Tourada é um espectáculo para se assistir durante o fim de tarde, principalmente em tardes de Verão, altura em que a sombra é um bem essencial. Na Corrida de Touros a sombra é sinónimo de estatuto, tal como confirma a disposição dos diferentes espaços, demonstrado nos desenhos e imagens presentes nas seguintes páginas.

*Tem um primeiro anel com oito degraus, onde se encontram lugares de sombra e de sol e um segundo anel que consta de camarotes de sombra e de sol.*¹

Esta divisão da praça em Sol e Sombra, inflacciona não só o preço dos lugares de Sombra, bem como condiciona toda a disposição dos curros, cavalariças,

camarotes, e tribuna do director de praça.

Os curros, neste tauródromo, como geralmente acontece, ficam no lado norte da praça de forma a que o touro entre pelo lado esquerdo dos melhores lugares da mesma. Os artistas, entram de frente para o camarote presidencial e tribuna onde se encontram o director de corrida, veterinário e representante da autoridade, fazendo a entrada na arena pelo lado Nascente do recinto. Esta disposição, supostamente, privilegia as pessoas mais importantes, presentes na tourada ou que de certa forma fazem parte integrante dela (caso da figura do director de corrida e veterinário).

Quanto ao primeiro anel, como referia Morais(1992), encontra-se dividido entre lugares de bancada de Sol e Sombra, existindo duas entradas que correspondem a dois sectores de Sol e uma entrada de Sombra. Já o primeiro anel, está dividido em galeria e camarotes. Como já foi anteriormente referido, os camarotes, encontram-se no sector da sombra, mas têm acesso independente pelo exterior da praça. Já na galeria, que por razões estéticas faz um contínuo da linguagem arquitectónica presente nos camarotes, não existem lugares sentados.

Esta praça apresenta uma peculiaridade, que a distingue de muitas outras. Não tem trincheira. Por conseguinte não existe espaço entre a barreira e a arena, o que obriga a muitos dos intervenientes na

¹ Morais, António Manuel, *A Praça de Toiros de Lisboa: Campo Pequeno*, 1992, p.872



corrida a permanecerem na bancada ou nos esconderijos escavados no próprio muro da barreira²⁹. Esta opção da não utilização da trincheira, certamente que teve nas suas origens as necessidades de espaço do toureio a cavalo. Como a praça, terá nascido de um tentadero, na sua génese não terão havido preocupações com a área da arena tal e qual como se fosse construída com a finalidade de ser um tauródromo.

A nível construtivo, esta praça também apresenta semelhanças com a arquitectura regional. A praça estrutura-se sobre 4 muros concêntricos. Todo o pavimento da bancada e galeria é revestido a xisto, sendo que as vigas que suportam o pavimento também são nesta pedra.

O muro de fora e o primeiro muro interior suportam a galeria. Já as bancadas encontram-se sobre o primeiro muro interior e a barreira. Esta solução construtiva torna-se menos dispendiosa pelo facto de dispensar o uso de abobadas, aproveitando ao mesmo tempo o xisto que existe em bastante abundância no local.

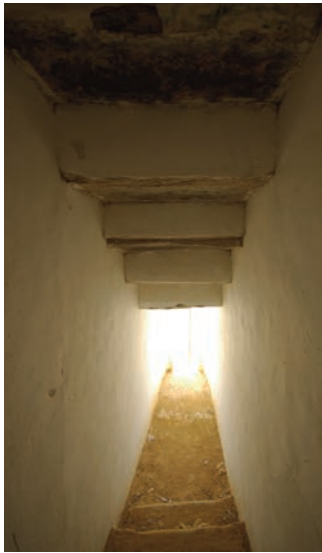
Sabe-se que uma das bancadas ruiu à poucos anos atrás. Essa bancada terá sido reconstruída, e como forma de solidificar a mesma, optou-se por colocar vigas metálicas e pilares entre o muro exterior e o primeiro interior.

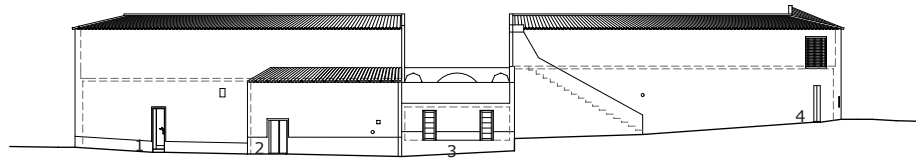
Entre os muros, e como forma de aproveitar o

espaço sob a bancada, existem vários arcos, solução estrutural necessária para manter a solidez da parede e que permite criar espaços diferenciados, como as cavalariças, casas de banho, arrumos, enfermaria, etc...

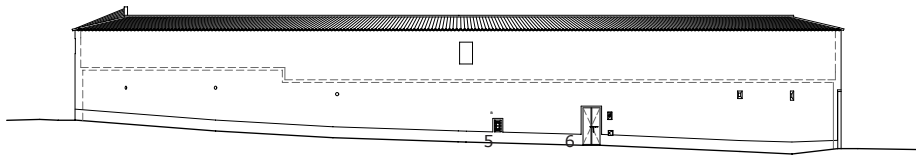
O pavimento interior da Praça, exceptuando na enfermaria, nas instalações sanitárias e entradas é em terra batida. Esta característica é bastante própria deste tipo de recintos. A ligação à terra e desapego do suposto conforto obtido pelo emprego de materiais mais nobres, torna esta praça um caso em que a genuinidade do seu espaço permaneceu praticamente intocável, apresentando-se como um bom exemplo da tipologia Redonda.

²⁹ Burladeros

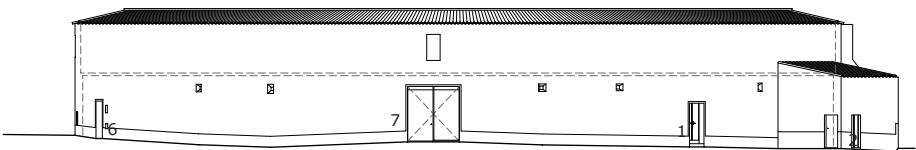




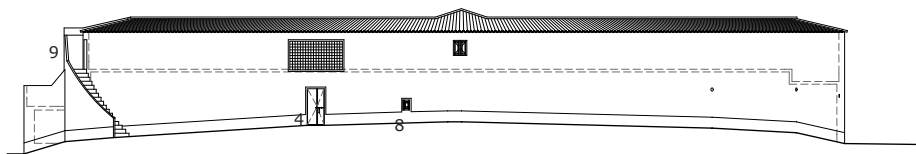
Alçado Norte



Alçado Sul



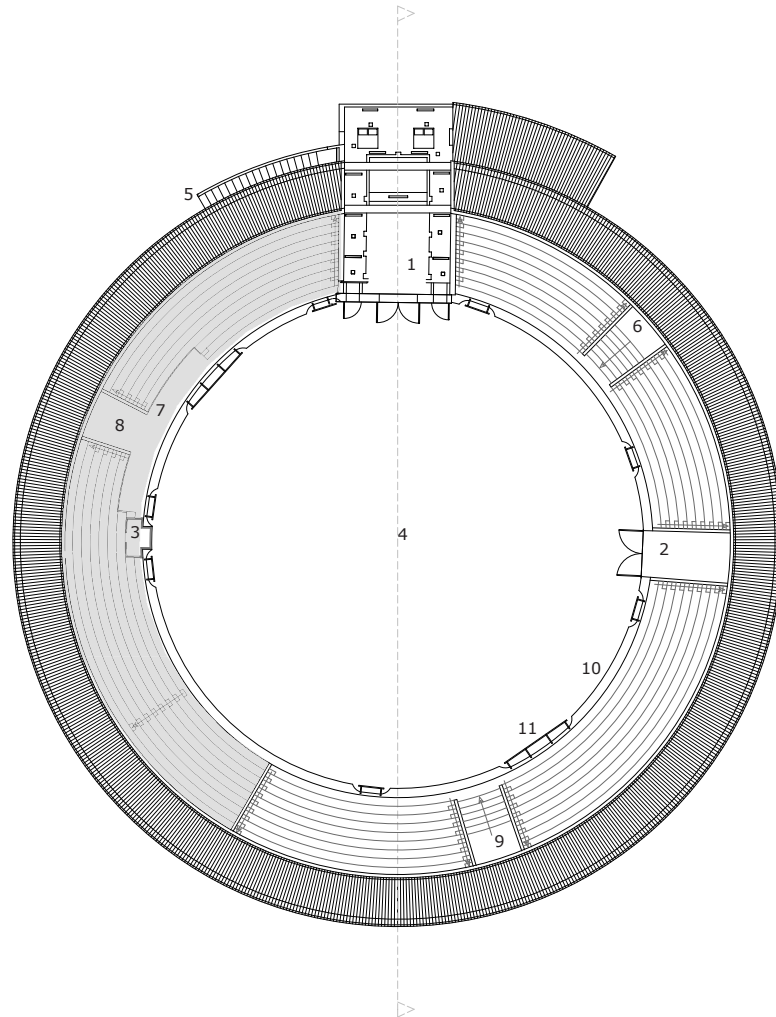
Alçado Este



Alçado Oeste

Legenda

- 1-Curros - Saída dos Touros
- 2-Pátio dos Cavalos
- 3-Tribuna
- 4-Arena
- 5-Acesso aos Camarotes
- 6-Acesso Bancada - Sol
- 7-Espaço para incapacitados
- 8-Acesso Bancadas - Sombra
- 9-Acesso Bancadas - Sol
- 10-Barreira
- 11-Burladeros ou escondirijos



Legenda

1-Camarote Presidencial

2-Camarotes

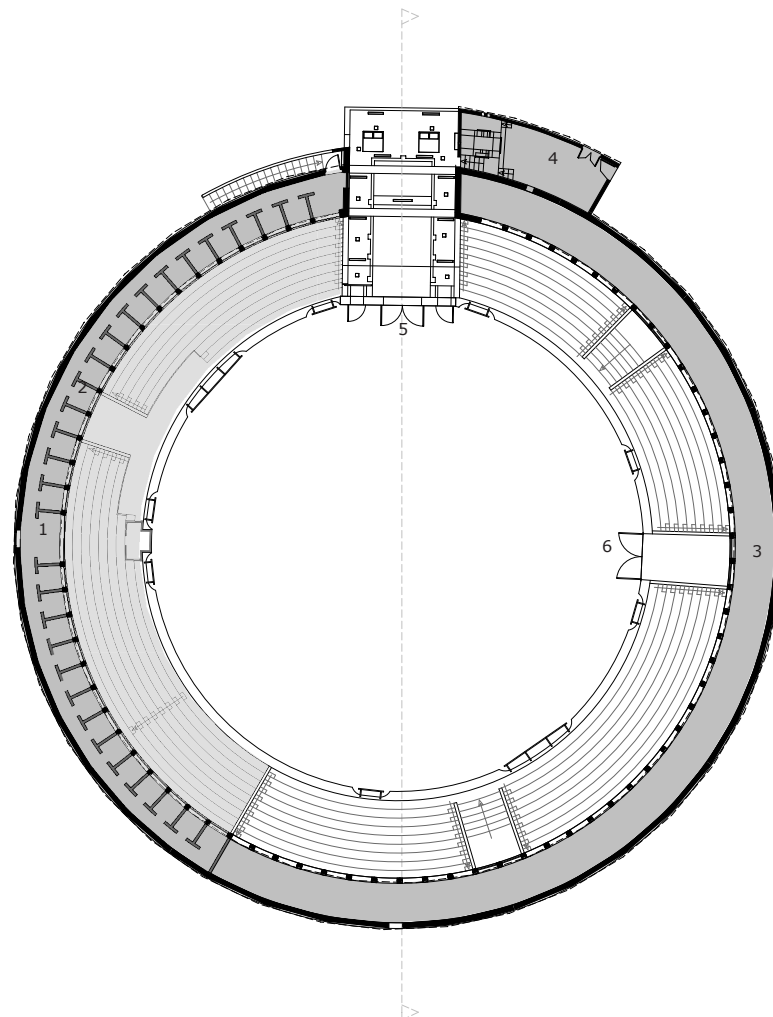
3-Galeria

4-Espaço para o veterinário e arrumos

5-Porta Curros

6-Porta do Pátio dos Cavalos

(mancha cinzenta representa a área de Sombra)



Legenda

1-Entrada Toureiros

2-Curros

3-Escondirijo

4-Espaço entre Muro Exterior e Primeiro Muro Interior - I.S.

5-Galeria

6-Trincheira

7-Armazém

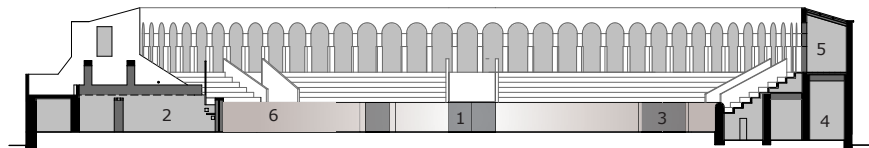
8-Cavalariça

9-Enfermaria

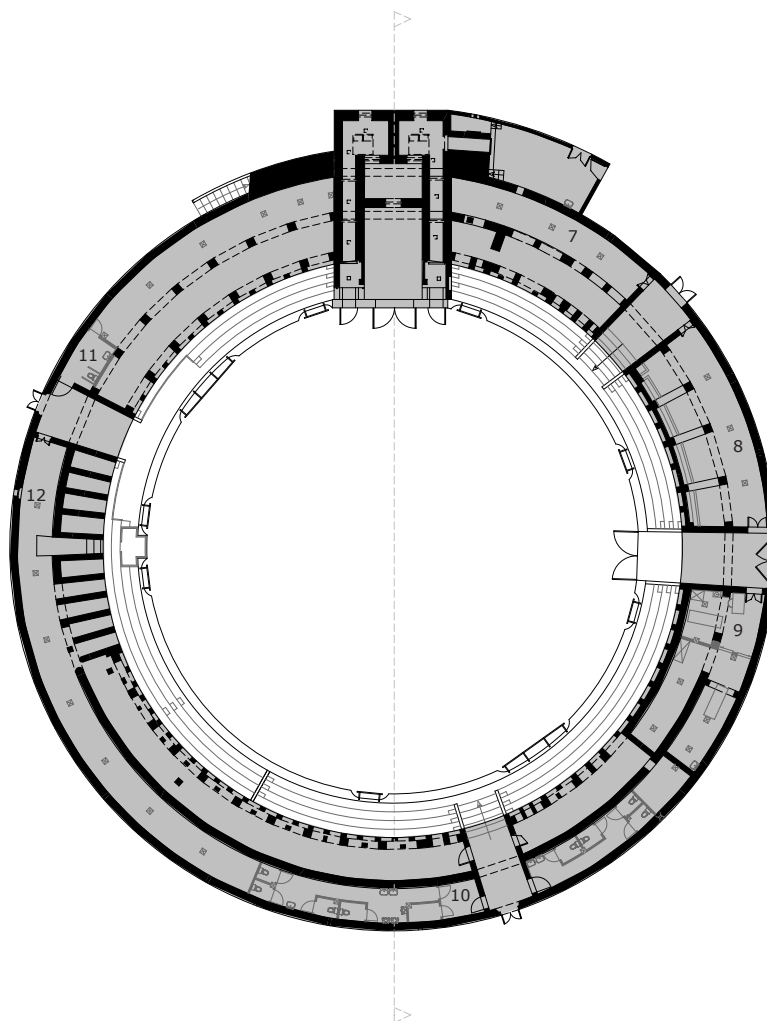
10-Instalações Sanitárias

11-Instalações Sanitárias-Deficientes

1-Bilheteira



Corte esc.1|450



Planta Interiores esc.1|450



Sousel - 1850a



Azaruja - 1888



Vila Viçosa - 1898



Terrugem - 1980



Mancha Urbana de Reguengos de Monsaraz esc. 1|15000



Reguengos de Monsaraz

Praticamente contemporâneas dos tauródromos do tipo anteriormente referido, foram as praças do tipo Ortogonal. Estas praças assim foram denominadas, não pela forma da arena, que tal como nos restantes tipos de praças é redonda, mas pelo seu método construtivo. Este tipo de recintos, exteriormente não se apresentam com uma fachada uniforme e circular, como as praças do tipo Redondo, mas com a repetição de um mesmo módulo de fachada. Esta repetição do módulo de fachada está intimamente ligada às características estruturais deste tipo de recintos, como mais à frente será explicado no caso da Praça de Touros Reguengos de Monsaraz.

A praças de touros Ortogonais, estão associadas a recintos com melhores condições e maior capacidade. Os Tauródromos deste tipo, construídos no Alentejo, foram os que tiveram maior relevo no panorama desta região. Foram construídos Praças com estas características em Évora¹, Montemor-o-Novo, Beja, Álder-do-Chão, Alcácer do Sal, Reguengos de Monsaraz e Portalegre². A par das praças de Montemor e Alcácer, o Tauródromo de Reguengos é um dos que melhor espelha as características desta tipologia.

Segundo Morais, Reguengos de Monsaraz apresenta uma grande tradição taurina, que se conhece desde o século XIX, altura em que se corriam touros em pátios de agricultores e nobres.³

Resultado de uma iniciativa privada, em 1925, foi inaugurada a Praça de Touros, que na altura teria a capacidade de 5000 lugares. Em 1967, a praça foi doada à Santa Casa da Misericórdia. Actualmente, o número de lugares terá sido reduzido por exigências de segurança e conforto para 3600 lugares.

A Praça de Touros de Reguengos de Monsaraz, é um dos poucos exemplos de tauródromos Ortogonais existentes no Alentejo. Estes recintos, em geral apresentam maior capacidade, maiores preocupações estéticas e reflectem um desejo de

1 Foi referida a Praça de Touros de Évora, apesar de não estar presente no Mapa 3 como pertencente à tipologia Ortogonal, a sua construção original assim o era. Com sua reconversão em 2007 terá perdido as características que a enquadrariam neste grupo apesar da forma ortogonal do muro exterior ter permanecido semelhante.

2 Apesar de exteriormente este recinto ser redondo, crê-se que a sua estrutura interior, características funcionais e capacidade se aproxime das praças do tipo Ortogonal.

3 Morais, António Manuel, *A Praça de Toiros de Lisboa: Campo Pequeno*, 1992

monumentalidade, que contrasta com a maioria dos tauródromos do tipo Redondo, que foram sendo construídos a par destes.

Apesar das influências neo-árabes presente nalguns destes edifícios, eles também apresentam algumas características regionais na sua construção, se bem que não tão vincadas como no caso das Praças Redondas.

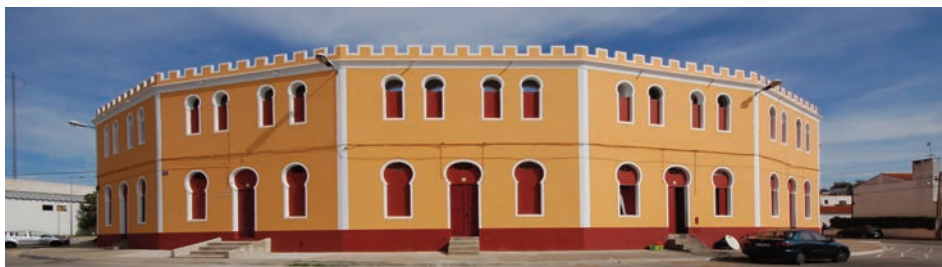
Tal como aconteceu em vila de Mourão, este tauródromo foi construído fora do perímetro urbano de Reguengos de Monsaraz, mas com o decorrer do tempo a malha urbana expandiu-se em redor da Praça de Touros, acabando por envolve-la, mas deixando o espaço suficiente para este edifício se destacar como um ícone arquitectónico da cidade. Actualmente a Praça encontra-se em excelentes condições, tendo sofrido obras neste último ano de forma a se adaptar as novas imposições do IGAC. Contudo, e apesar das intervenções constantes ao longo do tempo, a praça mantém as suas características arquitectónicas originais.

Devido ao seu tamanho, utilização esporádica e antiguidade, este tipo de praças é de difícil manutenção. Tal como acontece neste caso e na grande maioria das praças de touros, existe a figura do proprietário da praça, normalmente uma instituição de caridade local, Junta de Freguesia, ou qualquer grupo associativo que esteja intimamente

ligado ao funcionamento social da localidade, sendo que normalmente o único proveito que retiram da posse da praça são as receitas do aluguer do recinto. Quer pela quantia reduzida do aluguer, quer por problemas financeiros ou desinteresse do proprietário dos recintos, actualmente existem no Alentejo alguns casos de Praças de Touros que pela falta de manutenção se encontram impedidas de realizar espectáculos, facto que obriga os proprietários a fazer obras, o que normalmente se torna inviável, visto que o preço de reconstrução e restauro muitas das vezes não é comportável pelos proprietários da praça. Isto deixa esses tauródromos (ex: Azaruja, Estremoz) num beco sem saída, em que sem que haja uma ajuda externa só lhes resta a ruína, perdendo-se assim património muitas das vezes com mais de um século de existência.

Estruturalmente a Praça é composta pela repetição de um módulo de bancada perfazendo um eneadeágono¹. Esse módulo em planta apresenta uma forma trapezoidal. A arestas desse trapézio são os muros de suporte principais. Paralelo as bases do trapézio existem dois muros de suporte. Existe também um muro que desenha a mediatriz desse trapézio, completando assim a estrutura básica da praça de Touros. Entre a base maior (muro exterior) e o primeiro interior a cobertura existente é feita por

1 Polígono com 19 lados



uma abóbada que suporta os camarotes e a galeria. Já nos restantes espaços sob a bancada as abobadas acompanham a inclinação das mesma.

A nível exterior a praça também transmite a ideia de repetição, que a nível estrutural está bem marcada. Todas as faces são iguais, exceptuando a face da entrada dos Cavaleiros, que neste caso serve de *cara* da praça. Todas as faces são constituídas por 6 janelas e uma porta com influências neo-árabes. Também no conjunto salienta-se o uso da platibanda que evita que o telhado dos camarotes seja visível coroadando com esse remate o edifício, o que lhe confere um carácter mais elaborado do que o presente nas comuns Praças Redondas. Este tipo linguagem arquitectónica está presente em muitas das Praças de Touros quer Portuguesas quer Espanholas, acabando por estar associado às praças de 1ª e 2ª categorias¹.

Tal como no caso de Mourão, a praça encontra-se disposta segundo os pontos cardeais, apesar desta não ter os curros por completo orientados a Norte, pode-se considerar que o principio terá sido o mesmo, visto que o eixo que passa pelo centro e pelo meio dos curros faz 90º com o eixo que passa pela porta de entrada dos cavaleiros. Na implantação desta praça apenas existe uma ligeira inclinação para Nordeste do que seria o eixo Norte-Sul.

Existem vários tipos de lugares. Lugares normais de Bancada Sol e Sombra, lugares de Barreira Sol e Sombra, lugares de Balcão e Camarotes. Tal como anteriormente foi referido, estes lugares obedecem a uma determinada hierarquia. Neste aspecto a praça de touros de Reguengos em nada difere da organização típica de praça de Touros que na altura se construía. Então como, tal como no caso anteriormente descrito de Mourão, os Toureiros entram de frente para a Tribuna, balcão, camarotes e todos os restantes lugares de sombra. Os touros entram na arena pelo lado esquerdo destes mesmos lugares.

Para além do sistema construtivo e tipologia desta praça, a grande diferença em relação ao exemplo anteriormente referido é o facto de ter Trincheira tal como na grande maioria das Praças de Touros. A nível do espectáculo esta característica faz toda a diferença, visto permitir a presença entre a Barreira e a Trincheira de todos os intervenientes essenciais para a execução da Corrida de Touros.

Neste caso, na chamada Corrida de Touros à Portuguesa, apenas existem Burladeros encostados a barreira, não existindo esse tipo de esconderijos dentro da arena, sendo que estes elementos só aparecem quando o toureio se efectua a pé e não a cavalo.

1 Classificação feita pelo IGAC



Tanto os Curros como a Cavalaria encontram-se integrados debaixo das bancadas, visto existir espaço suficiente sob as mesmas. Isto segue de certa forma a lógica construtiva desta praça que aproveita todos os espaços existentes sob a bancada. Também se encontram sob a estrutura deste recinto uma enfermaria, arrumos, instalações sanitárias e um bar.

Todo o espaço que não é utilizado pela praça de touros encontra-se habitado. Existem actualmente 9 habitações sob as bancadas. Neste caso também se segue a regra do módulo, sendo que todas as habitações apresentam a mesma planta. Todas têm 7 divisões, sendo que apenas 3 têm iluminação exterior directa.

Não se conseguiu determinar com exactidão o material com que se construiu a Praça de Touros de Reguengos, mas sabe-se que as bancadas são suportadas por abóbadas, que por sua vez se encontram suportadas por muros estruturais. Sabendo que as abóbadas são feitas em alvenaria de tijolo, pode-se supor que a restante praça o seja também.

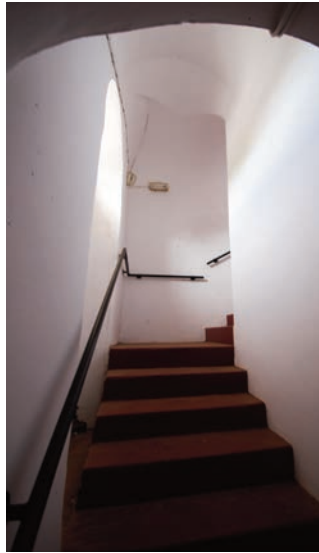
*Técnica engenhosa, com tendência a desaparecer, substituída pelo emprego de betão armado, é porventura a técnica donde se pode aferir a qualificação do alveneo alentejano.*¹

¹ Descrição feita no *Arquitectura Popular Portuguesa* do sistema constructivo Abobadilha. Sendo que no mesmo texto referem que as Abobadilhas '...são abóbadas de muito pequena flexa, construídas sem o auxílio de simples, cobrindo vãos que chegam a atingir um máximo de 5 a 7m.'. (Associação de Arquitectos Portugueses, ed. *Arquitectura popular em Portugal*, 1988)

Esta técnica construtiva, estava bem presente na arquitectura popular alentejana do início do séc.XX. Mas o emprego da abóbada como solução estrutural de suporte das bancadas não é a única característica da arquitectura regional. O reboco com argamassa de cal e o revestimento com tinta de cal também são características que aproximam esta praça à arquitectura popular.

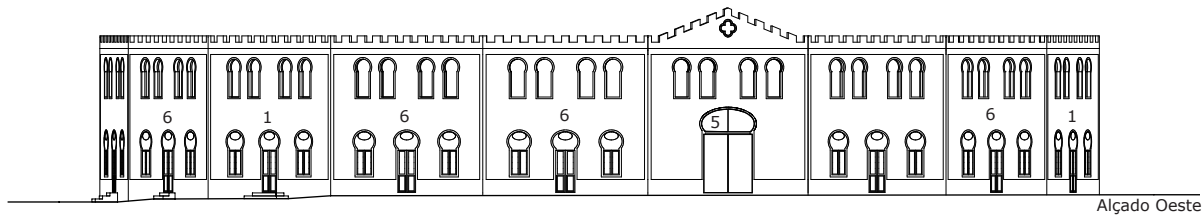
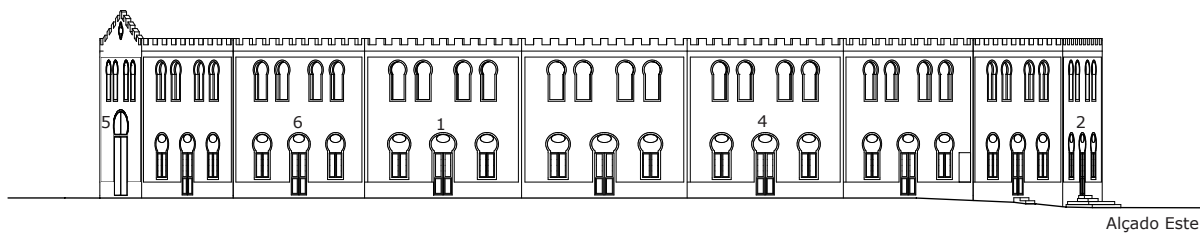
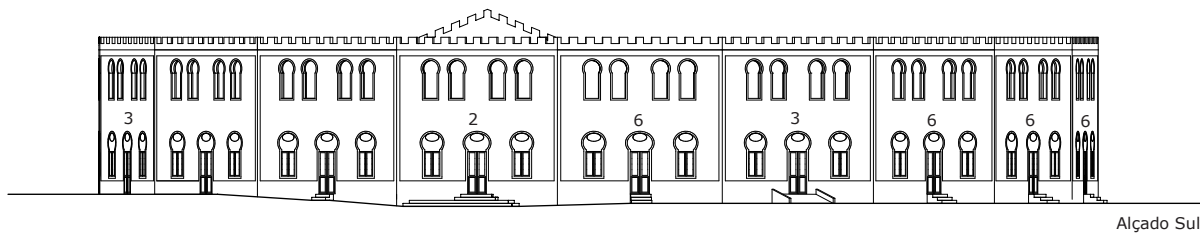
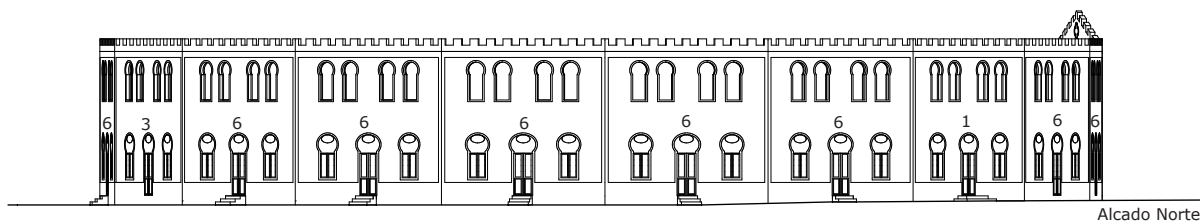
Apesar de apresentar várias características da arquitectura popular alentejana na sua construção, este tauródromo aparenta ter sido projectado, ao contrário de muitos outros do tipo Redondo que dadas as suas características, sugerem que tenham sido construídos no local apenas com base no conhecimento popular das gentes que os construíram.

Como referido na anterior citação, esta técnica construtiva foi progressivamente substituída pelo emprego do betão armado. Apesar desta citação não se referir às Praças de Touros, espelhou o que sucedeu entre os anos 40 e 60 com as praças do tipo Betão e até aos anos 90 com as praças do tipo Viga/Pilar. Por culpa da evolução no método construtivo empregue nestes novos Tauródromos, as suas características em muito diferiram das das praças até então construídas por meio das técnicas tradicionais.



Legenda

- 1-Entrada Bancadas - Sol
- 2-Entrada Bancadas - Sombra
- 3-Entrada Camarotes
- 4-Entrada Touros
- 5-Entrada Toureiros
- 6-Habitação



Legenda

1-Curros - Saída dos Touros

2-Pátio dos Cavalos

3-Tribuna

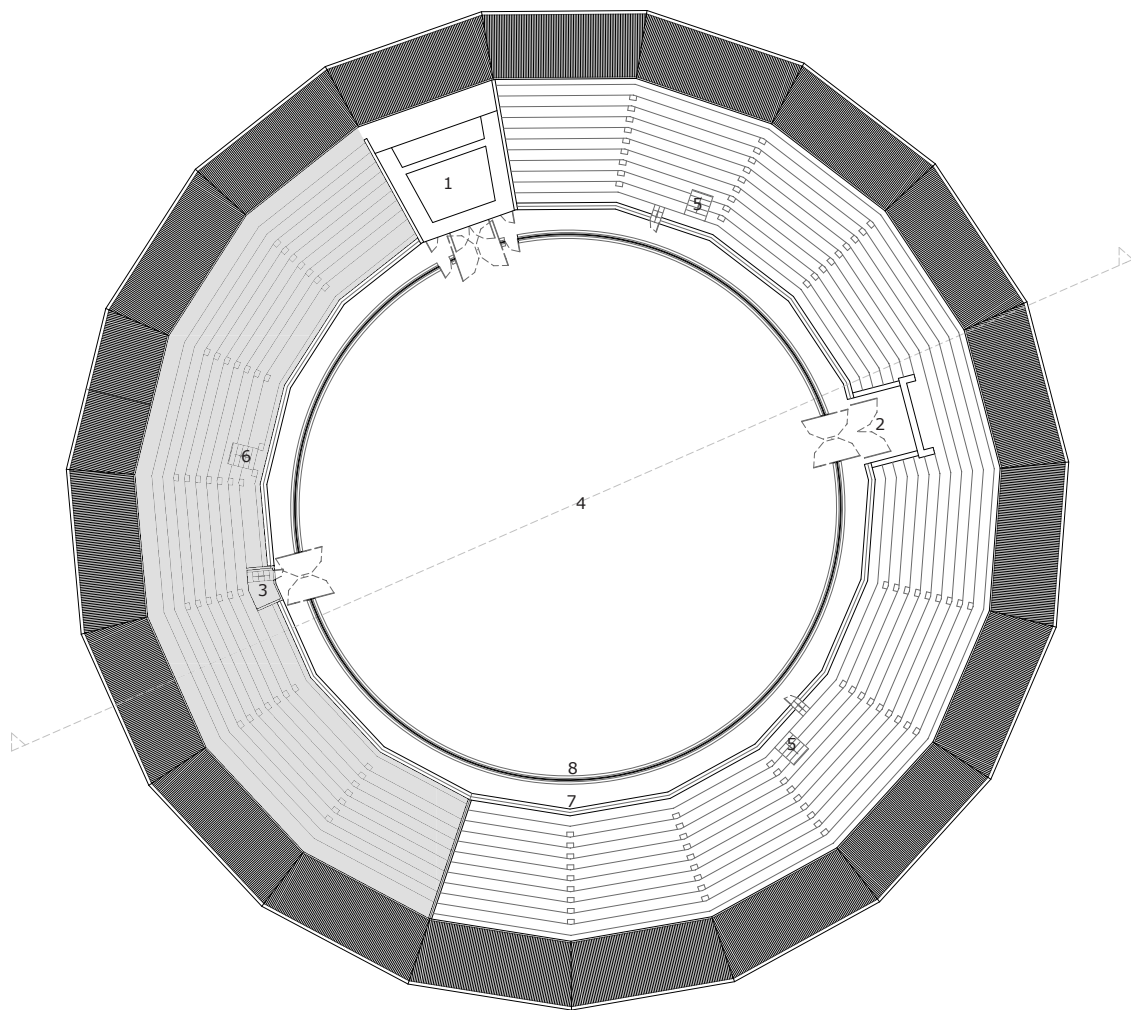
4-Arena

5-Acesso Bancada - Sol

6-Acesso Bancadas - Sombra

7-Barreira

9-Trincheira



Planta de Coberturas esc.1|450

Legenda

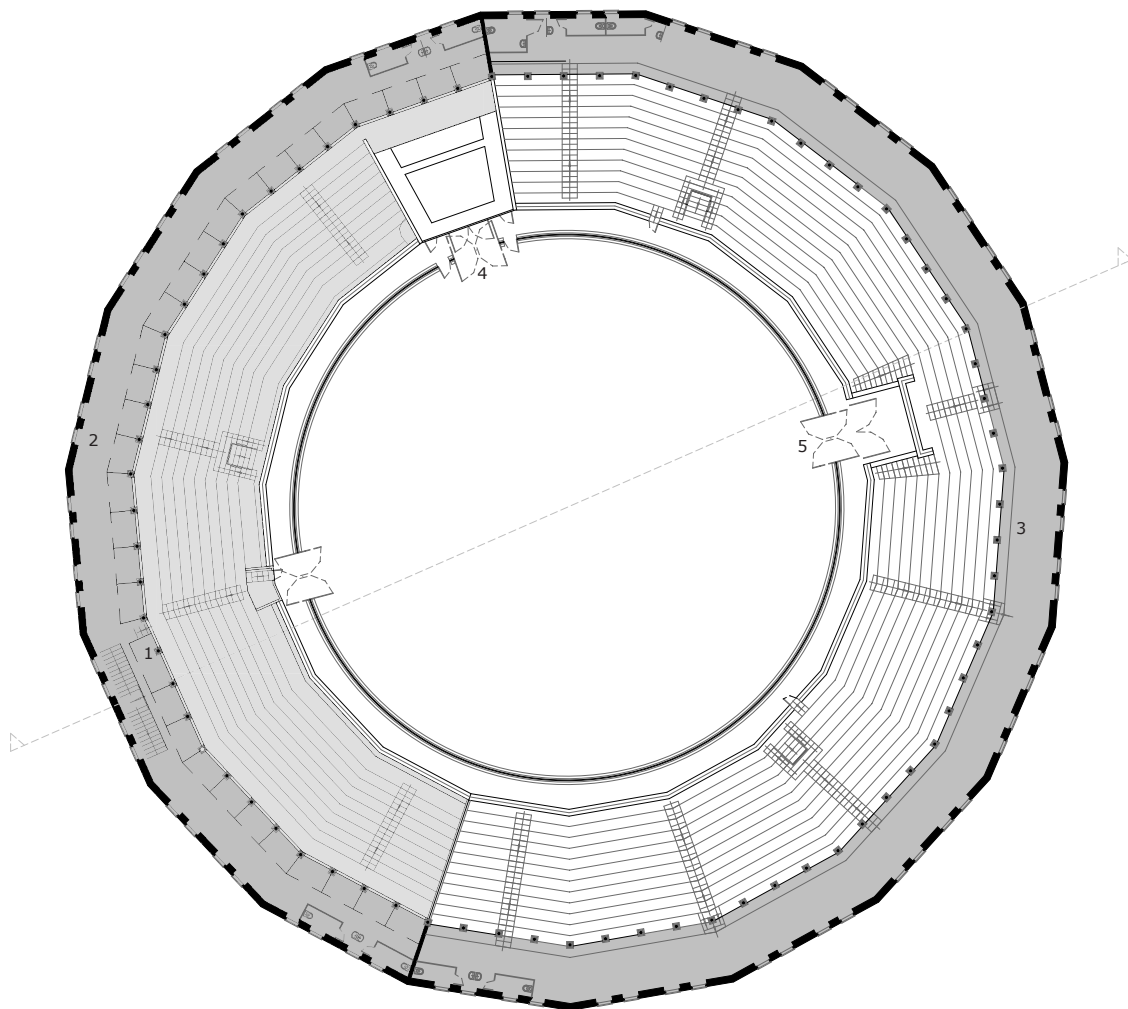
1-Camarote Presidencial

2-Camarotes

3-Galeria

4-Porta Curros

5-Porta do Pátio dos Cavalos



Planta Camarotes esc.1|450

Legenda

1-Cavalariças

2-Pátio de Cavalos

3-Curros

4-Enfermaria

5-Acesso Sol

6-Acesso Sombra

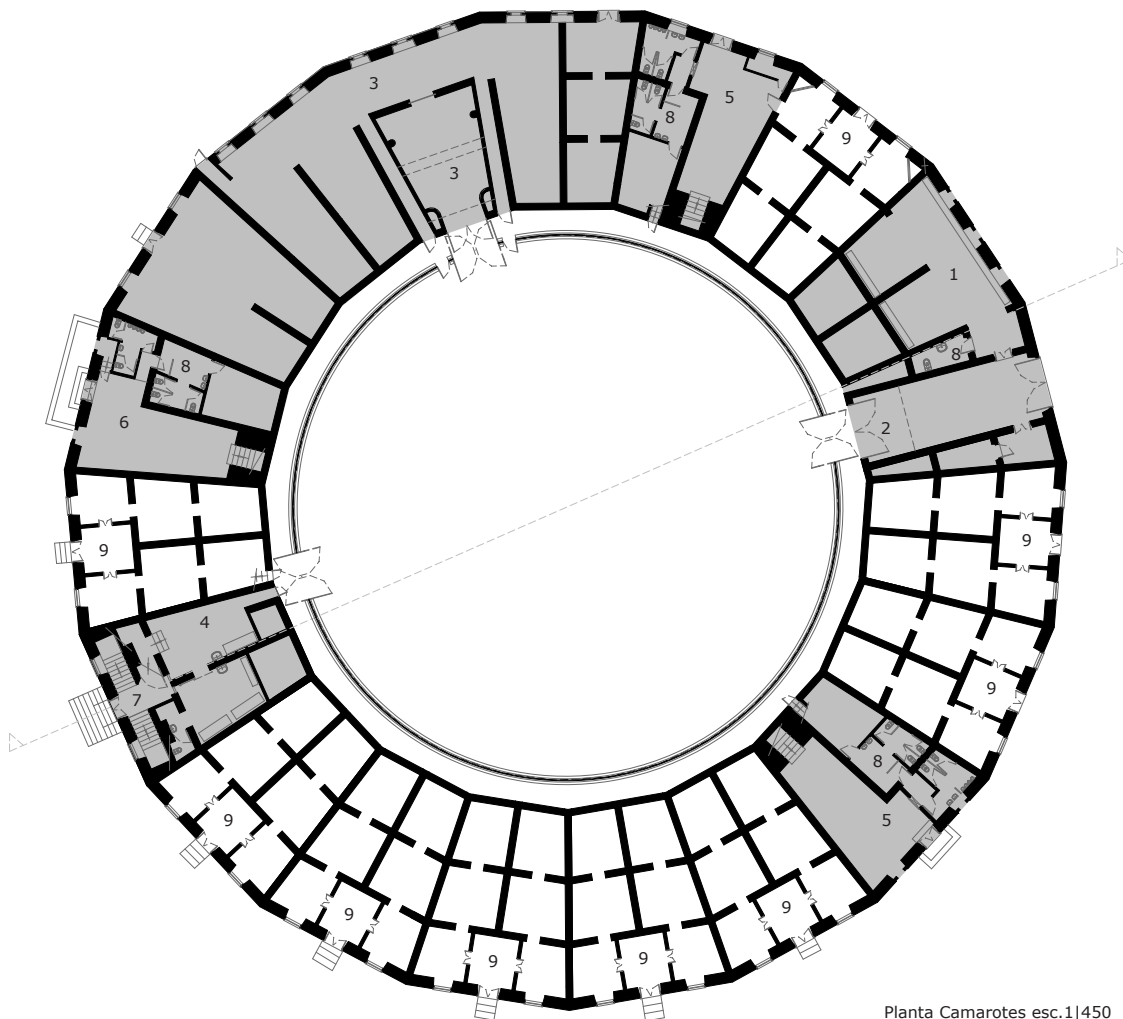
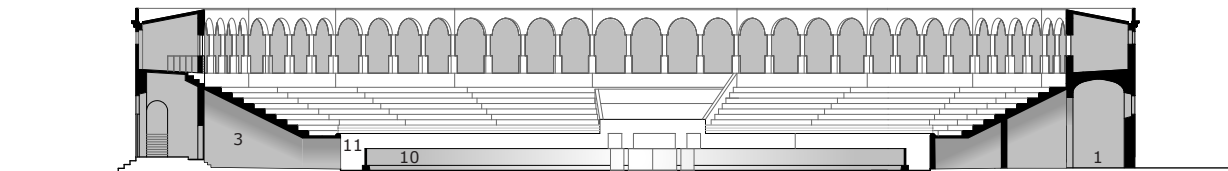
7-Acesso Camarotes

8-Instalações Sanitárias

9-Habitação

10-Trincheira

11-Barreira



Planta Camarotes esc.1|450



Montemor-o-Novo-1882



reguengos de Monsaraz-1925



Portalegre-1936



Alter do Chão-1918

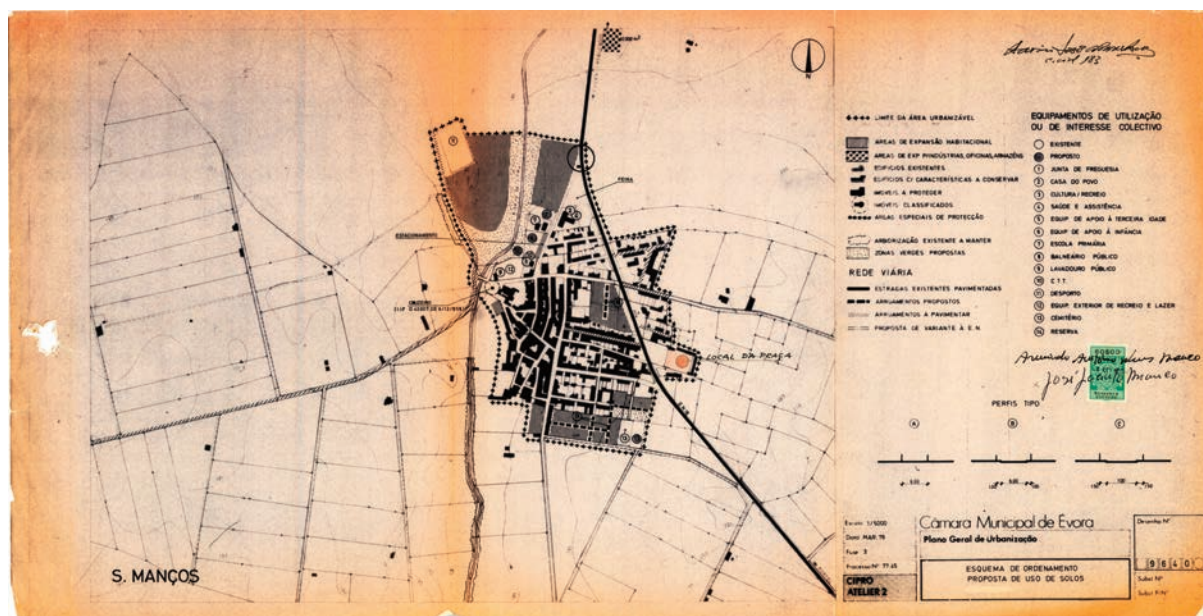


Fig.107 Esquema de Ordenamento - Proposta de uso de solos



São Manços

Os recintos do tipo Betão foram construídos por todo o país, exceptuando no Alentejo. Estas praças caracterizam-se por ser maiores e apresentarem uma grande lotação. Apesar de se caracterizarem pela monumentalidade do espaço, estas praças apresentavam uma maior sobriedade decorativa, própria do método construtivo empregue e das correntes arquitectónicas que se faziam sentir na altura. Foram construídas praças deste tipo em Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Moita, Almeirim, Montijo, Coruche, Santarém, Cascais e Vila Real de Santo António, sendo que as últimas duas actualmente já não existem.

Quando esta tecnologia construtiva se banalizou, as

praças mais pobres que até à data eram construídas por mão do povo, passaram a ser construídas com recurso a esta técnica. Surgiram então as praças do tipo Viga/Pilar. Esta tipologia prevalece no Alentejo, sendo que a grande maioria foi construída entre a década de 70 e princípios da década de 90. Estas praças, caracterizam-se pela sua pobreza de acabamentos. Muitas das vezes, estes recintos vão sendo construídos ao longo do tempo, apresentando muitos deles um aspecto inacabado. Este facto deve-se à fraca disponibilidade financeira das instituições que promovem a sua construção.

Estas praças encontram-se nas aldeias e vilas alentejanas, demonstrando a vontade da população em possuir um recinto fixo no qual seja possível realizar Touradas. Existem Tauródromos deste tipo em Messejana, Granja, Garvão, Tolosa, São Marcos do Campo, Rio de Moinhos, Póvoa de São Miguel, Aldeia da Ponte, Gáfete, Bencatel, São Manços, Santo Aleixo, Sobral da Adiça, Monforte, Amieira, Veiros e Amareleja.

Um bom exemplo desta tipologia é a Praça de Touros de São Manços. Apesar da autoria da obra pertence a um particular, podem encontrar-se neste recinto muitas das características comuns à maioria das Praças do tipo Viga/Pilar.

A Praça de Touros José Jacinto Branco (São Manços), propriedade de Armindo Nunes Branco, terá sido construída no ano de 1983. Com capacidade para 2500 lugares, a sua construção deveu-se a uma iniciativa privada de José Jacinto Branco.

O recinto encontra-se dentro de um lote murado em todo o seu perímetro na periferia de São Manços, condição que influenciou desde o início a forma como o tauródromo se iria implantar no terreno. O espaço, inicialmente, contava com uma pequena bancada incompleta, adçada a uma das extremidades do lote, sendo que os Curros, Cavalariças e Armazéns se encontravam encostados ao perímetro do mesmo. Progressivamente com o passar do tempo este espaço foi sendo acrescentado, prova disso é o projecto de 2006 da arquitecta Ana Santos Serôdio em que se previam algumas modificações, que ainda continuam a ser construídas faseadamente. Algumas destas já estariam construídas à data da publicação do livro Praças de Touros em Portugal¹ de 1997, como se pode constatar através da fotografia aérea deste tauródromo.

A tipologia em que este recinto se enquadra prevalece no Alentejo, pensando-se que actualmente existam mais de 16 Praças de Touros do Tipo 'Viga-Pilar'. A grande parte destas Praças de Touros encontram-se em aldeias, sendo que ao

contrário do que acontece neste caso, pertencem não a privados mas a Juntas de Freguesia, Comissões de Festas ou outro tipo de Colectividades que geralmente têm algum peso dentro da sociedade local.

Na maior parte dos casos as instituições que construíram estes recintos não tinham capacidade económica para a construção de um espaço que reunisse todas as condições para a execução de espectáculos, por conseguinte para além da simplicidade construtiva, estas Praças resultaram e ainda resultam de um processo de construção evolutiva, estando dependentes da disponibilidade financeira, tanto por parte das Autarquias, como das Instituições.

O recinto foi construído em alvenaria de tijolo furado sendo este suportado por uma estrutura em betão armado. Todo o conjunto encontra-se rebocado e pintado com as cores tradicionais desta região.

Esta técnica construtiva permite a redução dos custos da obra, visto ser mais facilmente executada, permitindo o uso de vigas pré-fabricadas para suportar da bancada, evitando-se assim construir abóbadas ou muros de suporte para segurar a bancada, como acontecia nas praças construídas segundo os métodos tradicionais.

Pensa-se que este tipo de tauródromo apareceu no

¹ Oliveira, J. Nunes, 1997



Alentejo em meados dos anos sessenta com a construção da Praça de Touros de Messejana¹. Contudo terá sido entre a década de setenta e oitenta que o número destas Praças de Touros aumentou exponencialmente.

Grande parte destes recintos, como anteriormente referido, aparentam estar incompletos, sendo que alguns, como no caso de São Marcos do Campo apresentam, apenas, uma pequena estrutura de suporte de bancadas, arena e curros, deixando transparecer o esqueleto do edifício.

O entusiasmo que a partir dos anos setenta surgiu no seio das gentes alentejanas em criar estes recintos com um cunho bastante popular e pragmático, aliado muitas vezes ao desinteresse pelo carácter estético, poderá ser o seu maior problema. Este facto deixa os tauródromos numa posição bastante frágil no que toca a sua preservação como um equipamento duradouro da povoação.² Então estes edifícios de certo que não terão argumentos para continuar a existir, apesar do papel fulcral e unificador que desempenharam para a população no ultimo quartel do século XX no Alentejo.

Quanto à organização espacial, a Praça de Touros de

São Manços pelas condicionantes do próprio lote, não obedece à lógica de disposição tradicional seguida na maioria dos tauródromos do tipo Redondo e Ortogonal, apesar de apresentar lugares de bancada de Sol e Sombra.

Os curros encontram-se adoçados ao limite Nordeste do lote, sendo que a entrada dos animais, por razões práticas fica virada para o caminho de acesso ao recinto. A disposição dos Currais dos Touros é longitudinal e organiza-se através de um corredor, diferindo do sistema que comumente é encontrado na maioria das Praças³.

Neste caso a porta de entrada dos animais em Praça encontra-se bastante próxima da porta de entrada dos Cavaleiros em Praça, a saída destes para os Curros após a lide é feita pela mesma porta dos Cavaleiros. Esta porta encontra-se orientada a Sudeste⁴.

Existem Cavalariças na extremidade Sudoeste do terreno, bem como na Noroeste, permitindo que exista muito mais espaço para estes equipamentos do que acontece na maioria das Praças de Touros tradicionais.

A Praça, actualmente, já possuiu espaços aproveitados sob as bancadas, como a Enfermaria,

1 Segundo os registos terá sido construída em 1964

2 Isto se se propuser a possibilidade de num futuro mais ou menos próximo, se perder o interesse pelo espectáculo, se dificultar a sua prática, ou se centralizar a tourada nos grandes centros taurinos, perdendo os pequenos núcleos a força que actualmente têm.

3 Como acontece nos exemplos anteriormente apresentados dos Tauródromos de Reguengos e Mourão

4 No caso da Praça de Touros tradicional esta porta encontra-se comumente no lado Nascente da Praça



que terá sido a última alteração efectuada no recinto. Estão projectados mais equipamentos adoçados ao perímetro das bancadas.

Actualmente tanto as instalações sanitárias, bem como os espaços de arrumos encontram-se também no limite do lote, prevendo-se que venham a ser transferidos para debaixo das bancadas ou para espaços adoçados a estas.

As Bancadas apresentam uma disposição peculiar, uma vez que apesar da falta de espaço foram crescendo até ao limite do muro. No projecto inicial a Bancada encontrava-se interrompida pela intercepção do volume dos Curros, motivo pelo qual, aquando do seu aumento, não houve alternativa senão construí-la de forma ortogonal. Este conjunto de situações proporciona uma imagem peculiar que nos remete para o imprevisto e pragmatismo próprio das Praças desta tipologia.



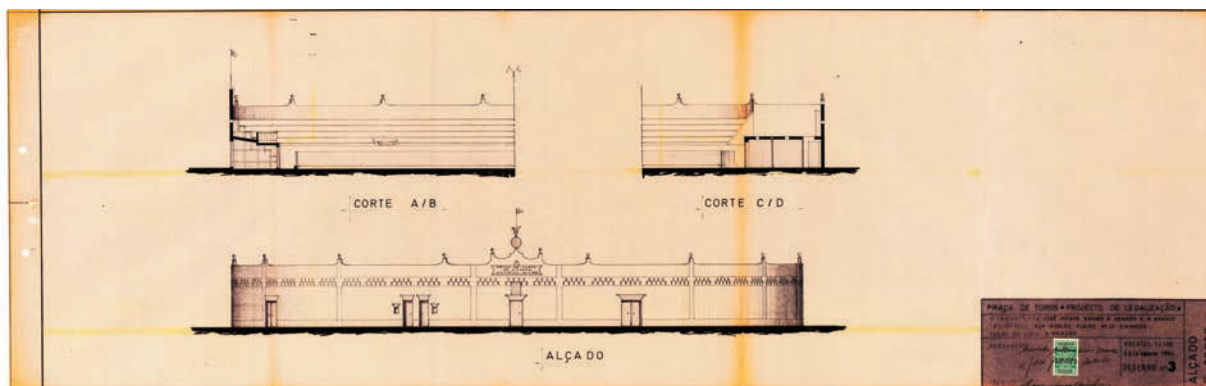


Fig.108 Praça de Touros Jacinto Branco (São Manços) Alçada e Corte do projecto original.

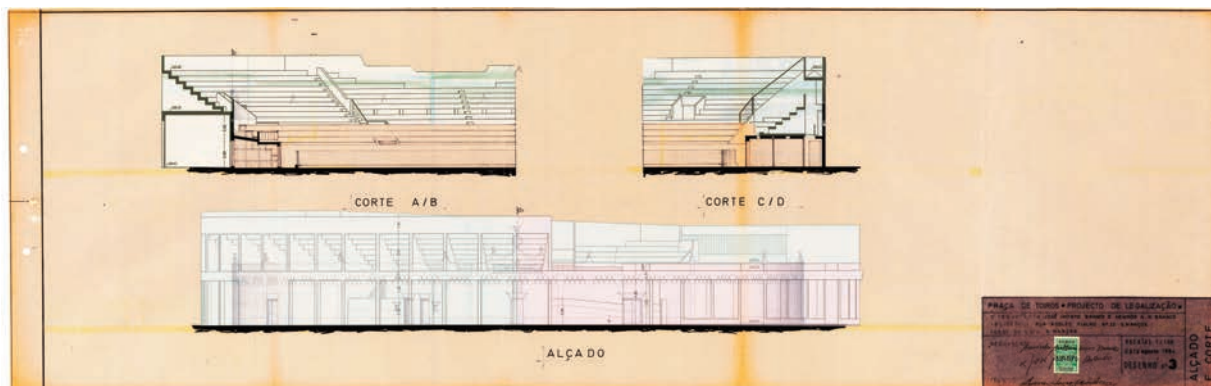


Fig.109 Praça de Touros Jacinto Branco (São Manços) Alçado e Corte do projecto original (Sobreposição do projecto de expansão do recinto; Verde-Construído Vermelho-Por construir)

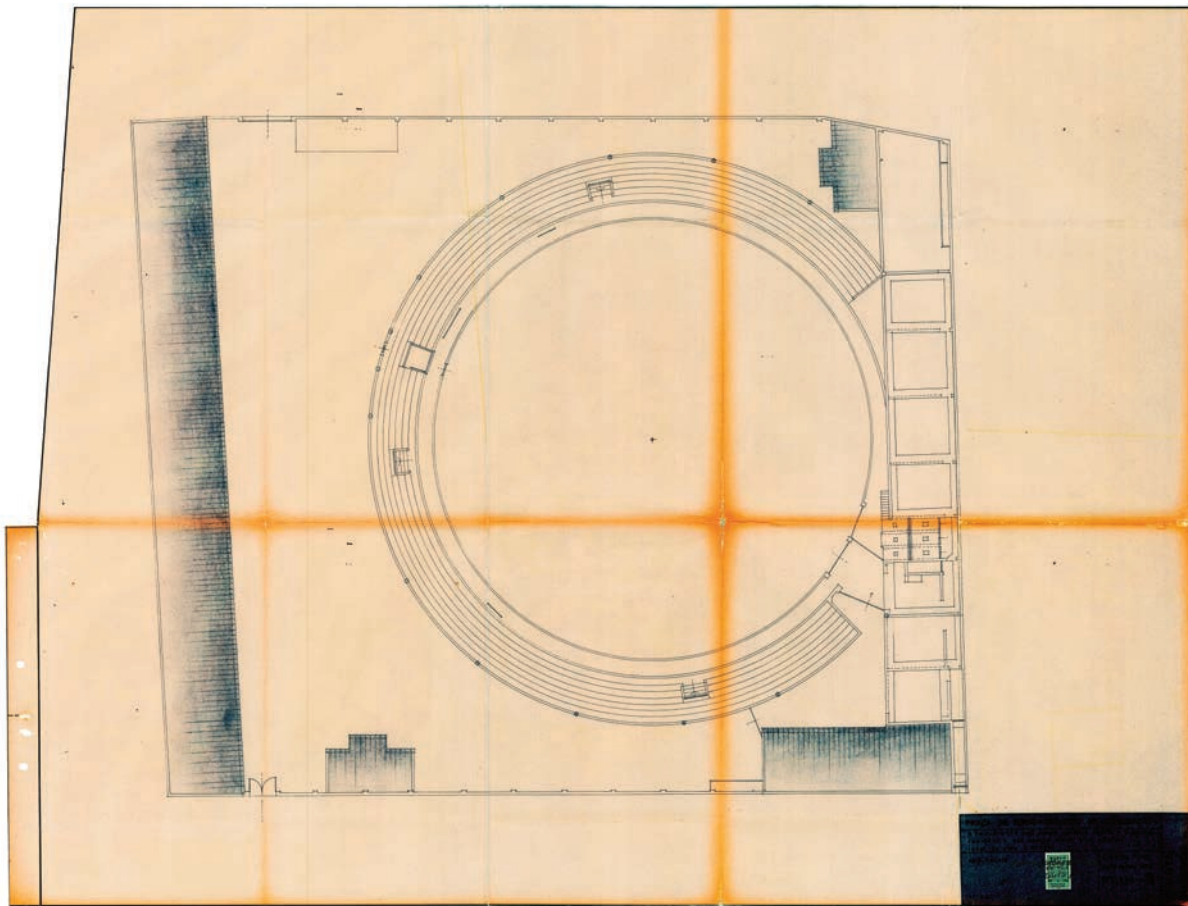


Fig.110 Praça de Touros Jacinto Branco (São Manços) Planta de bancadas do projecto original.

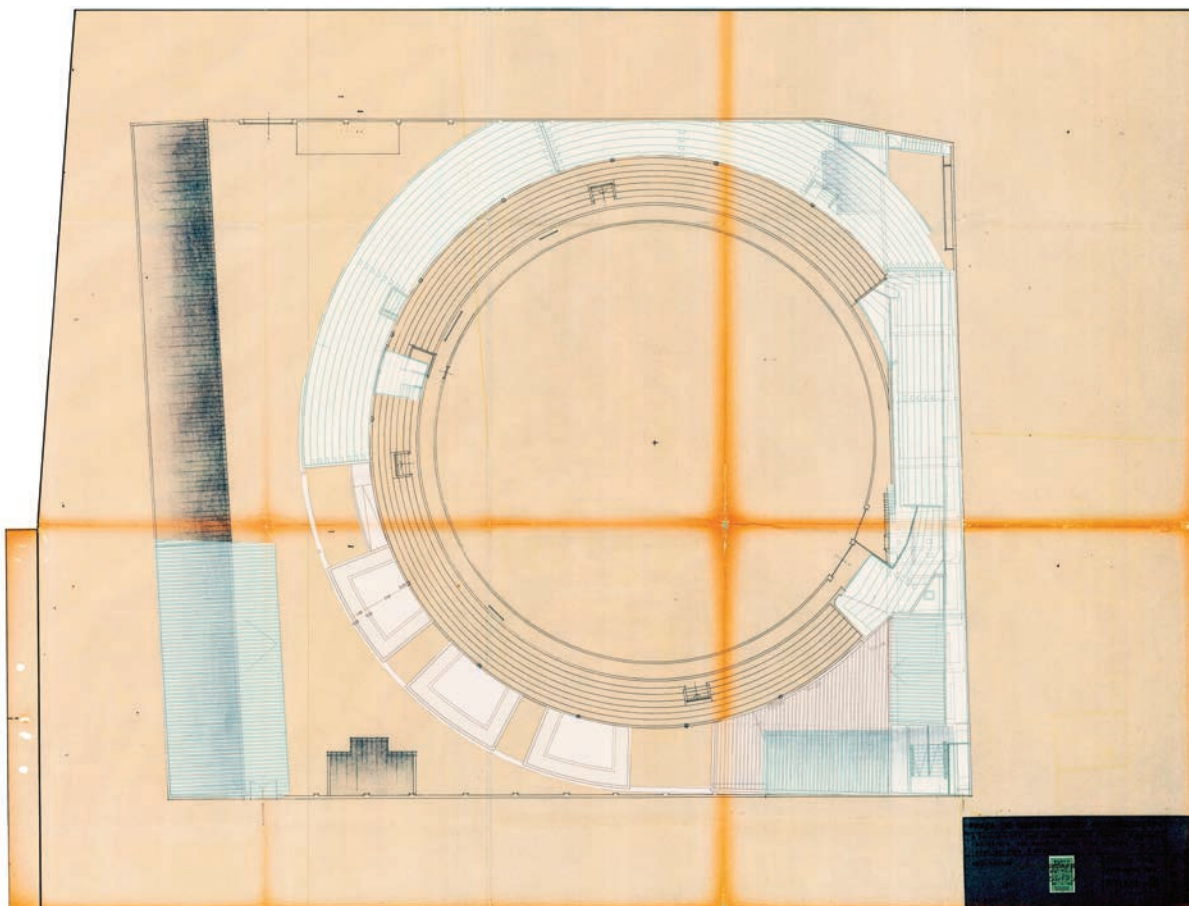


Fig.111 Praça de Touros Jacinto Branco (São Manços) Planta de bancadas do projecto original (Sobreposição do projecto de expansão do recinto; Verde-Construído Vermelho- Por construir)

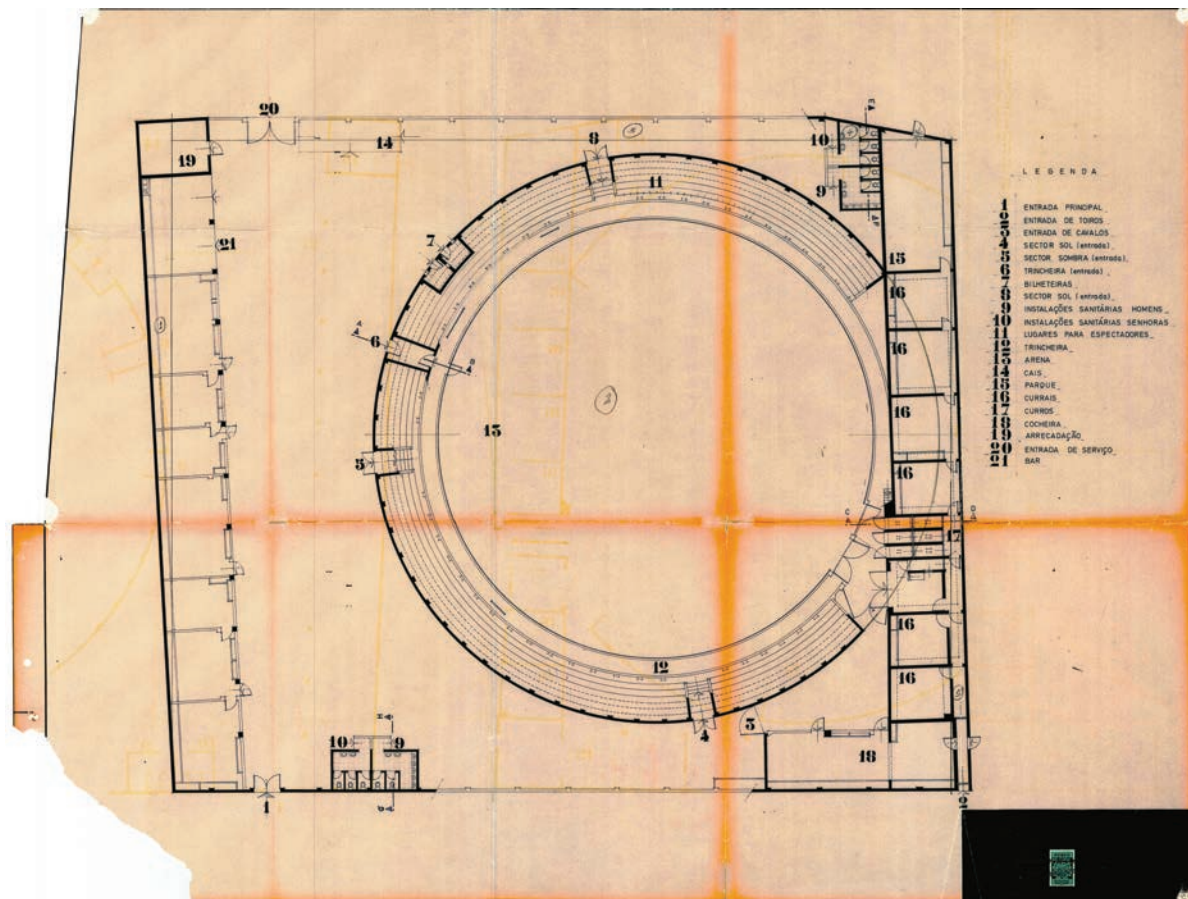


Fig.112 Praça de Touros Jacinto Branco (São Manços) Planta de interiores do projecto original.

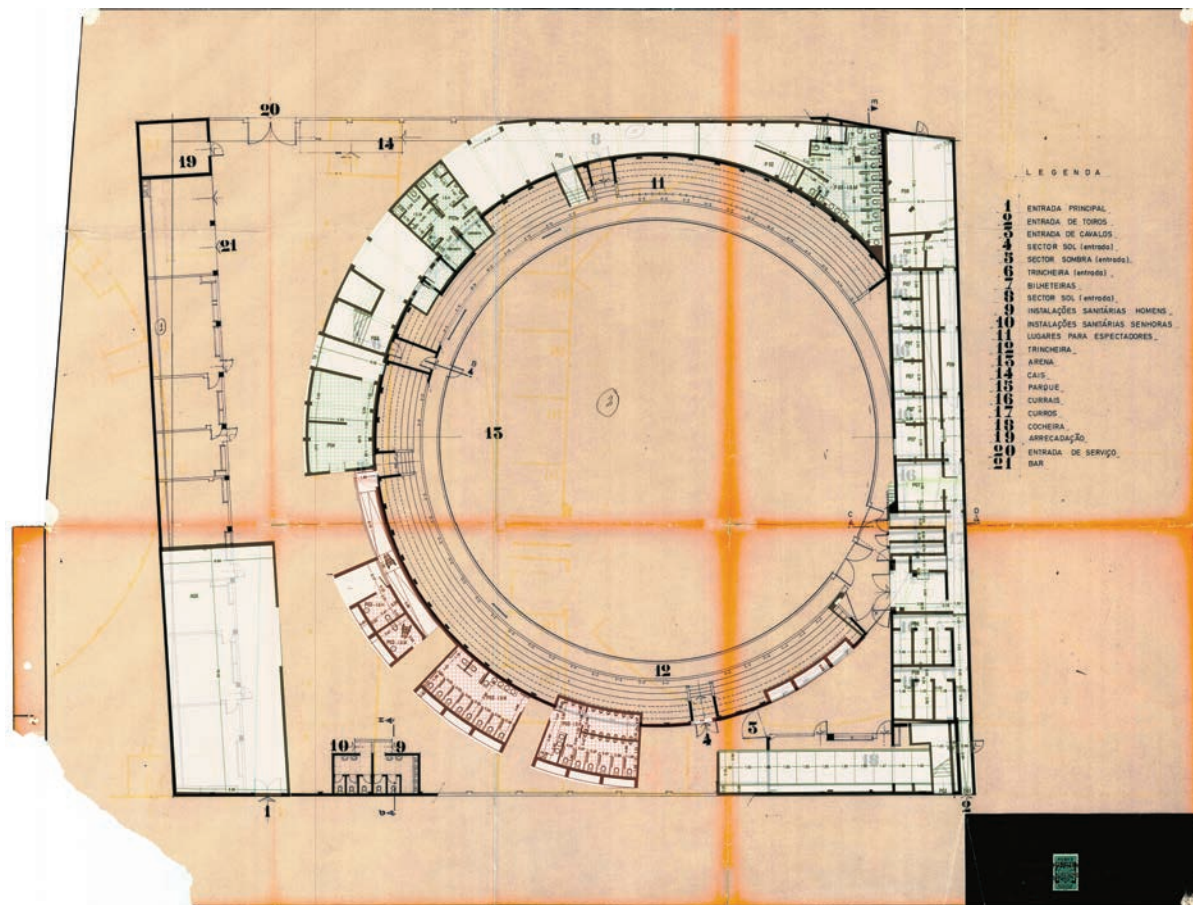


Fig.113 Praça de Touros Jacinto Branco (São Manços) Planta de interiores do projecto original (Sobreposição do projecto de expansão do recinto; Verde-Construído Vermelho-Por construir)



Póvoa de S.Miguel-1979



S.Marcos do Campo-1975



Amareleja-1993



Santo Aleixo-1984

Pode-se supor que enquanto que as praças de touros do tipo Viga-Pilar, pelo cunho popular presente na sua construção, substituíram as praças do tipo Redondo na região do Alentejo. Por comparação, e tendo em conta a história das antecessoras dos Tauródromos construídos a partir da segunda metade do século XX, poderá supor-se que pela mesma ordem de ideias, as praças do tipo Betão terão substituído as praças do tipo Ortogonal. Apesar de no Alentejo, não existir nenhum Tauródromo com características semelhantes ao dos tipo Betão, descobriu-se arquivado no processo da actual Arena de Évora, um projecto para a construção de um recinto no local onde actualmente se encontra a praça de touros. Este projecto, datado de 1972 e assinado pelo arquitecto Amílcar Pinto, apesar de ser a única referencia conhecida da tentativa de se fazer uma praça de touros da tipologia Betão no Alentejo, apresentava no seu plano características que a aproximavam das novas praças Multiusos, sendo portanto um documento bastante importante visto retratar de forma bastante clara, uma nova abordagem a este tipo de equipamentos, repensando-se a funcionalidade do espaço da praça, adaptando-o a novos usos, ao invés do que aconteceria até então, em que os eventos se teriam de adaptar ao espaço. O edifício teria a característica de se poder converter em

campo de jogos e sala espectáculos, ao mesmo tempo a proposta previa espaços de lazer independentes do espaço da arena, como um cinema, espaços comerciais, habitação e serviços. Desde que as praças de Touros começaram a ser construída em alvenaria, que na maioria delas se tenta rentabilizar o espaço sobrando sob as bancadas. Por isso não é de estranhar que existam habitações e estabelecimentos comerciais sob as bancadas de praças como a de Reguengos de Monsaraz, Azaruja, Alcácer do Sal ou Montemor-o-Novo. Já em algumas praças do tipo Betão como a de Coruche, Santarém e Almeirim alguns equipamentos como restaurantes e espaços comerciais foram integrados no projecto da praça. Apesar da inclusão destas valências o carácter das praças permaneceu inalterado.

Por ter repensado o edifício, o projecto de Amílcar Pinto para Évora foi inovador, ao mesmo tempo indicador do rumo que estes equipamentos tomariam com o virar do milénio, sugerindo algumas características comuns nas novas praças do tipo Multiusos.

Foram consideradas como Praças de Touros do tipo Multiusos, tanto as que resultaram de uma intervenção de restauro e reconversão numa praça pré-existente, como no caso do Redondo e Lisboa, ou da construção de um recinto multi-usos de raiz

com no caso de Évora, Elvas e Albufeira. A Praça de Touros de Albufeira foi integrada neste grupo, apesar das motivações turísticas da sua construção a afastarem das soluções tomadas nas restantes praças desta tipologia. Esta Praça terá sido a primeira construída em território nacional que na sua génese previa outra função que não somente a da realização de touradas, de forma a rentabilizar não só o espaço como também Albufeira, tendo-se tornado um polo de atracção turístico do Algarve.

Mas foi a intervenção na Praça de Touros do Campo Pequeno que de certa forma transformou o panorama a nível nacional. A praça sofreu obras de reconversão, tendo a arena sido transformada num espaço multiusos, que por meio da construção de uma cobertura, permite a utilização do recinto durante todo o ano, quer seja para realização de espectáculos tauromáquicos quer para concertos ou outro tipo de eventos. Foi também construída uma zona comercial e estacionamento sob a praça, rentabilizando-se assim este espaço, ao mesmo tempo que se dinamiza toda a zona envolvente ao recinto.

Após a inauguração desta praça em 2005, seguiram-se a das praças de Elvas em 2006, Évora em 2007 e Redondo em 2009, o que sugere que mais tauródromos com este carácter polivalente serão projectados nos próximos anos.

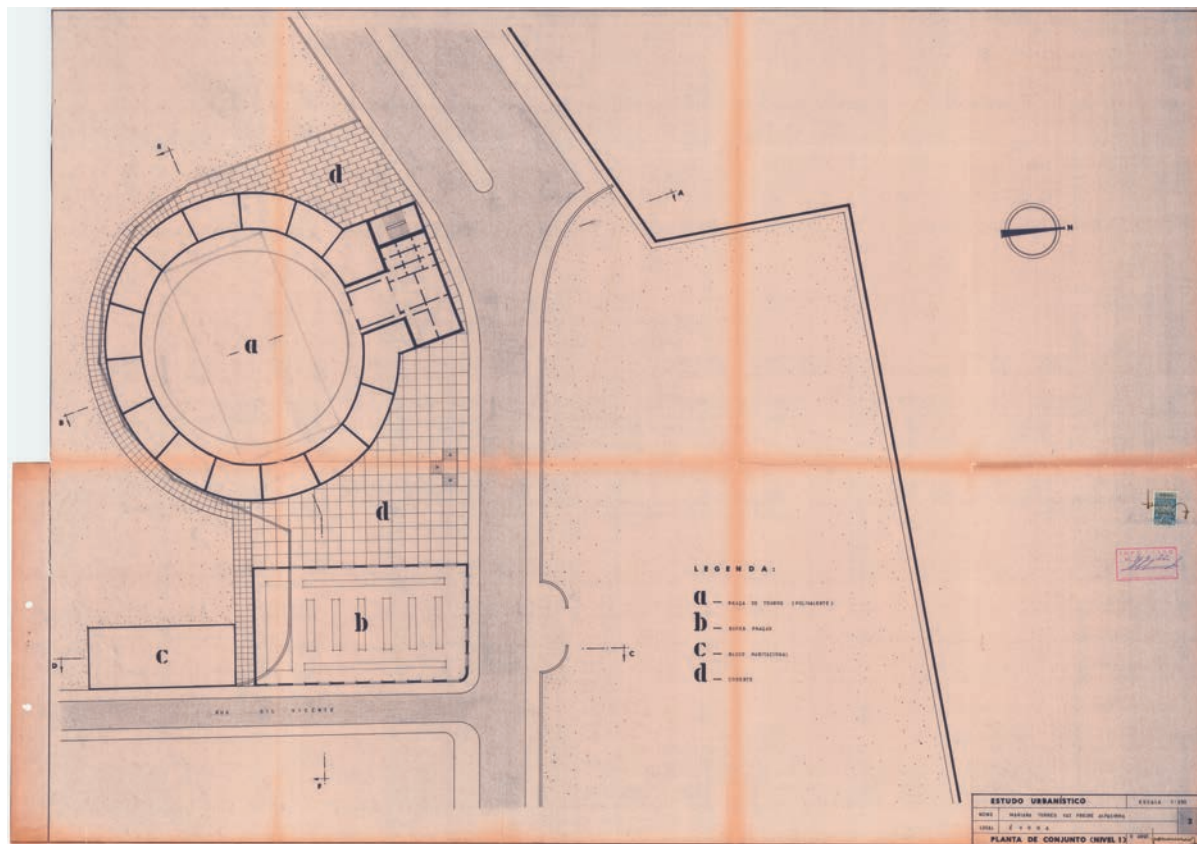


Fig.114 Projecto para Praça de Touros de Évora - Planta de Conjunto (Nível 1) **A**-Praça de Touros (polivalente) **B**-Super Praças **C**-Bloco Habitacional **D**-Coberto

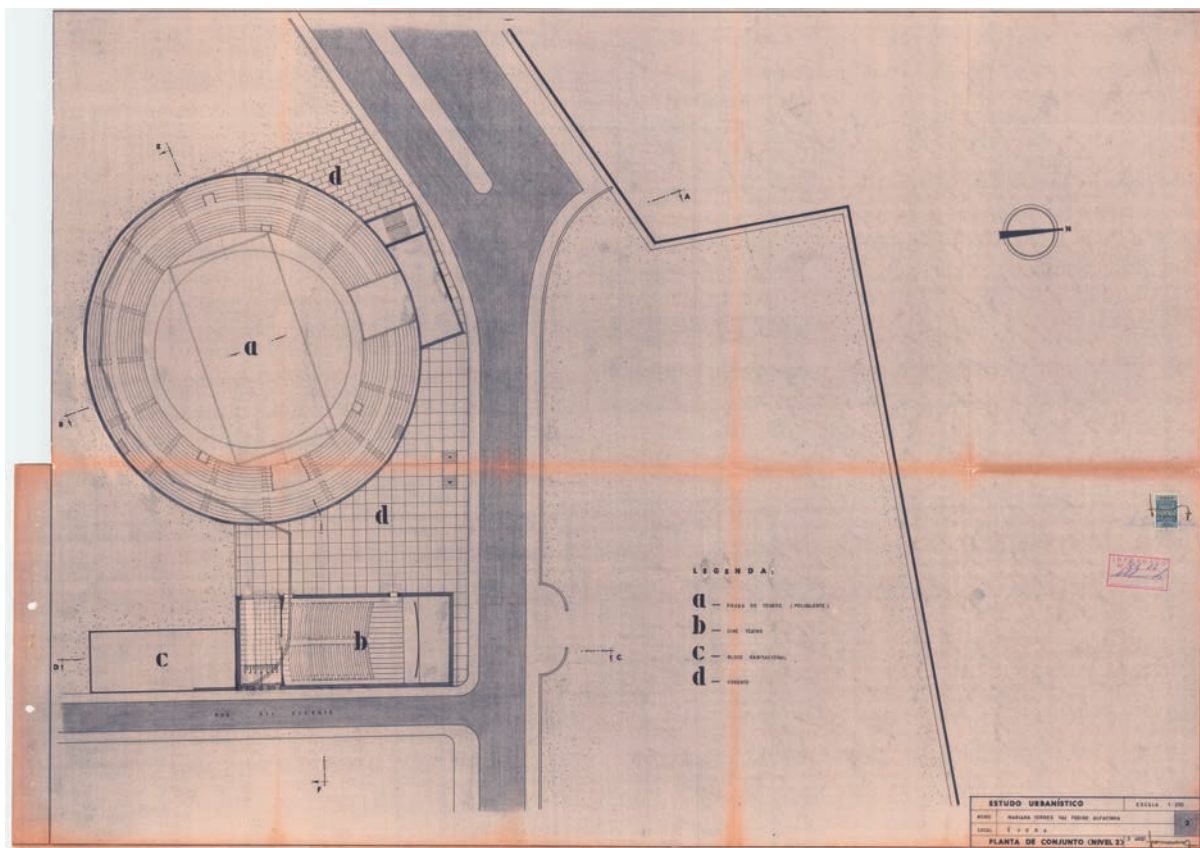


Fig.115 Projecto para Praça de Touros de Évora - Planta de Conjunto (Nível 2) **A**-Praça de Touros (polivalente) **B**-Cine Teatro **C**-Bloco Habitacional **D**-Coberto

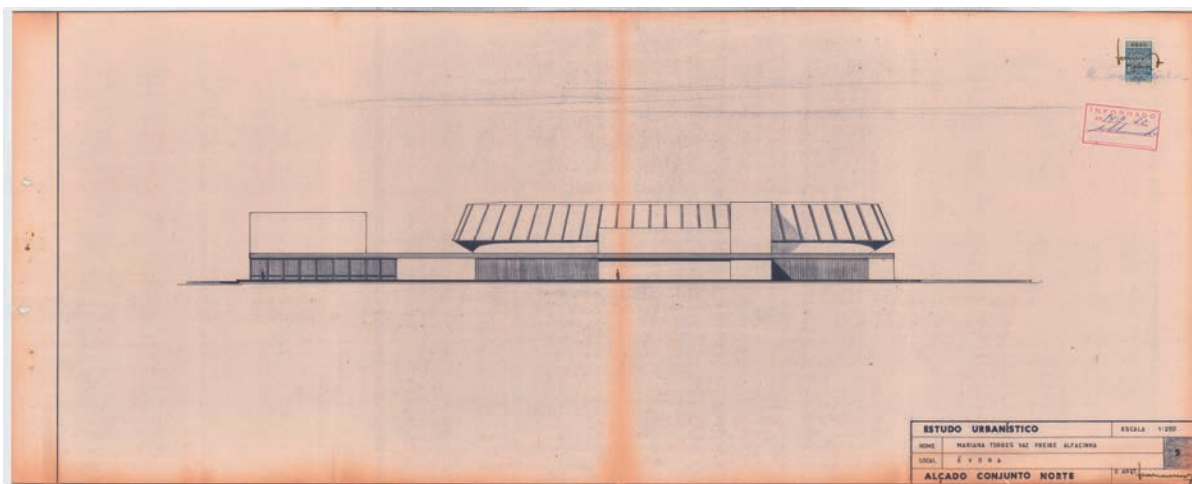


Fig.116

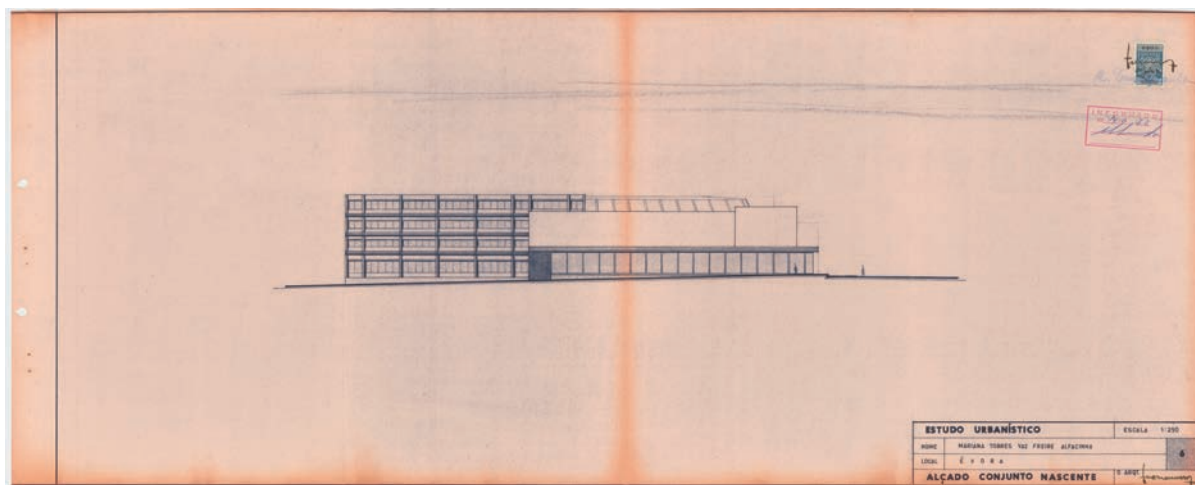


Fig.117

Fig.116 Projecto para Praça de Touros de Évora - Alçado Conjunto Norte **Fig.117** Projecto para Praça de Touros de Évora - Alçado Conjunto Nascente

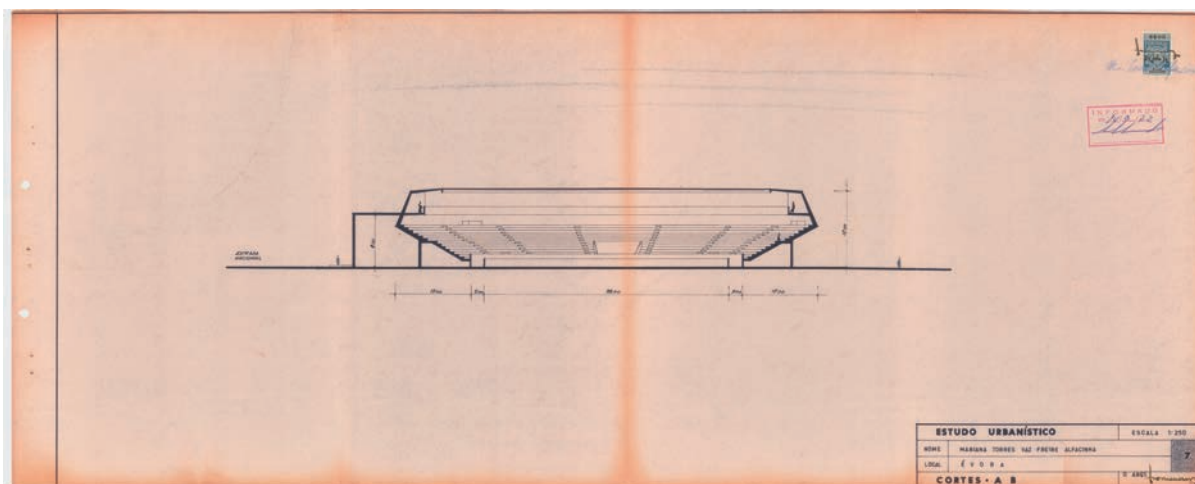


Fig.118

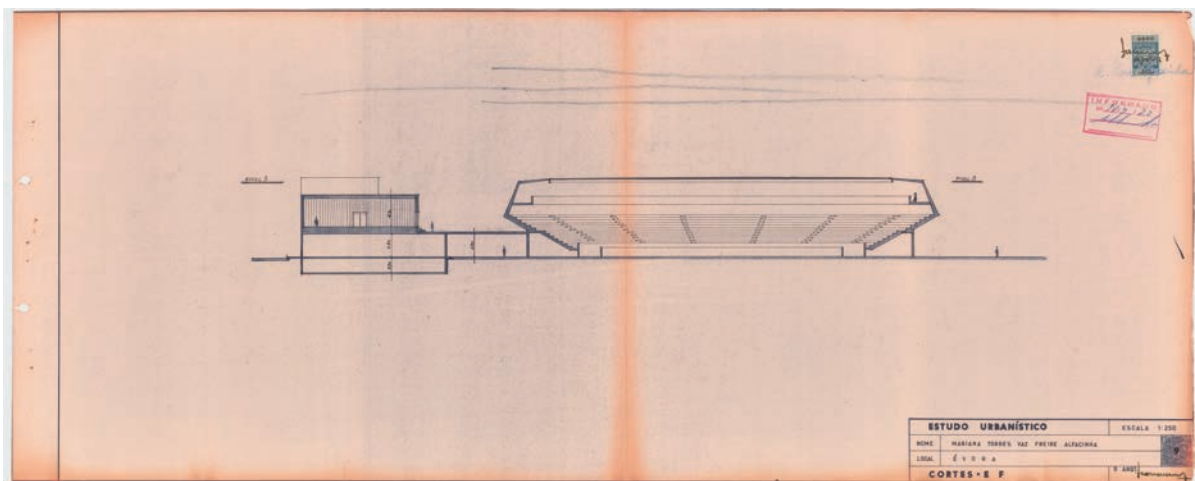


Fig.119

Fig.118 Projecto para Praça de Touros de Évora - Cortes A B **Fig.119** Projecto para Praça de Touros de Évora - Cortes E F



Mancha Urbana de Reguengos de Redondo esc. 1|15000



Redondo

Em 1957 foi inaugurada no Redondo a Praça Simão da Veiga Júnior. A praça terá sido financiada pelo mesmo, mas a sua construção foi fruto do esforço da população que se uniu e construiu este imóvel. Após a sua construção, este espaço foi doado a Santa Casa da Misericórdia Local. Inicialmente contava com cerca de 3500 lugares, apesar de haver registos de 4500¹.

A praça, apresentava características que a enquadravam dentro da tipologia *Redonda*. Tinha a particularidade de se encaixar num talude, o que facilitou a sua construção, evitando que se tivesse de construir uma estrutura de suporte da bancada em todo o perímetro do recinto, tal como aconteceu nos anfiteatros Gregos. Na parte da bancada oposta

ao talude construiu-se uma estrutura para o seu suporte. Ao contrário do exemplo da Praça de Touros de Mourão, em que as bancadas eram suportadas por muros concêntricos, neste caso foram construídos muros estruturais perpendiculares ao perímetro circunferência em que se inscreve a praça. Esses muros tinham a função de suportar uma série de arcos de volta perfeita que sustentavam os lugares de bancada. No fundo é uma solução que se assemelha à utilizada em Reguengos de Monsaraz, mas em vez de se utilizarem abóbadas, utilizaram-se vários arcos paralelos entre si.

Pelas condicionantes morfológicas do local de implantação, tanto a disposição dos curros como que a porta de entrada dos Cavaleiros não seguiram a lógica tradicional presente na maioria das Praças até então construídas. Os Curros, encontram-se no lado Sul da Praça, o que inevitavelmente obriga a que os animais entrem na arena por este lado. Já os artistas, entram pelo lado Norte. Por essa razão a tribuna dos responsáveis pela corrida de touros foi deslocada para Sul, sobre os Curros, proporcionando assim que os Cavaleiros entrassem em praça pela sua frente.

Este espaço de grande valor simbólico para a vila do Redondo, com o tempo acabou por se deteriorar, deixando de reunir condições para realização de

¹ Morais refere que a praça teria 4500 lugares, apesar de também afirmar que inicialmente teria cerca de 3600. Visto desconhecer-se que desde a sua construção até à sua reabilitação 2008-2009, pensa-se que os 3500 lugares referidos por Nunes será o que mais se aproxima da realidade.



Fig.120



Fig.121



Fig.122



Fig.124



Fig.123

Fig.120, 121, 122, 123, 124 Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo) antes das obras de reconversão



Fig.125



Fig.126



Fig.127



Fig.128

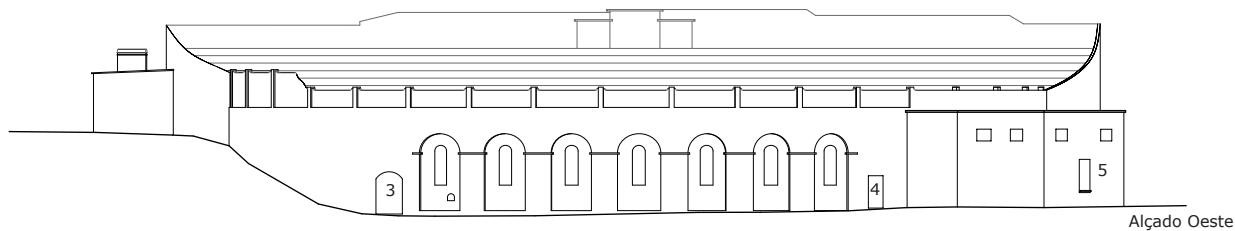
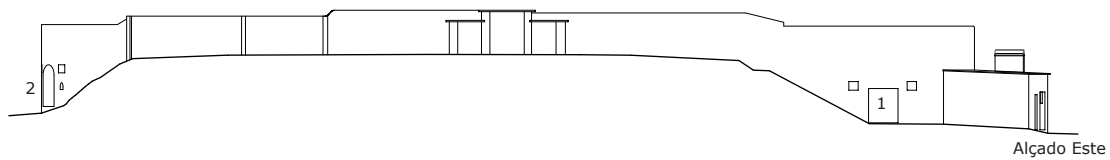
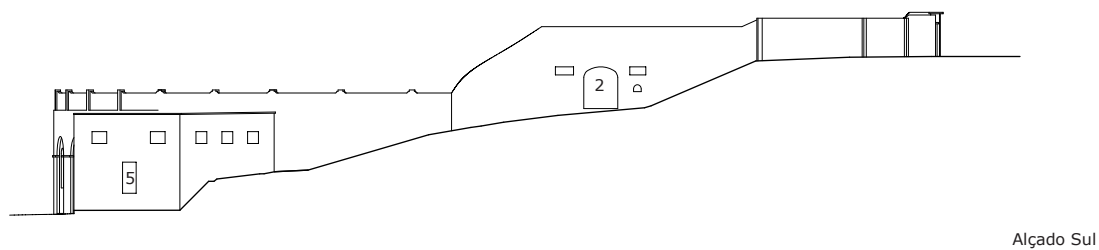
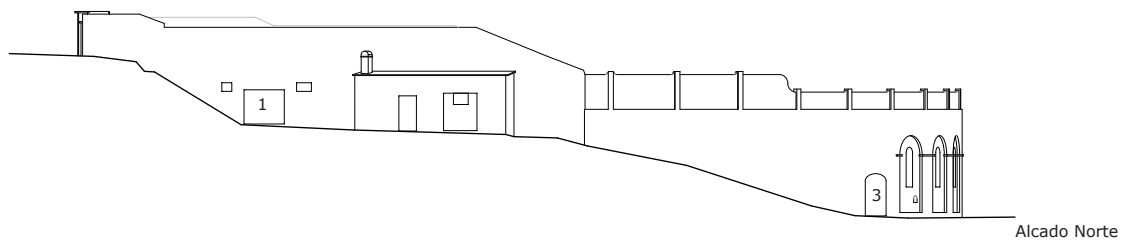


Fig.129

Fig.125, 126, 127, 128, 129 Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo) antes das obras de reconversão

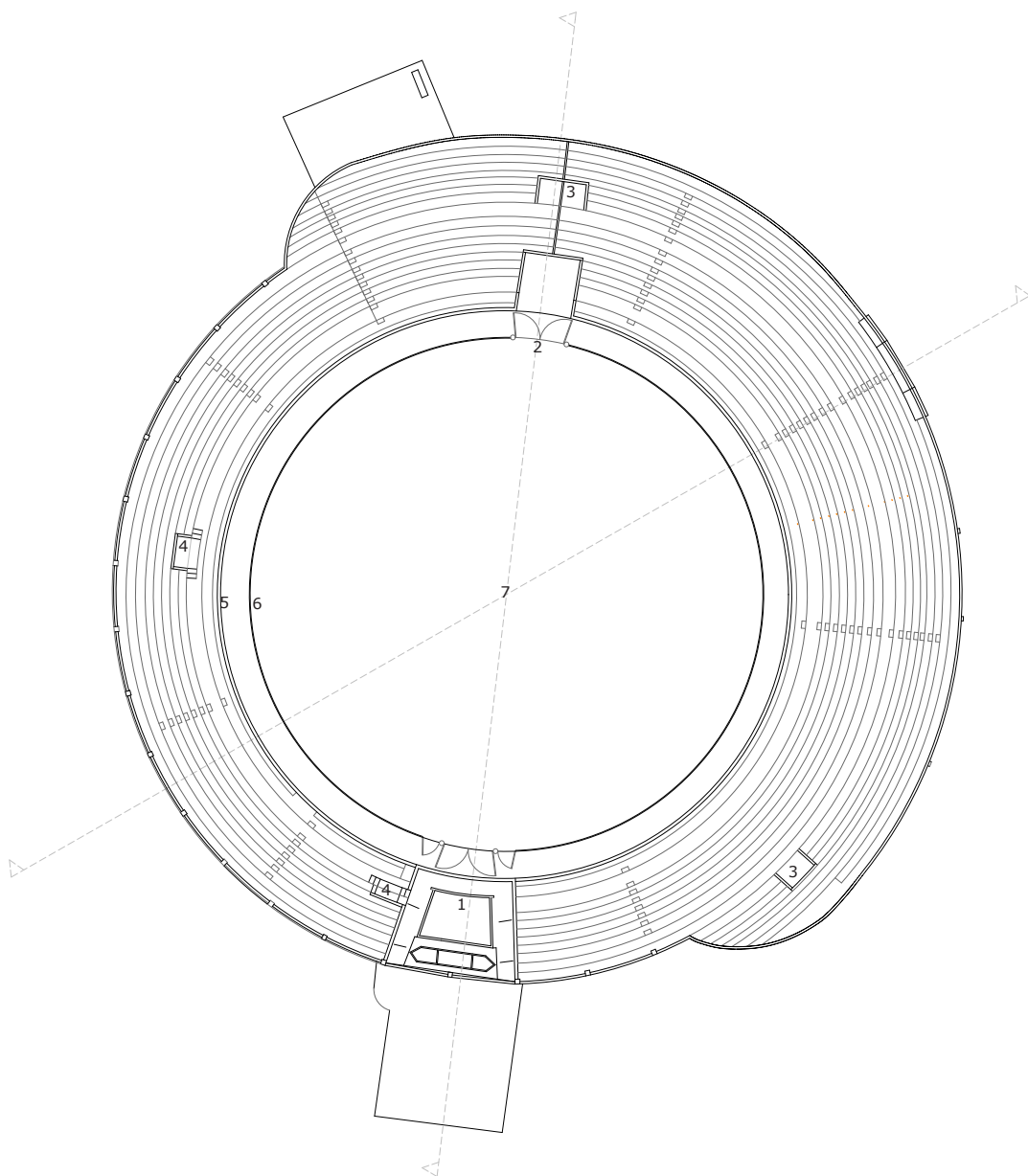
Legenda

- 1-Entrada Bancadas - Sol 1
- 2-Entrada Bancadas - Sol 2
- 3-Entrada Bancadas -Sombra 1
- 4-Entrada Bancadas -Sombra 2
- 5-Entrada Touros



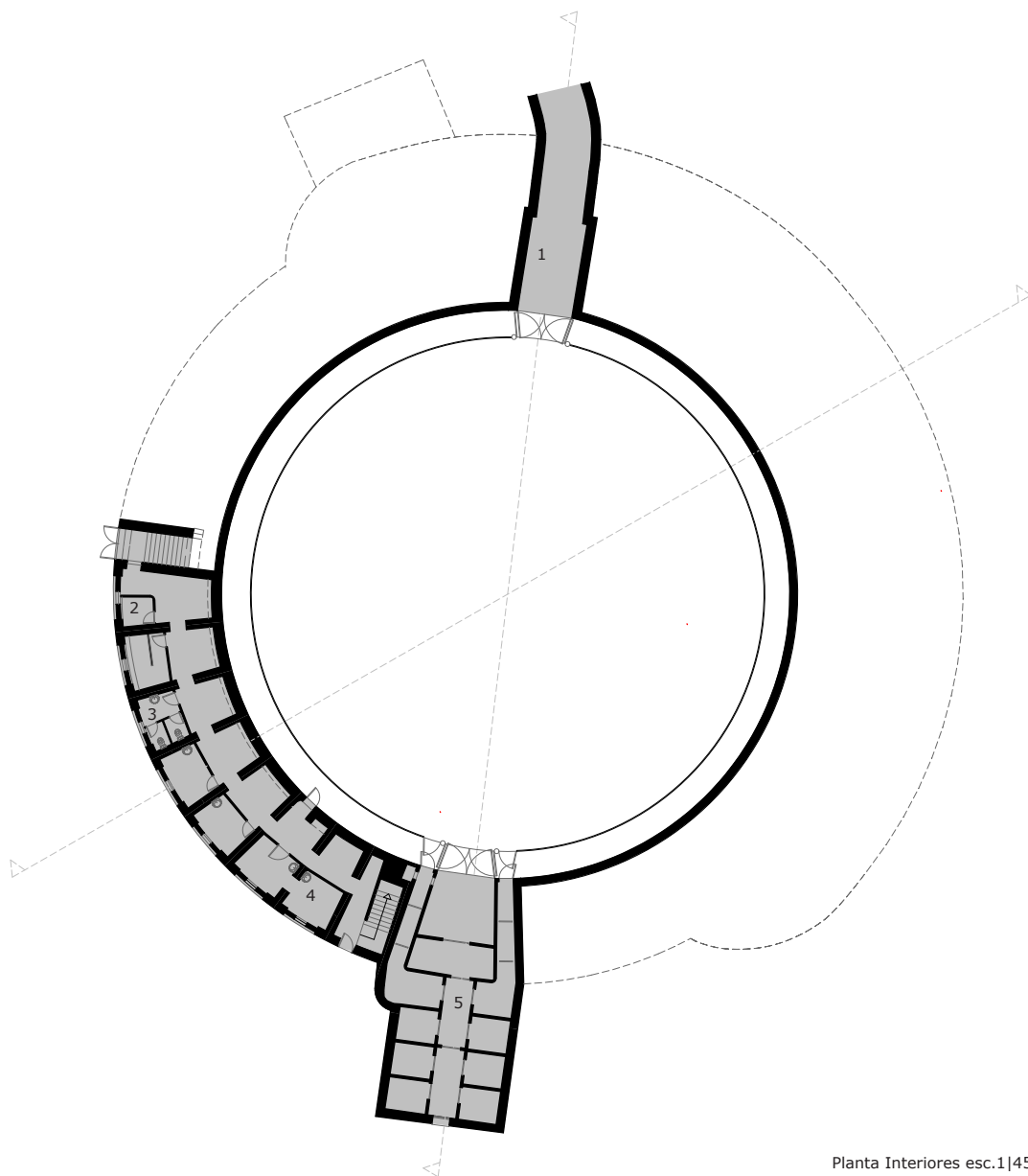
Legenda

- 1-Curros - Saída dos Touros
- 2-Porta dos artistas
- 3-Acesso às bancadas - Sol
- 4-Acesso às bancadas - Sombra
- 5-Barreira
- 6-Trincheira
- 7-Arena



Legenda

- 1-Túnel de acesso à arena
- 2-Bilheteiras
- 3-Instalações Sanitárias
- 4-Enfermaria
- 5-Curros



Planta Interiores esc.1|450



Legenda

1-Entrada Sombra

2-Tunel de acesso à arena

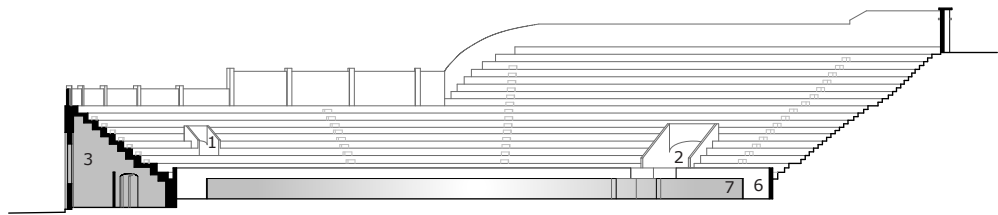
3-Arrumos

4-Curros

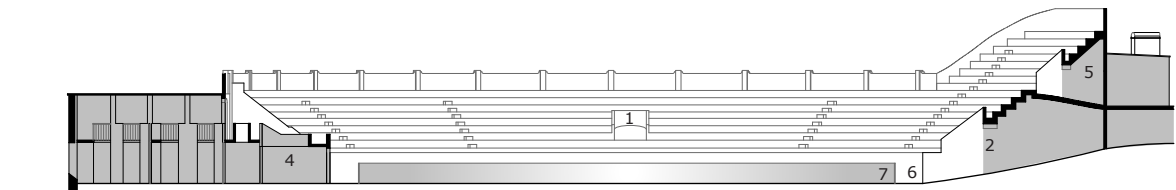
5-Acesso à bancada

6-Barreira

7-Trincheira



Corte 1 esc.1|450



Corte 2 esc.1|450



Fig.130

Fig.130 Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo)



Coliseu de Redondo

espectáculos. Então desde que as touradas passaram a ser realizadas numa praça desmontável, este recinto ficou votado ao abandono, facto que acelerou o seu estado de deterioração, deixando-o numa situação em que única hipótese de salvação seria um apoio externo à Santa Casa da Misericórdia que financia-se as obras de restauro e/ou reconversão do recinto.

Em inícios de 2008 foi estabelecido um protocolo de cedência do espaço do Tauródromo por 25 anos entre a Câmara Municipal do Redondo e a Santa Casa da Misericórdia do Redondo.

Desta forma a autarquia assegurou a revitalização do espaço e sua manutenção, tal como a rentabilização deste investimento, angariando durante 25 anos as receitas provenientes deste.

Para que uma autarquia se interesse em requalificar um espaço com estas características é necessário que este seja rentável. Para tal, não chegam duas ou três corridas de touros por ano. É necessário que seja dinâmico, polivalente e acima de tudo precisa de ser um ícone da localidade. O poder iconográfico presente em todo este tipo de intervenções, acaba por ser um instrumento de promoção não só daquele Tauródromo bem como da povoação. Por isso não é de estranhar que a incitava de alguns destes novos Multi-usos (Évora, Elvas e Redondo) tenham partido da iniciativa das Câmaras Municipais

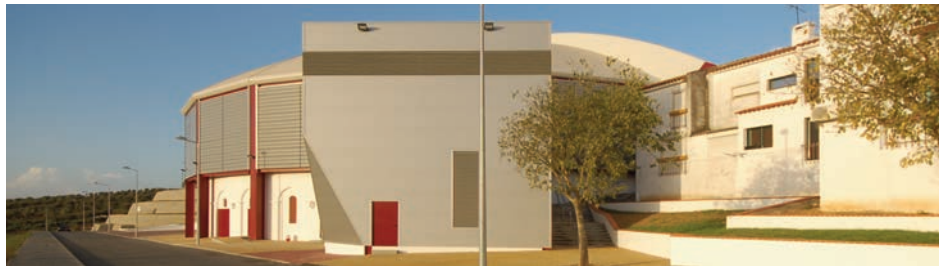
de cada uma das autarquias.

No caso de estudo, tal como nos outros exemplos atrás referidos, a principal evolução em relação às comuns Praças de Touros é a utilização de cobertura, facto por si só proporciona que se possam realizar mais espectáculos durante o ano mas que também acaba por descontextualizar toda a organização espacial do recinto, deixando as partes de Sol e Sombra de fazer sentido a não ser pela posição privilegiada aquando a entrada dos intervenientes em Praça, que neste caso também não se assemelha à estrutura tradicional da Praça de Touros.

Quanto ao tipo de intervenção que a Praça de Redondo sofreu, pode-se afirmar que se aproxima do tipo de intervenção efectuada na Praça do Campo Pequeno, visto que ambas as intervenções mantiveram e restauraram a preexistência, acrescentando uma cobertura e destacando todas as novas áreas anexas com uma linguagem arquitectónica distinta da preexistente.

Já no caso da Praça de Touros do Redondo, a estrutura de Suporte da Cobertura destaca-se da antiga Praça. Apesar da intervenção não ferir estruturalmente o Tauródromo, a sua linguagem arquitectónica redefine o carácter da Pequena Praça, dando-lhe a escala que o nome Coliseu do Redondo sugere.

Este carácter iconográfico sugerido pelo edifício é



ainda mais evidente para viajantes que se desloquem pela estrada entre Évora e o Redondo, marcando a praça, a entrada na vila.

O Coliseu de Redondo é constituído pelo conjunto entre a antiga praça e a nova estrutura. Como anteriormente referido a preexistência foi mantida, e em redor desta assentou-se uma estrutura metálica completamente interligada para o suporte da cobertura, apresentando a mesma uma estrutura mista aço-madeira. Integrados na estrutura metálica que envolve o recinto existem três volumes, Curros, Cavalariças e Bilheteiras.

Esta remodelação apesar de ter melhorado as condições da antiga Praça, reduziu os lugares de bancada para 2000. Para outro tipo de espectáculos estão previstos mais 1000 lugares de plateia, o que para espectáculos que não tauromáquicos, a capacidade do recinto será de 3000 pessoas.

Para além multiplicidade de usos que estes espaços oferecem, o conforto e segurança são duas questões que também se encontram associados a este tipo de equipamentos. Actualmente, com o número elevado de ofertas culturais como cinemas, teatros e salas de espectáculos, existentes por todo país não é de estranhar que quem vá assistir a uma Corrida de Touros reclame o conforto a que está acostumado noutro tipo de espectáculo. É aqui que estes recintos se tornam ainda mais apetecíveis para o público, visto que permitem assistir a uma Tourada com um

conforto que seria impossível nas Praças de Touros tradicionais.

Ao mesmo tempo que se criam melhores condições para o público nestes recintos, também se procura uma maior rentabilização do espaço. Esta tentativa de dinamização de um equipamento que possui uma função tão específica, como uma praça de touros, pode acarretar alguns riscos, sendo o mais evidente o da descaracterização de um edifício de grande valor histórico e arquitectónico como terá acontecido na reconversão da Praça de Touros de Évora, em que da antiga praça apenas permanece a implantação e o local das paredes exteriores do antigo recinto.

Para além do problema acima referido, existe ainda um conflito entre a hipotética versatilidade conferida ao espaço e a sua real capacidade de satisfazer as exigências de todos os tipos de eventos. Na sua génese, estes recintos são praças de touros, não salas de espectáculos, sendo que actualmente, apenas partilham entre si o facto de ter bastantes lugares sentados sob um espaço coberto. Apesar destes equipamentos, permitirem a realização de espectáculos, que não a Tourada, nunca apresentarão a mesma aptidão de uma sala de espectáculos construída com a finalidade da realização de outro tipo de eventos culturais como concertos musicais ou teatros.

Este tipo de intervenção, especialmente para uma região como o Alentejo, parece ser bastante



aliciante, principalmente para as autarquias de maior importância desta província, que com a sua construção adquirem um equipamento que supostamente satisfará as exigências culturais da população. Pelo carácter iconográfico que estes recintos apresentam, a sua construção também tem poder de publicitar a autarquia, quer pelo edifício em si, quer pelos eventos nele realizados.

No Alentejo, a necessidade da construção destes tauródromos parece ainda mais natural se tivermos em conta, que entre 1936 (Praça de Touros de Portalegre) e 2006 (Coliseu de Elvas) não terão sido construídos tauródromos que tenham sobressaído no panorama nacional. Mas a vontade de materializar nos Multiusos a importância que a tradição tauromáquica tem nesta região, parece contrastar com o carácter rural e tradicional da própria festa, correndo-se o risco de com o tempo se perder a memória, quer da tourada, quer da praça de touros.

Actualmente existem várias Praças no Alentejo que pelas suas características arquitectónicas, regionais e históricas, se sugere a sua preservação, uma vez que se apresentam como marcos fortíssimos da cultura popular regional. Consideraram-se neste grupo as praças de Sousel, Montemor-o-Novo, Azaruja, Estremoz, Arronches, Santa Eulália, Vila Viçosa, Beja, Moura, Alter do Chão, Alcácer do Sal, Mourão, Reguengos de Monsaraz, Nisa, Santo

António das Areias, Montalvão e Portalegre. Apesar de neste grupo existirem recintos que actualmente se encontram impedidos de realizar espectáculos (ex. Azaruja e Estremoz), outros há que se encontram em bastante boas condições (ex. Alcacer do Sal, Mourão, Montemor-o-Novo e Reguengos), sendo importante a sua preservação como tauródromos, evitando a degradação do espaço e adaptando-o às novas exigências do espectáculo.

A preservação destes recintos apenas poderá ser assegurada com apoio do estado, não apenas através de apoios monetários, mas principalmente através da consideração destes recintos, ou parte deles, património a preservar. Para que esse apoio surja, primeiramente é necessário que a Tourada seja encarada pelo estado como uma forma de expressão da tradição cultural portuguesa. Recentemente com a constituição do Conselho Nacional de Cultura¹, foi integrada a secção da tauromaquia, o que por si só demonstra uma viragem na forma como o estado encara este espectáculo.

Actualmente, encontramos-nos num ponto de viragem na forma como encaramos a tauromaquia no panorama cultural português, sendo que se torna urgente assegurar o futuro e autenticidade deste espectáculo, bem como que procurar soluções que permitam a preservação das praças de touros.

1 O Conselho Nacional da Cultura foi criado em 29 de Março de 2007 mas apenas terá sido activado em 8 de Fevereiro de 2010. Este é o órgão consultivo do Ministério da Cultura e dos seus organismos e serviços.



Legenda

1-Entrada

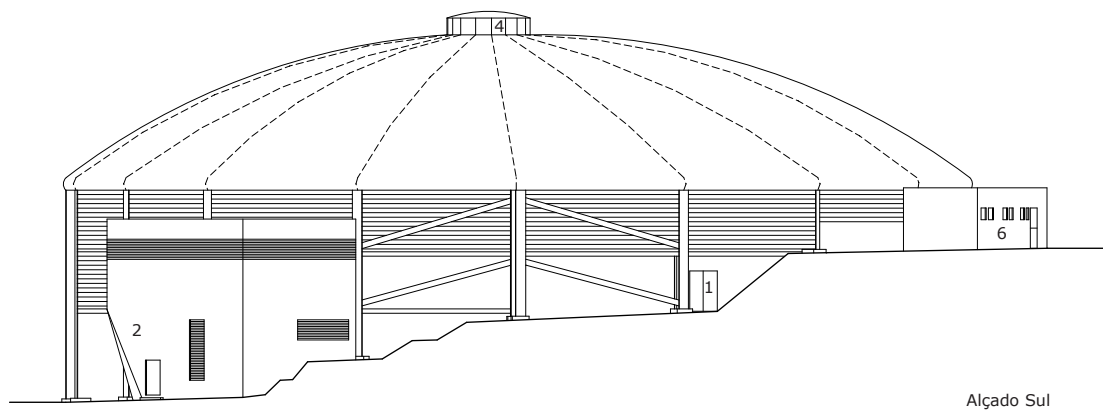
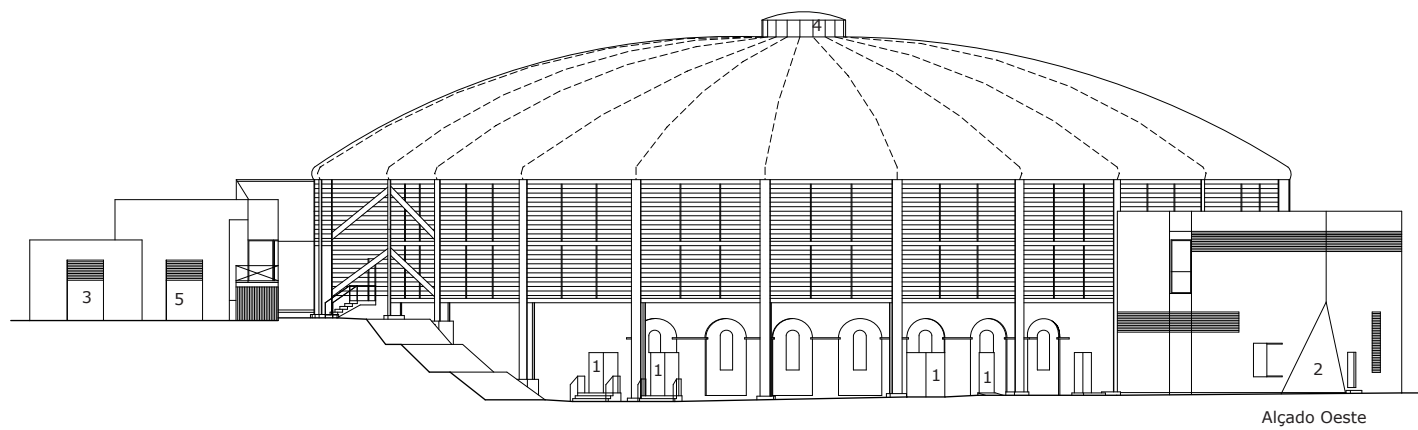
2-Curros

3-Cavalariças

4-Lanternim

5-Arrumos

6-Bilheteiras



Legenda

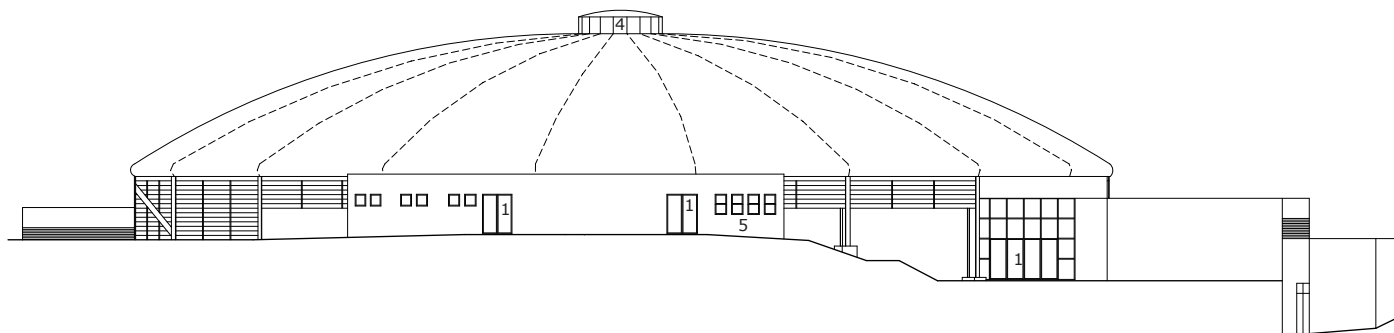
1-Entrada

2-Entrada Cavalos

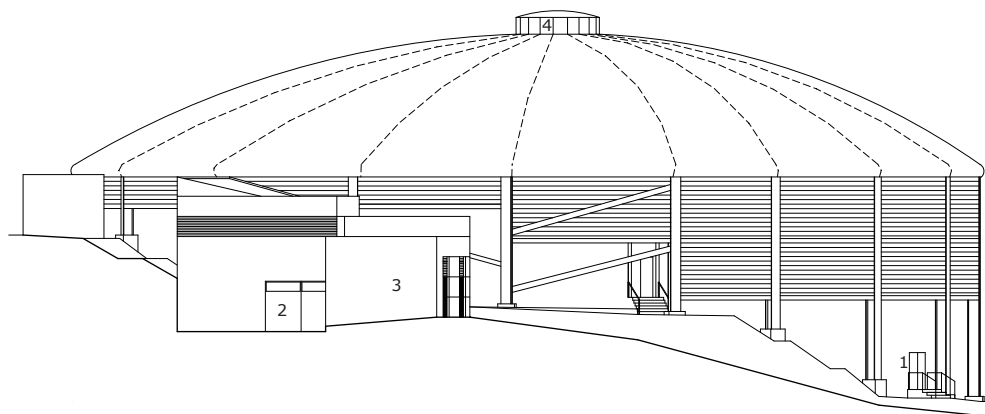
3-Cavalariças

4-Lanternim

5-Bilheteiras



Alçado Este



Alçado Norte

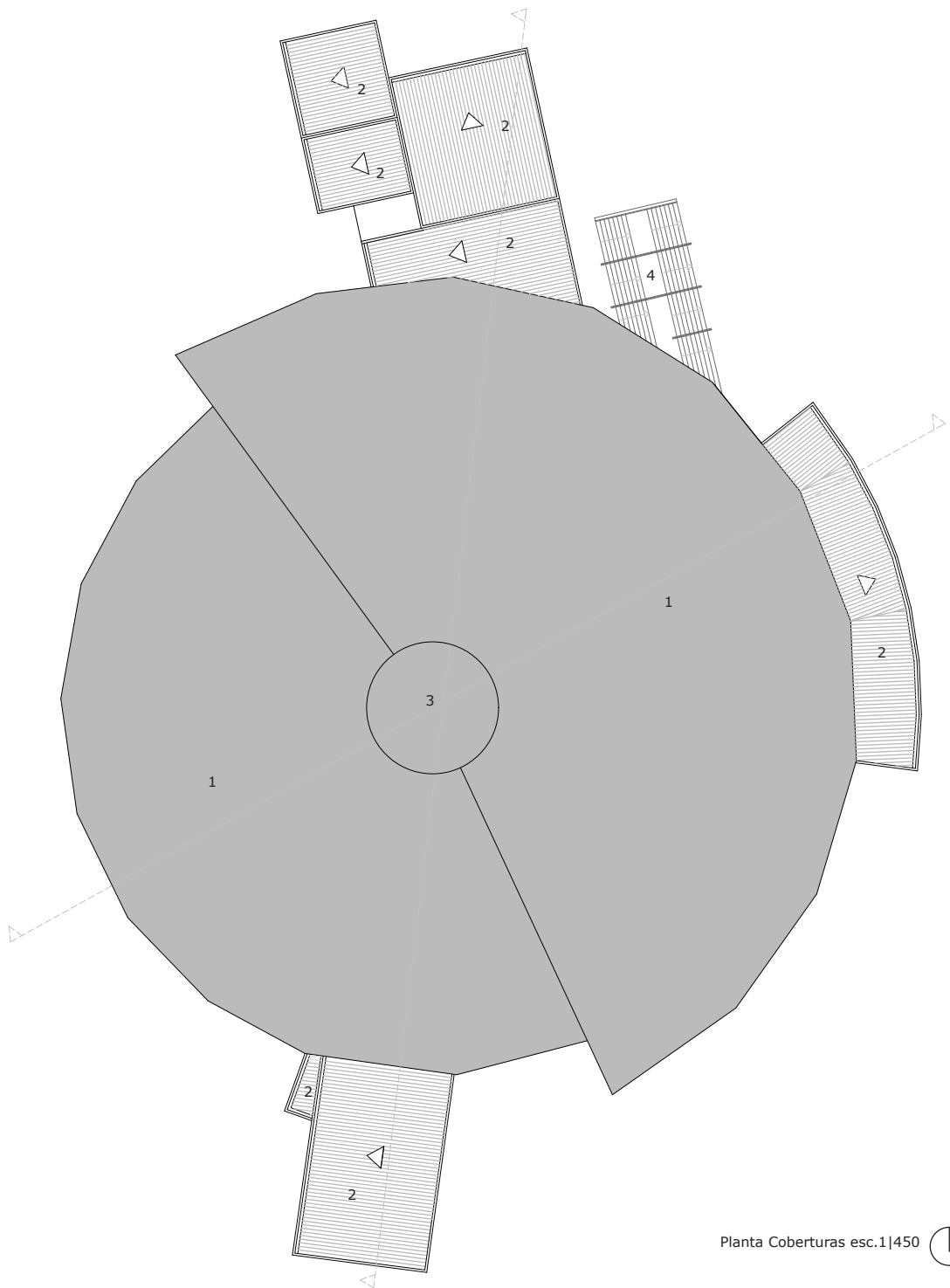
Legenda

1-Cobertura revestida por membrana sintética de PVC

2-Cobertura metálica

3-Lanternim

4-Acessos



Legenda

1-Arena

2-Trincheira

3-Barreira

4-Porta Touros

5-Porta Cavalos

6-Instalações Sanitárias

7-Bar

8-Regie

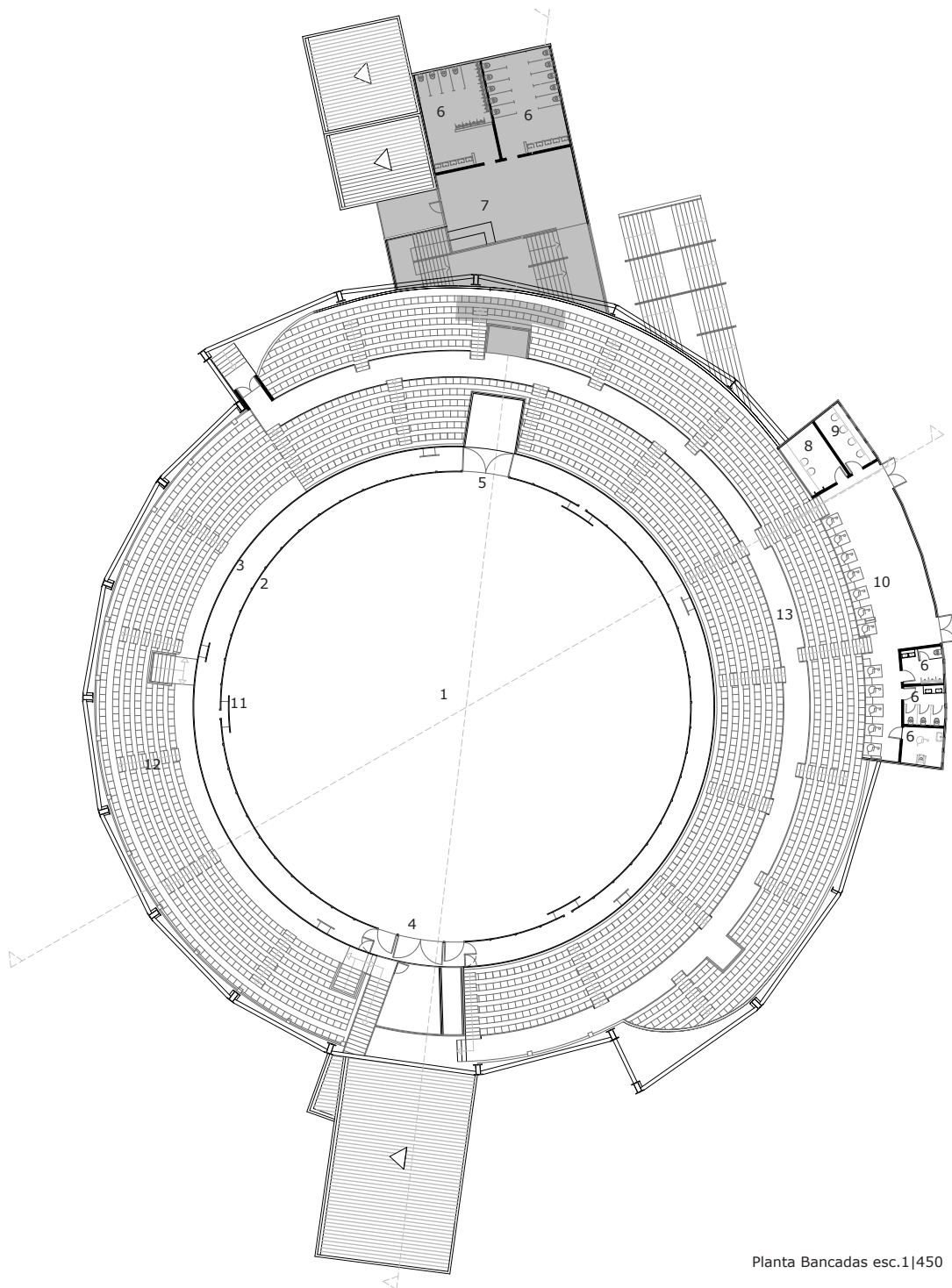
9-Bilheteiras

10-Lugares para pessoas com mobilidade condicionada

11-Burladeros

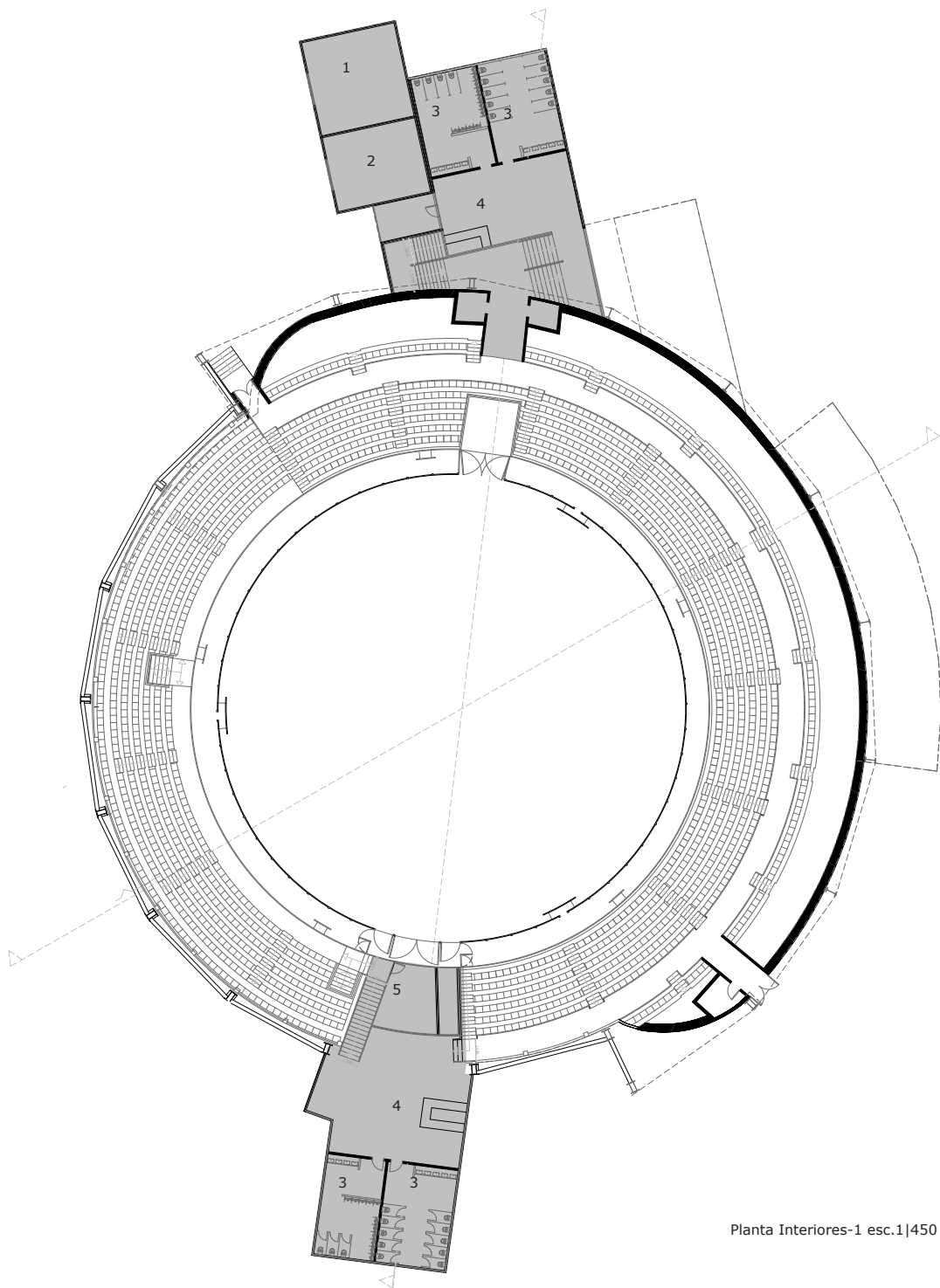
12-Lugares 'Sombra'

13-Lugares 'Sol'



Legenda

- 1-Cavalariças
- 2-Arrumos
- 3-Instalações Sanitárias
- 4-Bar
- 5-Tribuna



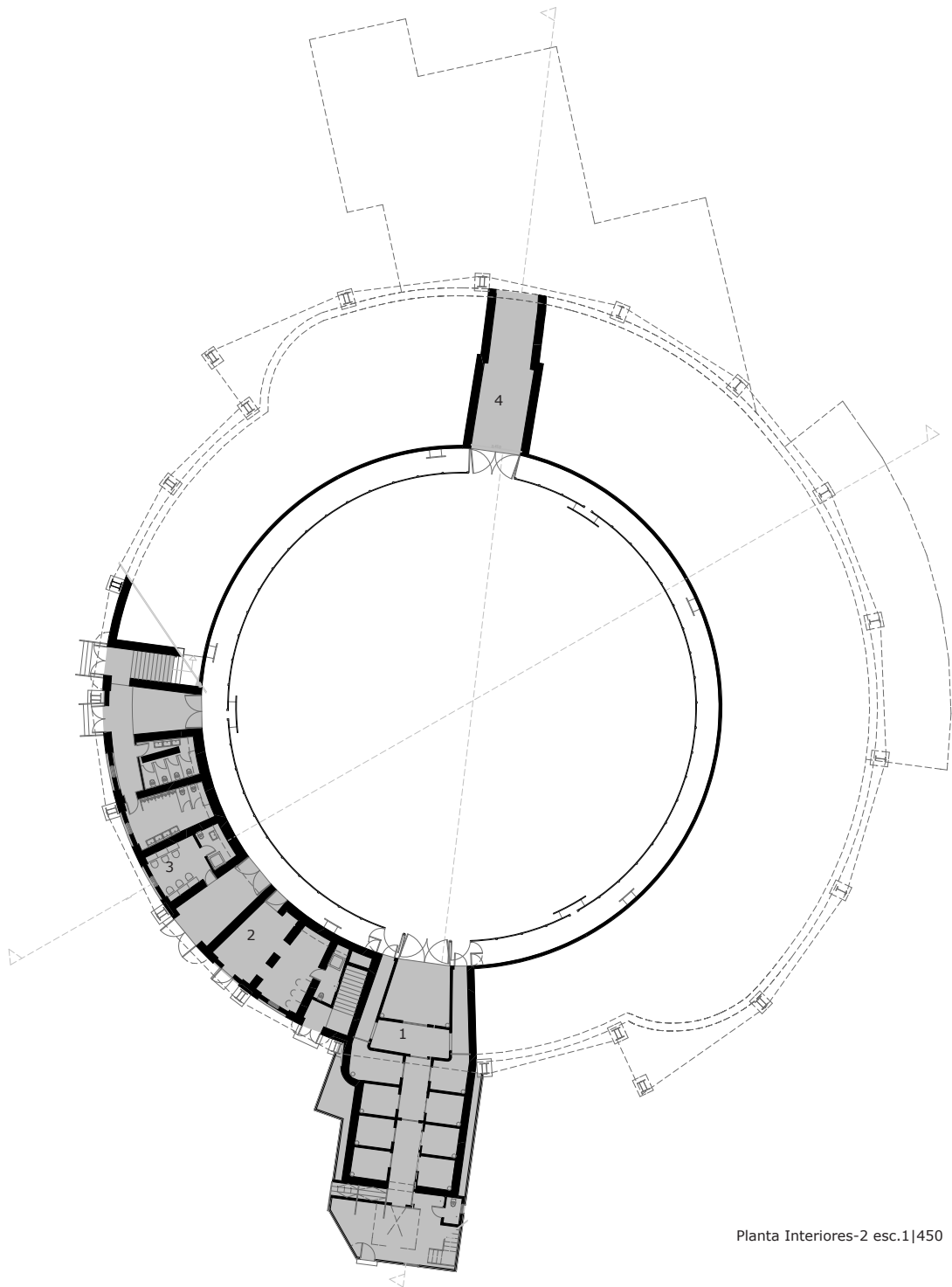
Legenda

1-Curros

2-Enfermaria

3-Camarins

4-Corredor de acesso à arena - Porta dos Cavalos



Legenda

1-Trincheira

2-Barreira

3-Curros

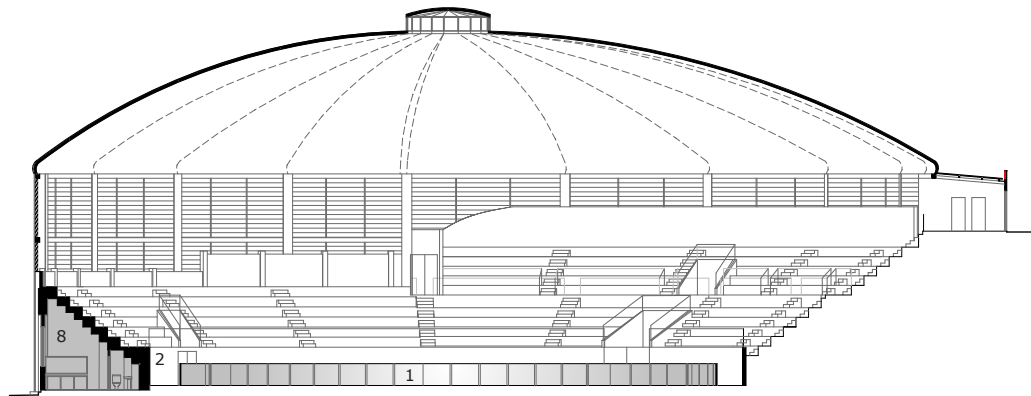
4-Bar

5-Tribuna

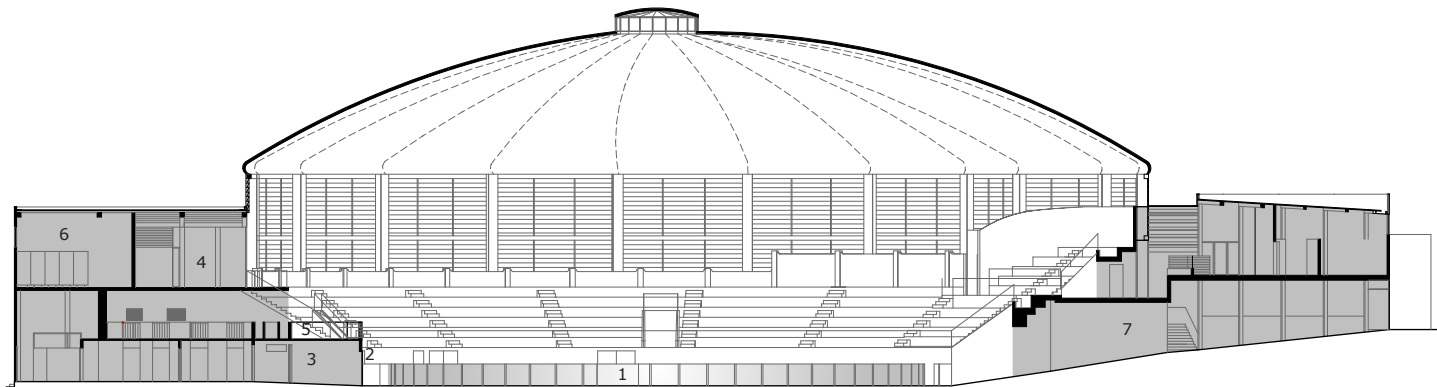
6-Instalações Sanitárias

7-Corredor de acesso à arena - Porta dos Cavalos

8-Camarins



Corte 1



Corte 2



Arena de Évora-2007



Coliseu José Rondão de Almeida(Elvas)-1918

Conclusão

Conclusão

O Touro esteve presente no imaginário do Homem desde a pré-história, influenciando várias civilizações do mundo antigo. Mas foi na Península Ibérica, que o combate entre o Touro e o Homem se enraizou na cultura das gentes, originando por meio de várias evoluções o que hoje conhecemos como Tourada. Essa prática genuinamente Ibérica chegou até nós como uma das poucas reminiscências dos torneios e tradição cavaleiresca da idade média. Apesar da lenta evolução que o Toureio sofreu ao longo dos anos, foi apenas a partir do século XIX que esta prática se começou a assemelhar ao que actualmente se pratica, quer em Portugal, quer em Espanha. Com a profissionalização do toureio, todo o espectáculo, como todas as actividades em torno da tauromaquia sofreram um grande desenvolvimento.

As características do Touro Bravo foram gradualmente apuradas, originando o que hoje é chamado de Touro de Lide. Esta espécie actualmente existe quase exclusivamente para fins tauromáquicos, apesar deste animal ser criado livremente em campo aberto, quase sem contacto com o Homem, a sua evolução foi condicionada pelas ganadarias, que moldaram os espécimes, criando castas que se adaptaram às exigências do toureio moderno. Com o passar do tempo, o

Tauródromo também se adaptou aos novos requisitos exigidos pelo público, toureio e organização. Essa necessidade obrigou a que se construíssem recintos fechados de forma a controlar o público. A arena tornou-se redonda como nos circos romanos, facilitando a lide, mas a principal evolução terá estado na mudança de método construtivo, substituindo-se as praças de madeira por recintos em alvenaria, que nalguns casos perduraram até aos dias de hoje.

A Tourada subsistiu até à actualidade, apesar da polémica constante que a realização deste espectáculo levantou, afirmando-se como um marco claro na cultura popular Portuguesa e Ibérica. O apreço da população portuguesa pela tauromaquia, que outrora se estendeu por todo o país, está hoje praticamente circunscrito à região Sul do país.

Corroborando este facto tem-se a análise do número de espectáculos efectuados no ano de 2008, do número de ganadarias existentes em 2006 e do número das praças existentes bem como as que já terão desaparecido. Esta análise permitiu confirmar que é no Alentejo, Ribatejo e Estremadura que o gosto pela tauromaquia é mais patente. Este facto parece estar relacionado com a dispersão geográfica das ganadarias bravas, coincidindo as zonas onde

actualmente se cria o gado com as regiões onde se realizam maior número de espectáculos e onde existe maior número de recintos. Este estudo também confirmou que o Alentejo para além de apresentar uma das maiores concentrações de tauródromos da península ibérica, conta com um elevado número de recintos que apesar de apresentarem uma relevância pouco expressiva no panorama tauromáquico português, são pela sua antiguidade e características arquitectónicas, edifícios que encerram parte da memória cultural e tradição das gentes desta região do país. Também se concluiu que entre 1936 e 2006 não terão sido construídas nesta região, praças de touros com relevância nacional, apesar de terem sido construídos vários tauródromos de pequena dimensão. Com esta análise, e como forma de melhor entender o fenómeno da dispersão dos tauródromos pelo país, surgiu a necessidade de classificar as Praças de Touros existentes em Portugal por diferentes tipologias. Foram então criadas as seguintes categorias, Redonda, Ortogonal, Betão, Viga-Pilar e Multiusos.

Concluiu-se após se ter estipulado as tipologias dos tauródromos portugueses, que no Alentejo prevalecem as praças de touros do tipo Redondo e Viga-Pilar. Grupos com características semelhantes

no que toca à sua simplicidade e pragmatismo, mas que diferem no valor estético, histórico e cultural que apresentam. Apesar de em menor número, os tauródromos do tipo Ortogonal apresentam um peso considerável nesta região dada a sua importância a nível nacional. Esta importância regional só foi igualada pelos novos Multiusos, que apesar de em pequeno número, pela sua súbita aparição no panorama alentejano sugerem que não serão os últimos a ser construídos nesta região. Esta modernização dos recintos que actualmente se tem verificado, poderá ter como consequência a adulteração ou até mesmo o desaparecimento de alguns recintos com um grande valor histórico, cultural e arquitectónico. Torna-se importante salvaguardar este tipo de património, quer seja pelo facto de se encontrar ao abandono, ou em risco de ser substituído por um moderno Multiusos. Tauródromos como os encontrados em Sousel, Montemor-o-Novo, Azaruja, Estremoz, Arronches, Santa Eulália, Vila Viçosa, Beja, Moura, Alter do Chão, Alcácer do Sal, Mourão, Reguengos de Monsaraz, Nisa, Santo António das Areias, Montalvão e Portalegre, fazem parte da nossa cultura, sendo marcos da nossa identidade. A iniciativa da preservação destes espaços terá que partir do estado, embora a sociedade civil e mesmo Ordens Profissionais possam actuar no sentido de

possibilitar essa mesma preservação. Esta intervenção do estado não deverá exprimir-se apenas através de apoios monetários à conservação e adaptação às exigências do espectáculo, mas principalmente através da criação de um regulamento que salvguarde estes equipamentos de intervenções que os descaracterizem. Há que ter em conta que por se possuir uma série de lugares sob um espaço coberto não significa que esse espaço seja uma boa sala de espectáculos. Há portanto que repensar a identidade do espaço de forma a que não se construam praças de touros mascaradas de sala de espectáculos ou pavilhão poli-desportivo, nos quais esporadicamente possam decorrer espectáculos taurinos.

Nesta problemática foi recentemente activado o Conselho Nacional de Cultura do Ministério da Cultura criando uma secção para a tauromaquia, demonstrando assim o reconhecimento da tauromaquia como forma de expressão cultural portuguesa, demonstrando um início de uma mudança de atitude perante esta tradição cultural.

Este trabalho procurou mostrar a influencia que a tauromaquia apresenta no nosso país, de forma a se perceber qual a verdadeira importância da Praça de Touros e a importância da arquitectura como forma

maior da expressão construída, de uma tipologia pouco estudada mas que apresenta elementos de resistência espaciais, urbanos e sociais que importam salvguardar e reinterpretar.

De igual modo este trabalho procura servir de base a futuros estudos sobre o tema, constituindo-se eventualmente como o mais completo até agora, contribuindo também para a realização de historia da arquitectura portuguesa dentro de uma tipologia pouco estudada.

Glossário

Aficionado - pessoa que aprecia certos espectáculos, nomeadamente corridas de touros

Arena - recinto circular onde se correm touros

Balcão - varanda, plataforma saliente, à frente dos camarotes, sobre a bancada

Barreira - Muro que separa a bancada da arena

Bezerro - cria da vaca, macho, com menos de um ano

Boi - nome vulgar de várias raças domésticas de um ruminante (macho adulto, castrado), da família dos Bovídeos, ainda muito utilizado em trabalhos agrícolas pesados, na carga e na alimentação;

Burladero - Esconderijo encostado à trincheira que serve para a protecção dos intervenientes na corrida de tourada

Cabresto - boi que serve de guia aos touros

Camarote - compartimento na praça, sobranceiro à bancada, de onde os espectadores podem assistir à corrida de touros

Campino - guardador de touros; pastor

Casta - grupo de indivíduos (animais ou vegetais) que, por alguns caracteres, se distinguem de outros da mesma espécie e podem constituir uma raça ou variedade

Cartel - anúncio, cartaz

Cavalaria - conjunto de cavaleiros; força militar composta por soldados a cavalo

Cortesias - saudações ao público feitas pelos lidadores de touros, antes e depois das corridas

Coudelaria - exploração onde se criam cavalos

Curral - recinto onde se recolhe o gado

Curros - lugar onde se guardam os touros, na praça, antes e depois de serem lidados

Equitação - arte de andar a cavalo

Ferra - marcação do gado com ferro em brasa

Ferro - instrumento que, em brasa, serve para marcar o gado

Forcado - utensílio agrícola formado por uma haste de madeira rematada por dois ou mais dentes da mesma madeira ou de ferro; cada um dos indivíduos que, nas touradas, pegam o touro após este ter sido lidado pelo toureiro

Galeria - Continuação dos camarotes, mas na parte da praça que se encontra ao Sol, sem divisões e em alguns casos sem lugares sentados

Ganadaria - exploração onde se criam touros de lide

Garraio - touro novo que ainda não foi corrido

Lide - duelo, toureio

Manada - rebanho de gado graúdo, especialmente bovino

Palanque - estrado de madeira, com degraus, para instalar espectadores em festas ao ar livre

Rês - qualquer quadrúpede cuja carne serve para alimento do homem

Semental - diz-se do animal destinado à reprodução

Sinal - Corte na orelha

Tenta - lide especial para observação da bravura de novilhos ou novilhas, pouco tempo depois da ferra

Tauródromo - praça de touros

Toureio - acto ou efeito de tourear

Toureiro - aquele que tem a profissão de lidar touros

Torneio - festa guerreira em que se combatia a cavalo com armas embotadas

Tourada - espectáculo, em terreno cercado, no qual se enfrenta e procura dominar um touro bravo; corrida de touros

Touro - animal bovino, do sexo masculino, adulto e não castrado; toiro

Tribuna - lugar alto e reservado a pessoas privilegiadas

Trincheira - muro ou tapume que circunda a arena de uma praça de touros

Vaca - mamífero ruminante do sexo feminino, pertencente à família dos Bovídeos

Vacada - manada de vacas

Vitelo - bovino com alguns meses de idade

BiBliografia

Aguiar, Mário de; *touros, toureiro e toureio* , Agência Portuguesa de Revistas, 1967

Almeida, Jayme Duarte de; *História da Tauromaquia*, 1953

Andrade, Ferreira de; Três touradas no Terreiro do Paço em 1777. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1947

Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991

Aranha, João; Tauromaquias: um olhar diferente sobre a festa de toiros em Portugal. Lisboa: Inspeção-Geral das Actividades Culturais, Ministério da Cultura, D.L. 2005

Araújo, Norberto de; Fado da Mouraria, Lisboa: Francisco Franco, 1931

Araújo, Norberto de; Inventário de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal, 1939

Associação Arquitectos Portugueses, ed; *Arquitectura popular em Portugal*, Publicações Alfa, 1986

Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962

Bunzel-Druke, Margret; *Ecological Substitutes for Wild Horse and Aurochs*; WWF Large Herbivore Initiative, 2001

Campo Bravo, nº3, 1997

Câncio, Francisco; *Ribatejo, casos e tradições*, Junta de Província do Ribatejo, 1948

Castilho, Júlio de; Lisboa antiga: Bairros orientais 2ª ed. Lisboa: Câmara Municipal, 1934-1938

Castilho, Júlio de; Lisboa antiga: o Bairro Alto, 2a ed. Lisboa: Antiga Casa Bertrand-José Bastos, 1902-1904.

Correia, António Mendes, dir.; Grande Enciclopédia portuguesa e brasileira, Editorial Enciclopédia, 1978

Cossio, José Maria de; Los toros: tratado técnico e histórico. Madrid: Espasa-Calpe 1943-1961

Cunha, Manuel Peralta Godinho e; *Praças de toiros de Santarém* - Actuações dos grupos de forcados no sec. XX, 2000

Diário do Sul, 28 Abril 2009

El Ruedo, semanario grafico de los toros, nº EXTRA, 29 Agostos 1972

Eusbio, Joaquim; Pombal, *oito séculos de História*, Câmara Municipal de Pombal

Évora, Câmara Municipal, *Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora*, Évora: Câmara Municipal, 2001

França, José-Augusto; Lisboa e a Arquitectura dos anos 30 e 40, Revista municipal N.º 138/139. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939

França, José-Augusto; A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina, 2a ed. Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1981

França, José-Augusto; Lisboa : urbanismo e arquitectura, 1a ed. Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.

Franco, Alberto; Campo Pequeno : crónica da Monumental de Lisboa. Lisboa: Artemágica, 2008

Franco, Norberto; O porquê de Barrancos : a cultura, a história, os touros, o direito. Amareleja: Franco, 2000

Gasset, José Ortega y; Sobre a caça e os touros : ensaio. Cotovia, 1989

Guanfu, Zong; *A record of Bos Primigenius from the quaternary of Aba Tibetan, Autonomous Region*; Institute of Vertebrate Paleontology, Paleontropology, Academia Sinica, 1991

Hemingway, Ernest; *Fiesta: The Sun Also Rises*, Arrow Books, 2004

Ibañez, Blasco; Touros de morte, 3a ed. Lisboa: Bertrand, 194?

IGAC, www.igac.pt

Izquierdo, Francisco López, *Plazas Mayores y de Toros*, Egartorre, S.L., 1992

Jimenez, Manuel Vela, *Eh! Toiro!...*, Fomento de Publicações, Lda.

Jorge, Filipe; Lisboa vista do céu, 1ª ed. Lisboa: Argumentum, 1994

La Revista del mundo, nº1, 8 Outubro de 1984

Lancastre, Manuel de; *O Puro Sangue Lusitano*, Chaves Ferreira - Publicações, 2000

Lisboa Quinhentista : a imagem e a vida da cidade. Lisboa: Câmara Municipal. Dir. dos Serviços Culturais, 1983

Lucas, A. Vasco; *Ganadarias Portuguesas 2006*, Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, 2006

Luiz, Pepe; *Fado, Mulheres e toiros*. Lisboa: Livraria Popular, 1945

Machado, José Pedro, coord.; *Grande dicionário da língua Portuguesa*, Publicações Alfa, 1991

Maeso, Luis Pinto, *Plazas de Toros de España*, PIMAS, 1981

Marques, Fernando, *O Distrito de Setúbal Taurino/95*, Setubalgráfica - Artes Gráficas, Lda., 1995

Marques, Gentil, dir.; *Jornal Festa*, 1955-1957

Maqueda, A. Martin; *Sabe ver uma corrida de Touros?*, Porto Editora, Lda, 1956

Marques, S., dir.; *O toureiro*, 1876-1891

Metalica, nº19, Associação Portuguesa de Construção Metálica e Mista, 2009

Morais, António Manuel; *A Praça de Toiros de Lisboa: (Campo Pequeno)*, Fnac, 1992

Morais, António Manuel; *Fado e Tauromaquia no sec. XIX*, Hungin Editores, 2003

Moreiro, José Maria; *Historia, cultura y memoria del arte de torear*, Alianza Editorial, 1994

Neves, Marina Alexandra Rodrigues, *Abrir praça : a arquitectura das praças de touros em Portugal*, Estudo Geral - Universidade de Coimbra, 2009

Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992

Novo Burladero, Informação e critica de toiros, nº6, Stembro de 1981

Noronha, Eduardo; História das toiradas, dir. artística de Roque Gameiro, Lisboa : Secção Editorial da Companhia Nacional, 1900.

Oliveira, J. Nunes; *Praças de Touros em Portugal*, 1997

Osório, António; *Ofício dos touros*. Lisboa : Imprensa Nac.-Casa da Moeda, 1991

Pordata, www.pordata.pt

Queirós, Eça de; *Os Maias*, Edição Livros do Brasil

Revista Única, Expresso, 22 Agosto 2009

Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo; *Panorama* nº25 e 26, 1945

Unión de Plazas de Toros Históricas; *Plazas de Toros Históricas de España*. 2007

Van Vuure, T.; *History, morphology and ecology of the aurochs (Bos Primigenius)*, 2003

Sol y Sombra, semanraio taurino ilustrado, nº134, 2 Novembro 1899

Silva, Raquel Henriques da; *Colecção José-Augusto França*, 1a ed. Lisboa, 1997

Teixeira, Fernando; *O touro e o destino : morte e ressurreição a las cinco en punto de la tarde*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova, 1994.

Teixeira, Fernando; *Touros em Portugal*, Correios de Portugal, 1993

Tourada, anuário de tauromaquia e divulgação do Alentejo, Nº 2, 2009

Índice de Figuras

Fig.1 *Sol y Sombra, semanraio taurino ilustrado*, nº134, 2 Novembro 1899, pp.1 e 2

Fig.2 Marques, S., dir.; *O toureiro nº 37*, 1877

Fig.3 *Sol y Sombra, semanraio taurino ilustrado*, nº134, 2 Novembro 1899

Fig.4 Marques, Gentil, dir.; *Jornal Festa nº2*, 7 Abril 1955

Fig.5 Marques, Gentil, dir.; *Jornal Festa nº103*, 28 Abril 1957

Fig.6 Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo; *Panorama nº25 e 26*, 1945

Fig.7 *El Ruedo, semanario grafico de los toros*, nº EXTRA, 29 Agostos 1972

Fig.8 Aguiar, Mário de; *touros, toureiro e toureiro*, Agência Portuguesa de Revistas, 1967

Fig.9 *Novo Burladero, Informação e critica de toiros*, nº6, Stembro de 1981

Fig.10 *El Ruedo, semanario grafico de los toros*, nº EXTRA, 29 Agostos 1972, (sem numeração)

Fig.11 Van Vuure, T.; *History, morphology and ecology of the aurochs (Bos Primigenius)*, 2003, p.14

Fig.12 Carlos Relvas, fot.; Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.33

Fig.13 Robert Vavra, fot.; Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.72

Fig.14 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.78

Fig.15 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.108

Fig.16 Carlos Relvas, fot.; Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.33

Fig.17 Montagem feita a partir do livro de Lucas, A. Vasco; *Ganadarias Portuguesas 2006*, Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, 2006

Fig.18 Montagem feita a partir do livro de Lucas, A. Vasco; *Ganadarias Portuguesas 2006*, Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, 2006

Fig.19 Montagem feita a partir do livro de Lucas, A. Vasco; *Ganadarias Portuguesas 2006*, Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, 2006

Fig.20 Maqueda, A. Martin; *Sabe ver uma corrida de Touros?*, Porto Editora, Lda, 1956, p.47

Fig.21 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.7

Fig.22 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.15

Fig.23 http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2c/Human_headed_winged_bull_facing.jpg

Fig.24 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.15

Fig.25 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.39

Fig.26 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.40

Fig.27 Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo; *Panorama* nº25 e 26, 1945

Fig.28 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.39

Fig.29 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.34

Fig.30 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.35

Fig.31 Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo; *Panorama* nº25 e 26, 1945

Fig.32 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.40

Fig.33 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo,

1992, p.26

Fig.34 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.26

Fig.35-58 Marques, Gentil, dir.; *Jornal Festa*, 1955-1957

Fig.59 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, p.93

Fig.60 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.37

Fig.61 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.135

Fig.62 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.96

Fig.63 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.97

Fig.64 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, pp.46 e 47

Fig.65 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, pp.54 e 55

Fig.66 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, p.64

Fig.67 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, p.67

Fig.68 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, p.70

Fig.69 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, p.81

Fig.70 Barreto, Mascarenhas; *Touros em Portugal*, Editorial Aster, 1962, p.73

Fig.71 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.63

Fig.72 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.69

Fig.73 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.69

Fig.74 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, p.69

Fig.75 Andrade, Fernando Sommer de; *O toureio equestre em Portugal*, Quetzal Editores, 1991, pp.77, 78, 79

Fig.76 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.118

Fig.77 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.22

Fig.78 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.21

Fig.79 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.19

Fig.80 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.20

Fig.81 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.23

Fig.82 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.24

Fig.83 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.25

Fig.84 Estúdio Mário Novais, fot; *Panorâmica de Lisboa tirada do largo de Nossa Senhora do Monte para o largo do hospital do Desterro e Campo de Santana*; Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Fotográfico
<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>

Fig.85 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.120

Fig.86 Carlos Relvas, fot; Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.43

Fig.87 Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.44

Fig.88 http://wikimapia.org/p/00/00/59/80/15_big.jpg

Fig.89 Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Fotográfico <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>

Fig.90 Carlos Relvas, fot; Neves, Francisco Palha Botelho; *O toiro de lide em Portugal*; Edições INAPA; Coleção Portugal Vivo, 1992, p.23

Fig.91 Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Fotográfico <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>

Fig.92 Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Fotográfico <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>

Fig.93 Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Fotográfico <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>

Fig.94 Arquivo Municipal de Lisboa-Arquivo Fotográfico <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>

Fig.95 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.96 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.97 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.98 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.99 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.100 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.101 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.102 <http://www.bing.com/maps/>

Fig.103 Oliveira, J. Nunes; Praças de Touros em Portugal, 1997

Fig.104 Oliveira, J. Nunes; Praças de Touros em Portugal, 1997

Fig.105 Oliveira, J. Nunes; Praças de Touros em Portugal, 1997

Fig.106 Oliveira, J. Nunes; Praças de Touros em Portugal, 1997

Fig.107 Cipro/Atelier 2; *Projecto de Legalização*, Câmara Municipal de Évora, 1984

Fig.108 Cipro/Atelier 2; *Projecto de Legalização*, Câmara Municipal de Évora, 1984

Fig.109 Montagem (Cipro/Atelier 2; *Projecto de Legalização*, Câmara Municipal de Évora, 1984) e (Arq. Ana Santos Serôdio; *Projecto de Alterações*, Câmara Municipal de Évora)

Fig.110 Cipro/Atelier 2; *Projecto de Legalização*, Câmara Municipal de Évora, 1984

Fig.111 Montagem (Cipro/Atelier 2; *Projecto de Legalização*, Câmara Municipal de Évora, 1984) e (Arq. Ana Santos Serôdio; *Projecto de Alterações*, Câmara Municipal de Évora)

Fig.112 Cipro/Atelier 2; *Projecto de Legalização*, Câmara Municipal de Évora, 1984

Fig.113 Montagem (Cipro/Atelier 2; *Projecto de Legalização*, Câmara Municipal de Évora, 1984) e (Arq. Ana Santos Serôdio; *Projecto de Alterações*, Câmara Municipal de Évora)

Fig.114 Amílcar Pinto, arq.; Estudo Urbanístico - Praça de Touros de Évora, Câmara Municipal de Évora, 1972

Fig.115 Amílcar Pinto, arq.; Estudo Urbanístico - Praça de Touros de Évora, Câmara Municipal de Évora, 1972

Fig.116 Amílcar Pinto, arq.; Estudo Urbanístico - Praça de Touros de Évora, Câmara Municipal de Évora, 1972

Fig.117 Amilcar Pinto, arq.; Estudo Urbanístico - Praça de Touros de Évora, Câmara Municipal de Évora, 1972

Fig.118 Amilcar Pinto, arq.; Estudo Urbanístico - Praça de Touros de Évora, Câmara Municipal de Évora, 1972

Fig.119 Amilcar Pinto, arq.; Estudo Urbanístico - Praça de Touros de Évora, Câmara Municipal de Évora, 1972

Fig.120 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.121 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.122 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.123 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.124 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.125 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.126 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.127 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.128 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.129 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Fig.130 Fotografia da Praça de Touros Simão da Veiga Júnior (Redondo), Câmara Municipal de Redondo

Índice de desenhos (autor)

p.79 Diagrama - esquema de lugares da Praça de Touros do Campo Pequeno

p.96 Mancha Urbana de Mourão esc. 1|15000

p.105 Praça de Touros de Mourão - Alçado Norte, Sul, Este, Oeste; esc.1|450

p.107 Praça de Touros de Mourão - Planta Coberturas; esc.1|450

p.109 Praça de Touros de Mourão - Planta Camarotes; esc.1|450

p.111 Praça de Touros de Mourão - Planta Interiores e Corte; esc.1|450

p.114 Mancha Urbana de Reguengos de Monsaraz esc. 1|15000

p.123 Praça de Touros de Reguengos de Monsaraz - Alçado Norte, Sul, Este, Oeste; esc.1|450

p.125 Praça de Touros de Reguengos de Monsara - Planta Coberturas; esc.1|450

p.127 Praça de Touros de Reguengos de Monsara - Planta Camarotes; esc.1|450

p.129 Praça de Touros de Reguengos de Monsara - Planta Interiores e Corte; esc.1|450

p.154 Mancha Urbana de Redondo esc. 1|15000

p.159 Praça de Touros Simão da Veiga Júnior - Alçado Norte, Sul, Este, Oeste; esc.1|450

p.161 Praça de Touros Simão da Veiga Júnior - Planta Coberturas; esc.1|450

p.163 Praça de Touros Simão da Veiga Júnior - Planta Interiores e Corte; esc.1|450

p.165 Praça de Touros Simão da Veiga Júnior - Corte 1 e 2; esc.1|450

p.175 Coliseu de Redondo - Alçado Oeste, Sul; esc.1|450

p.177 Coliseu de Redondo - Alçado Este, Norte; esc.1|450

p.179 Coliseu de Redondo - Planta Coberturas; esc.1|450

p.181 Coliseu de Redondo - Planta Bancadas; esc.1|450

p.183 Coliseu de Redondo - Planta Interiores-1; esc.1|450

p.185 Coliseu de Redondo - Planta Interiores-2; esc.1|450

p.187 Coliseu de Redondo - Corte 1 e 2; esc.1|450